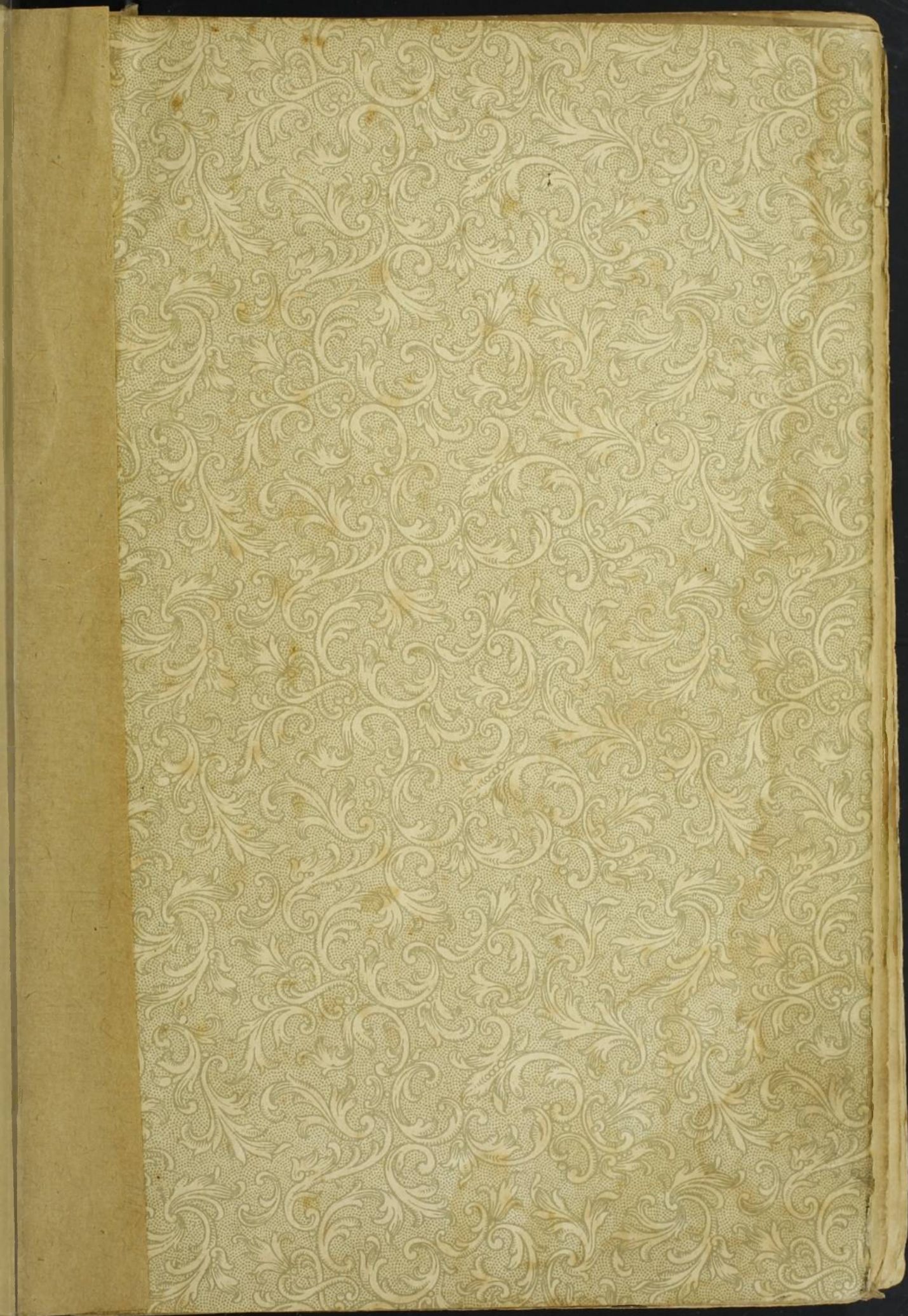
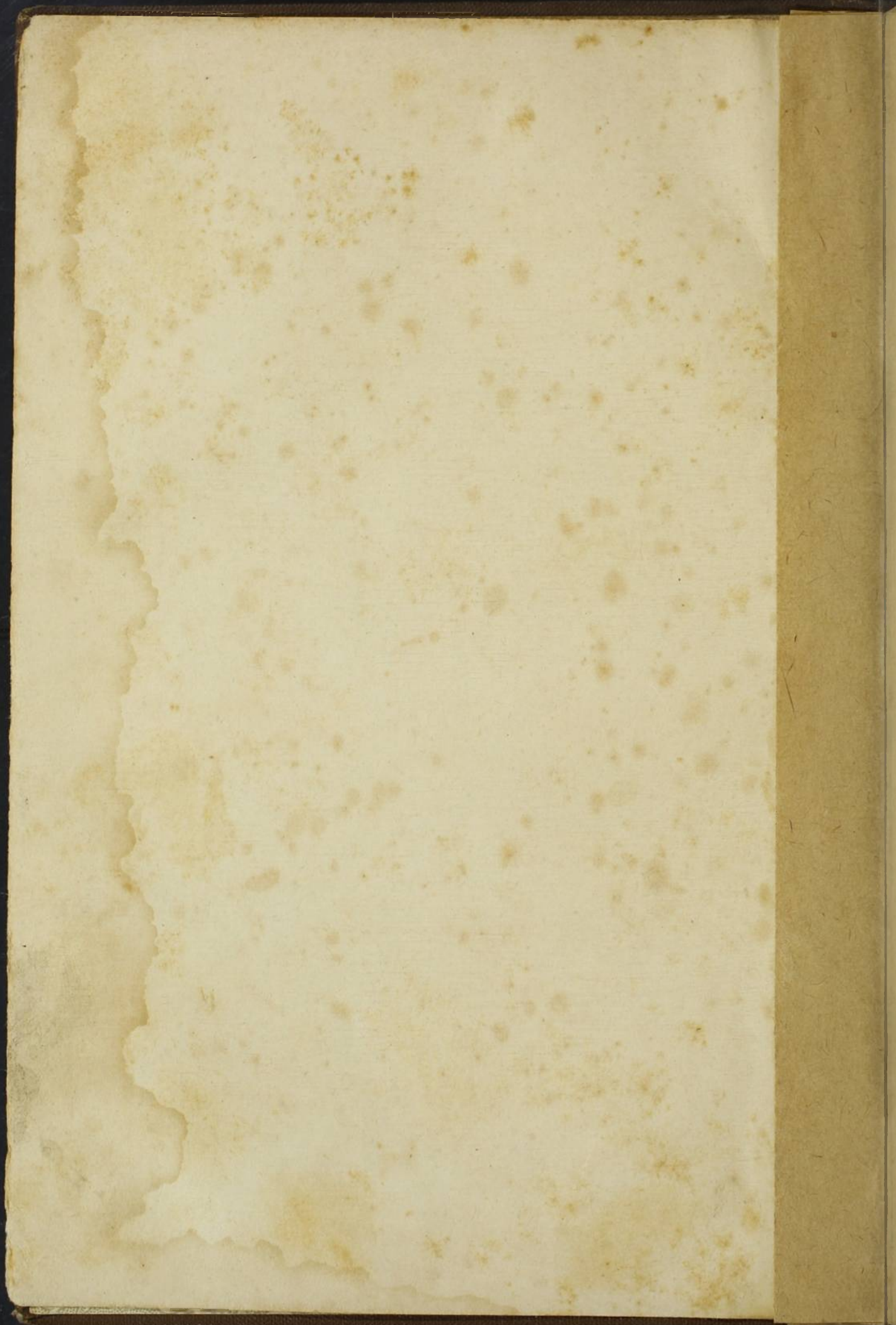


Viagens de Gulliver









Book 10

10

10



VIAGENS DE GULLIVER.

OBRAS JÁ PUBLICADAS DO MESMO AUTOR.

- I. — Contos selectos das mil e uma noites.
- II. — Robinson Crusóé.
- III. — Dom Quixote de la Mancha.

Edições de luxo, ornadas com riquissimos chromos, prefaciadas por
summidades litterarias.

AS VIAGENS
DE
GULLIVER

A
TERRAS DESCONHECIDAS

POR
JONATHAN SWIFT

Redigidas para a mocidade brasileira

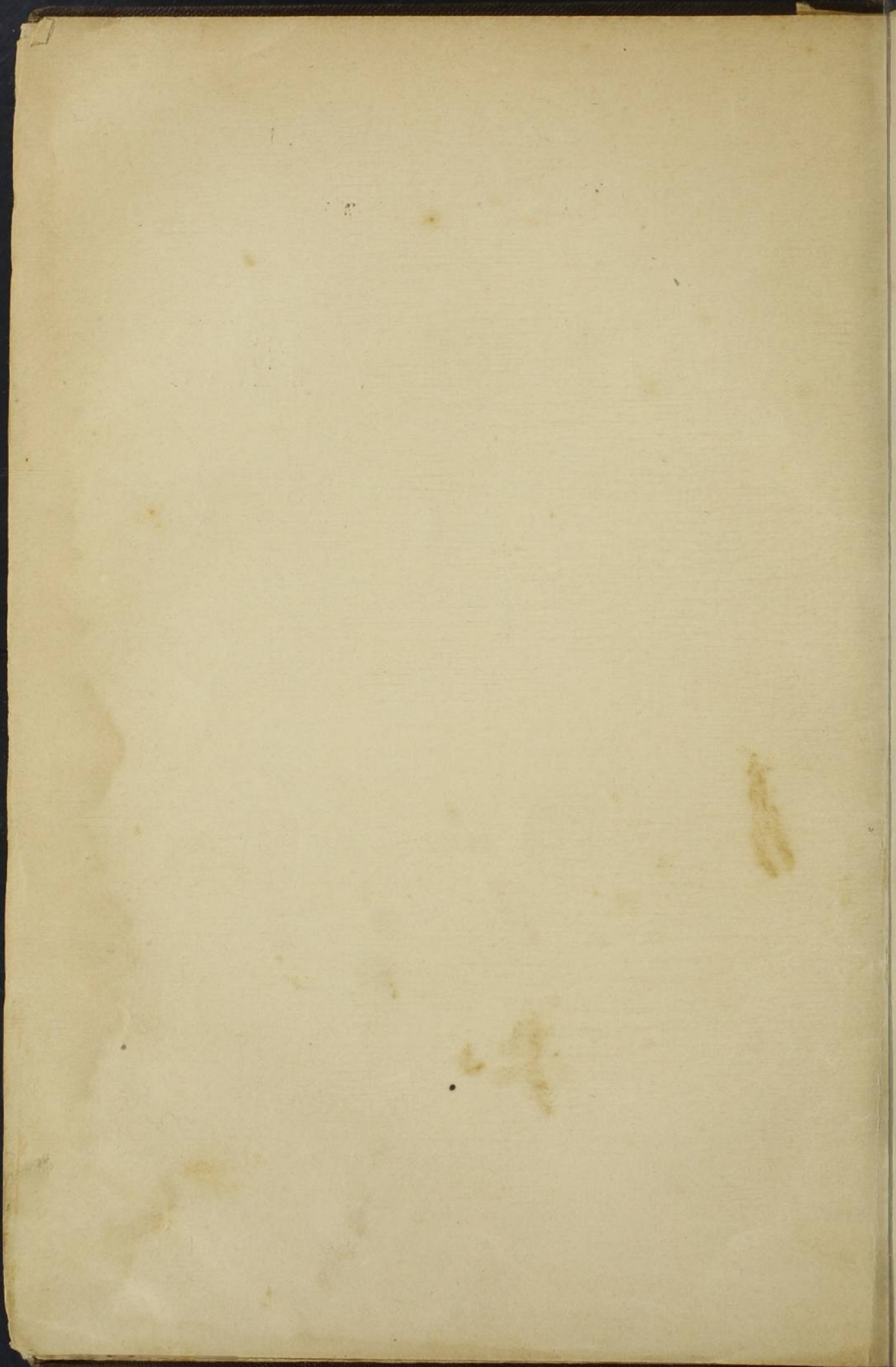
POR
CARLOS JANSEN

Edição de luxo, ornada com nove bellissimos chromos



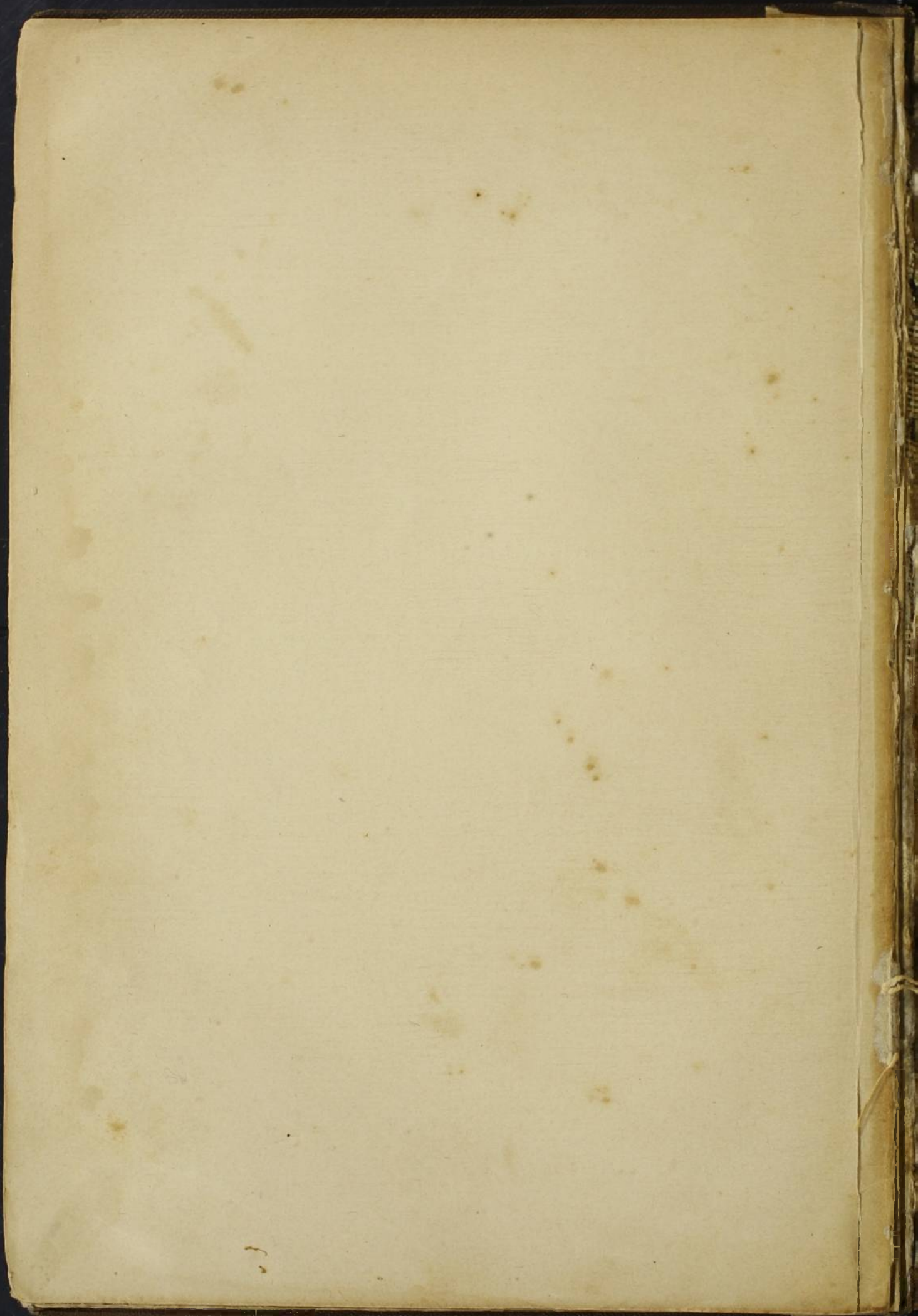
RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE

LAEMMERT & C.,
EDITORES-PROPRIETARIOS



Carlos Eugenio Dias de Castro
São Paulo, 16-2-909

LIVRO PRIMEIRO:
VIAGEM A LILIPUT.



CAPITULO I.



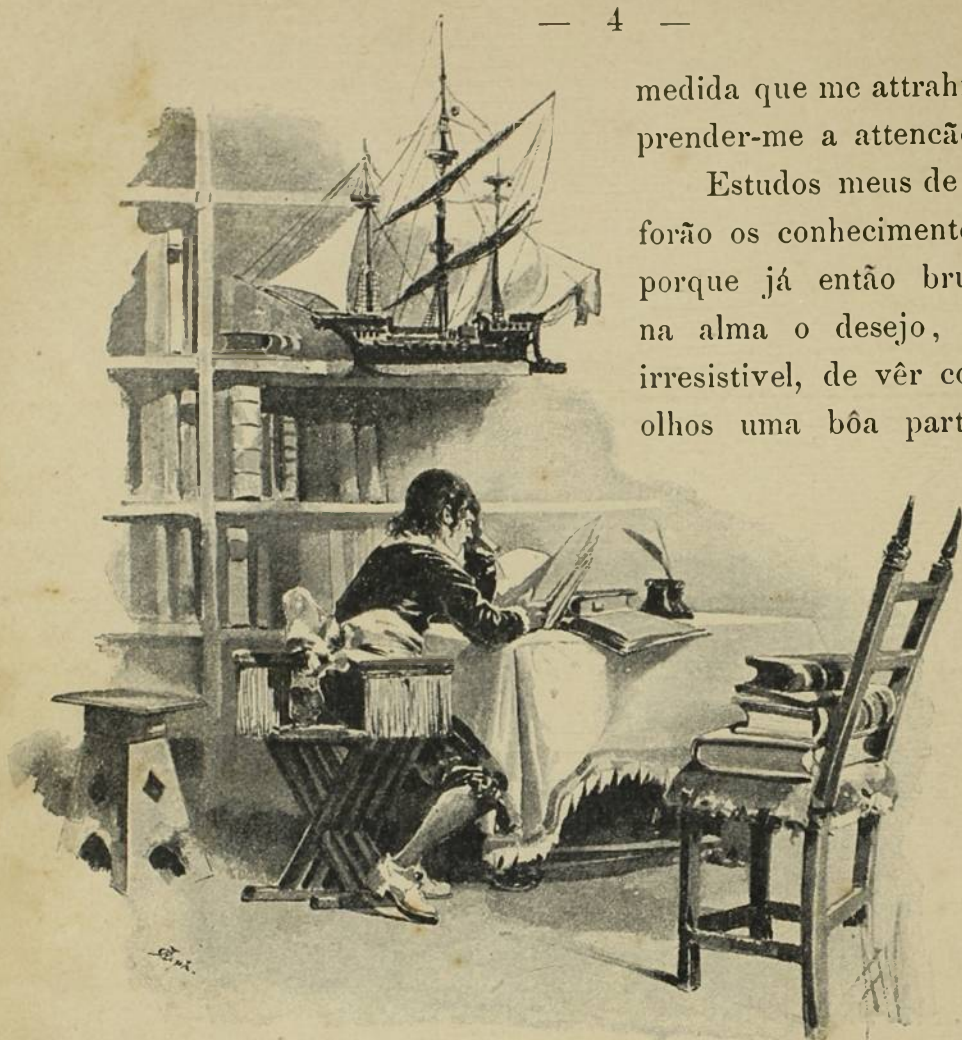
Nasci em Nottinghamshire, um dos muitos condados inglezes e, se a fazenda rural de meu pai não era muito consideravel, em compensação eramos cinco irmãos, sendo eu o terceiro.

Foi a minha infancia aquillo que sóe ser a infancia dos fazendeiros, isto é, occupei-me pouco de cousas uteis, vagueiando de preferencia por campos e florestas, em busca de ninhos de passarinhos, ou pescando nos claros regatos.

Não se póde affirmar que semelhantes occupações agradassem muito a meu pai; e, para dizer a verdade, tão pouco erão do seu gosto, que em um bello dia, — fazia eu justamente quatorze annos! — metteu a minha pessôa na diligencia e mandou-me á Cambridge, onde muito tratei das sciencias.

Uma destas, porém, a que ensina á gente a contar, evidenciou em breve a meu pai que as despezas, que commigo fazia, excedião em muito á quota dos rendimentos que para este fim podia destinar, e fui recambiado para a casa de um cirurgião de Londres, Mr. Bates, como aprendiz da arte do escalpelo.

Permaneci quatro annos em companhia desse excellente mestre, aprendendo não sómente tudo quanto se relaciona com o curativo de feridas velhas e novas, como ainda muitas outras cousas, a



medida que me attrahião e sabião prender-me a attencão.

Estudos meus de predileccão forão os conhecimentos nauticos, porque já então bruxoleava-me na alma o desejo, mais tarde irresistivel, de vêr com os meus olhos uma bôa parte da nossa bola terra-quea.

Atirei-me, pois, ás mathematicas e outras que taes, até que a cabeça me ardeu em labaredas, e convenci-

me de que saberia governar qualquer náo, se previamente praticasse um ou dous annos os misteres da bella navegação.

Acabou-se o meu tirocinio, como todas as cousas deste mundo; voltei á casa paterna, onde permaneci alguns dias, recebendo de meu pai e de alguns tios quinhentos mil réis, mais ou menos, de mimo, crescendo ainda o beneficio pela promessa que me darião annualmente duzentos, até que estivesse no caso de provêr pessoalmente as cousas da vida.

É escusado dizer que muito folguei com o achego e muito esperançado parti para a universidade de Leyden, onde estudei medicina quasi durante tres annos, contando tirar mais tarde muito bom proveito desta disciplina.

De volta a Londres, fui ter logo com o meu mestre venerando, Mister Bates, e pedi a sua protecção para obter o emprego de cirurgião em algum bom navio. Bates prometeu, e, o que melhor foi, soube cumprir. Arranjou-me uma collocação na *Andorinha*, a cujo bordo naveguei cousa de tres annos e meio, sem topar com aventura alguma digna de nota. Aborreceu-me então a vida maritima, e voltei para Londres, onde me estabeleci com consultorio de operador. X

Meu mestre auxiliou-me valiosamente cedendo-me parte de sua clinica, e arranjando-me o maior numero de pacientes.

Achei então a minha situação tão prospera, que lembrei-me de casar. A escolha não me levou tempo; fui ao altar e vi-me de posse da amavel Maria Burton, filha de um fabricante de meias, que tinha um pequeno peculio.

Vivemos felizes um par de annos. Mas, morrendo o meu protector, depressa conheci o que tinha sido para mim.

Além d'elle, não tinha muitos amigos, e repugnava-me lançar mão do charlatanismo, explorado por bom numero dos meus collegas: a minha fortuna soffreu formidavel baque, e pouco depois, o numero dos meus pacientes já não era sufficiente para o nosso sustento.

Reuni um conselho de familia; debaterão-se mil cousas e projectos, mas o fim de tudo foi que eu, deixando minha mulher em Londres, tornei ao serviço maritimo e percorri, durante seis annos, em varios navios, as paragens mais remotas do nosso globo.

Tendo feito algumas economias, voltei para a casa, encontrei minha mulher de bôa saude, e entreguei-me á esperanza fagueira de saborear agora uma vida tranquilla, porque conhecia tantos marinheiros, que não me podião faltar pacientes.

Mas, ai de mim! Estas esperanças mostrarão-se fallazes, e, esgotadas as minhas economias, acceitei o offerecimento do capitão Pritchard, da *Antilope*, de acompanha-lo como cirurgião de bordo em uma viagem ao mar das Indias.

Depois de terna despedida de minha cara esposa, que derramava lagrimas amargas por causa desta nova separação, embarquei e a 4 de Maio de 1699 levantamos o ferro; o nosso navio garboso, com todo o panno fóra, sulcou graciosamente, qual cysne airoso, as ondas traiçoeiras do vasto oceano.



Feliz derrota levámos nos primeiros mezes: era a bonança, que precedia á tormenta.

Ao deixar um porto da India, des-

encadeou-se um temporal furibundo, que nos açoutou de tal modo, que perdemos o rumo e em breve já não sabíamos em que ponto estávamos. Durante semanas inteiras reinou o temporal sem cessar. Os marujos estavam exhaustos pelos esforços sobrehumanos que tinham que empregar para manter o navio em bôa marcha; muitos adoecerão, e, para cumulo de adversidade da sorte, escassearão os viveres, perdendo-se muitos nas ondas salgadas que penetrarão nos porões. Já era insupportavel a nossa situação.

Foi senão quando a 5 de Novembro, em uma grande cerração, avistámos á distancia minguada um recife, sobre o qual iam os correndo em direitura.

Subirão aos céus clamores de angustia, e todos, enfermos e validos, acudirão para desviar a desgraça imminente que nos ameaçava.

Mas já era tarde. O vento soprava tão rijo, tão impetuosamente, que era impossivel dar ao navio um impulso menos perigoso. Corremos em carreira vertiginosa sobre os recifes, nos quaes bramavão as ondas horrivelmente, em luta ingente.

Auxiliado por uma meia duzia de marinheiros mais calmos, safei o bote maior para termos pelo menos um vehiculo de salvamento, embora bem fragil.

O resto da tripulação, o capitão inclusive, rojava-se no chão, estorcendo as mãos, lamentando-se, que mettia dó.

Mas os elementos se mostrarão surdos aos seus lamentos.

Violentemente impellido corria o navio, estalando em todas as juntas, e antes que passasse um minuto, sentimos um choque horrendo, que despedaçou com estrondo atordoador toda a embarcação, espalhando pelas ondas mugidoras destroços de mastros, costado e quilha.

Emquanto a tripulação e o commandante perecião nas aguas agitadas, eu e os meus companheiros guiavamos o nosso bote através da resaca. Por meia hora quasi conseguimos mante-lo fluctuando á força de remos; mas, de repente foi alcançado por



uma onda medonha, virou, e nós todos, com lamentosos clamores, desaparecemos nas águas inexoráveis.

Nunca soube o que foi feito dos meus companheiros.

Quanto a mim, nadador intrepido e amestrado, mantive-me á superfície das ondas, deixando ao vento e á maré o trabalho de levar-me para onde quizessem.

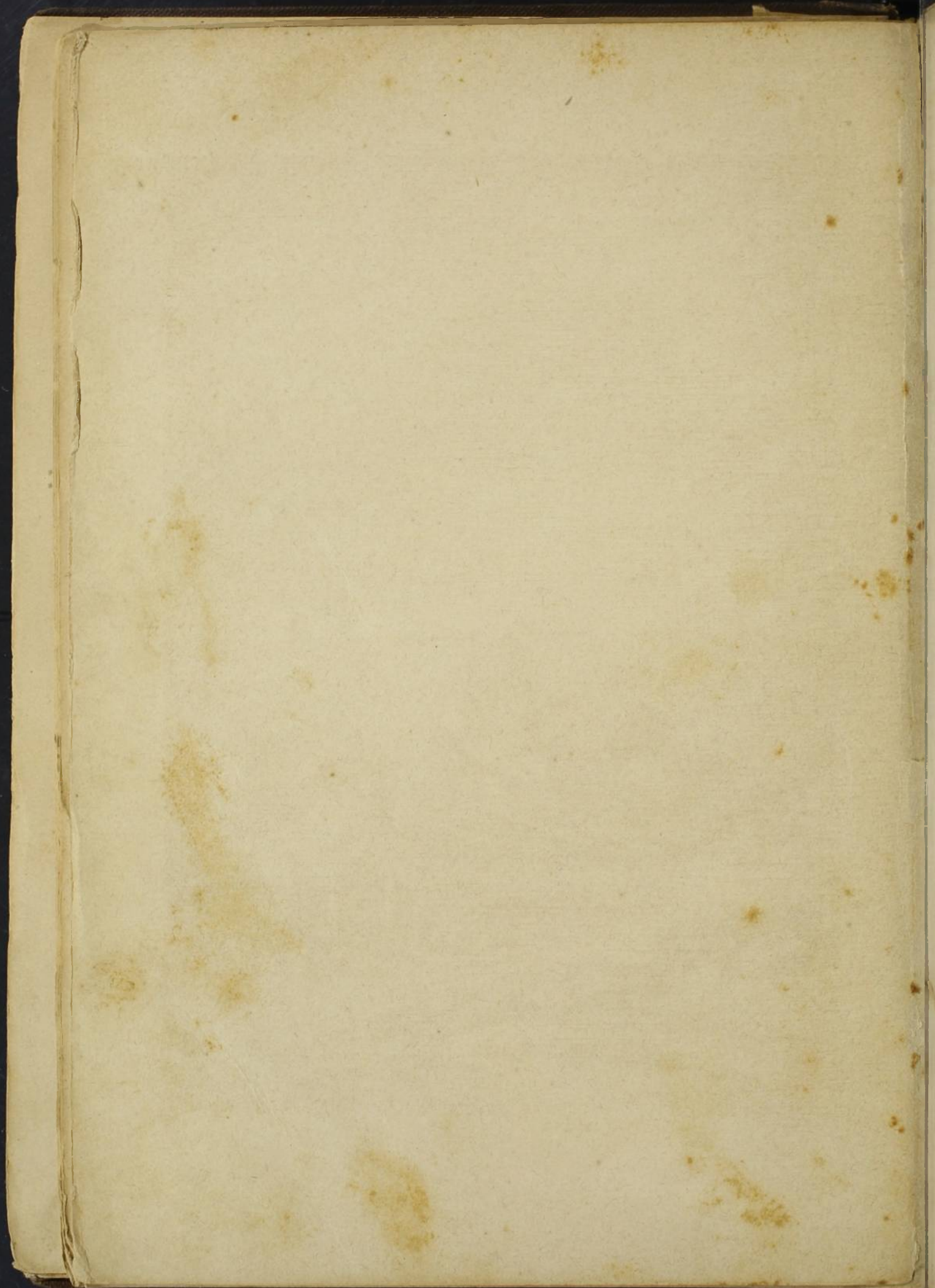
De quando em quando, intentava tomar pé, mas por muito tempo fôrão infructiferos os meus esforços, e já ia perdendo a esperança de salvar a vida dos mil perigos que me rodeiavão.

Por fim sublevou-me uma onda compassiva, arrastou-me em grande distancia e atirou-me finalmente em uma especie de banco de areia, onde tomei pé e empreguei todos os esforços para alcançar a ilha que não podia ficar longe.

Mais de meia hora patinhei n'água, estranhando o pouco declive do fundo. Por fim, havia de ser pelas oito da noite, alcancei a praia, e caminhei bem meia legua para o interior, em busca de algum abrigo, de algum socorro.

Com a luz incerta da noite crescente não me foi possível descobrir nem casas nem creaturas humanas, e, cansadissimo, acabei





por deitar-me no chão, coberto de uma relva quasi imperceptivel, mas summamente macia.

Em breve fiquei mergulhado em um somno profundo, e, sem exaggeração o posso afiançar, nunca em dias de minha vida tinha dormido tão descansadamente. É verdade tambem que nunca tinha passado por trabalhos tão aniquiladores.

Já era dia, e o sol me brincava no rosto, quando despertei.

Quiz levantar-me, mas bem depressa percebi que nem me podia mexer: todos os meus membros estavam tolhidos e o meu proprio cabello, que usava crescido, parecia estar pregado no chão.

Deitado de costas, além disto, só enxergava o céu azul e o sol dourado, que me arrojava á cara os raios ardentes e deslumbrantes.

Tratei, naturalmente, de romper os laços entorpecedores, mas os meus esforços fôrão em vão. Meus braços, minhas pernas estavam amarrados em pequenas estacas fincadas no chão, por cordas delgadissimas, que se cruzavão por cima de meu corpo dos hombros ás pernas em numero incalculavel.

Emquanto me senti admiradissimo por esta descoberta estranha, ouvi em redor de mim um sussurro inexplicavel. Em rigor podia ser comparado com o zunido de enorme enxame de abelhas, mas nada ao certo podia concluir acerca de sua origem.

De repente senti mover alguma cousa na minha perna direita, como se fosse, *verbi-gratia*, um ratão a passeiar.

Grande precaução desenvolveu esta cousinha ao caminhar-me pela barriga até o peito, e dali acercando-se da minha cara, que neste momento devia exhibir singular expressão de espanto.

Ao sentir a creaturinha perto da minha barba, revirei os olhos para baixo, e enxerguei por fim, com grande admiração, o sujeitinho que havia escolhido o meu corpo para passeio.

Era um homem legitimo, digo mal, um homunculo em regra, que de altura não chegaria a seis pollegadas, mas de aspecto gracioso e ameno.

Em ademanes não se afastava de uma creatura racional; o traço era decente; nas mãozinhas ostentava-se um arco com flechas, e de cinta luxuosa, dependurava-se-lhe um carcaz nas costas.

Não incomodei este visitante estranho e o resultado foi que em breve uns quarenta ou cincoenta lhe seguirão os passos, perambulando-me na barriga e no peito, como se meu corpo fôsse uma praça publica.

A principio arrei-me de paciencia; mas quando o formigar se tornou mais impertinente, gritei em voz alta: «Olá! Eia!»

Quem diria que o som de minha voz produzisse tamanho espanto aos pobres homunculos!

Corrêrão aterrados, atropellando-se uns aos outros, empurrando-se e rolando pelas minhas costellas abaixo!

Como soube mais tarde, muitos delles pizarão-se seriamente nesta quédia ominosa, havendo até quem quebrasse algum braço, alguma perna.

Pelo momento, porém, não dei por isto, percebendo, apenas um augmento consideravel do sussurro desenfreiado que me rodeiava.

Entretanto, vendo que não podia desvencilhar-me dos laços que me prendião, essa gatinha voltou do susto causado por minha voz.

Tornárão a trepar, e um delles, mais atrevido que os outros, encaixou-se-me na gola da casaca, mangrullo donde podia avistar-me a cara.

Não imaginam a expressão do mais profundo espanto, da admiração sem limites, com a qual ergueu as mãozinhas ao céu ao contemplar-me, até que por fim soltou o grito: *Aekina degul!*

A vozinha era clara e intelligivel, mas summamente delgada; assemelhava-se ao guincho dos ratos, só que era um pouco mais intensa.

Os seus companheiros repetirão mais de cem vezes a exclamação: *Aekina degul!* que naturalmente nesse tempo eu ainda não entendia, traduzindo-a, entretanto, pela expressão mais energica de admiração de que fôsse capaz aquelle povinho miudo. .

Vendo, porém, que ninguem fazia menção de libertar-me dos meus laços, impacientei-me sempre mais, de momento em momento, chegando por fim, por meio de um esforço heroico, a arrancar do chão as estacas que me prendião o braço esquerdo. Ao mesmo tempo consegui affrouxar as ataduras do meu cabello, de modo que pude erguer um tanto a cabeça, e move-la de um lado para o outro.

Então tratei de apanhar um dos homunculos. Elles, porém, desaparecêrão como um raio, soltando uns guinchos penetrantes, que parecião traduzir um sentimento de chacota relativamente á impotencia a que eu estava reduzido.

Mas, logo em seguida, percebi uma vozinha que dizia em tom de mando: «*Tolgo phonac*» e senti logo em minha mão esquerda uma espicção dolorosa, comprehendendo que cem ou mais flechas a tinhão crivado. Não excedião estas flechas a um alfinete em comprimento, e as feridas leves que occasionárão, tambem erão como de alfinetadas.

Á primeira descarga, que já não me tinha deixado satisfeito, seguiu-se logo outra, feita por elevação; as flechas cahirão-me no corpo e na cara; estas ultimas incommodarão-me bastante, de modo que cobri immediatamente o rosto com a mão, redobrando, entretanto de esforços furiosos para sahir da minha posição vexatoria.

A unica cousa que alcancei, foi nova chuva de flechas, chegando alguns dos meus perseguidores, tão maliciosos como diminutos, a querer ferir-me pelos costados com suas lanças e dardos. Felizmente não tiverão força para traspasar um collete de bufalo que trazia debaixo da roupa; e assim sahi-me desta aggressão encarniçada sem maior inconveniente.

CAPITULO II.

Entretanto já tinha imaginado que nada alcançaria pela força; resolvi, pois, manter-me quieto até á noite, esperando poder romper na escuridão os meus laços com a mão esquerda, já livre de peias.

Se conseguisse libertar-me, não duvidava poder arcar com todos os indigenas, comtanto que não fossem mais altos do que os que até então tinha visto.

Mantive-me, pois, quietinho, e aguardei a noite com paciencia; mas não cheguei a realizar o meu projecto.

Quando os meus sitiadores me virão tão resignado e calmo, cessarão as suas hostilidades; pelo ruido, porém, que crescia de momento em momento, percebi que o numero delles ia augmentando sempre. Além disto ouvi, pouco depois, perto da minha cabeça pancadas incessantes, martelladas como de carpinteiros a levantar uma armação. Olhei para o lado donde vinha esta bulha, e vi que muitos dos pygmeus estavam occupados em construir uma torre que bem podia ter dezoito pollegadas de altura, na qual subião e descião agilmente em pequenas escadas de mão.

Prompta a torre, subiu ao terraço um homunculo com tres companheiros, tomou postura adequada ao caso, e dirigiu-me com muito donaire um discurso immenso, do qual naturalmente não entendi nem uma syllaba.

Antes de principiar esta peça oratoria, tinha exclamado tres vezes:

«*Langro dehul san!*» palavras que mais tarde me fôrão explicadas. Immediatamente uns cincoenta ou sessenta dos indigenas chegarão-se correndo perto de mim, e affrouxárão um pouco as cordas que me prendião a cabeça do lado esquerdo, de modo que pude encarar commodamente o orador. Era um sujeito vistoso e compassado, que excedia aos companheiros pelo menos pela metade



da cabeça, sendo elles apenas do tamanho do nosso dedo maior. Exhibiu-se orador habil e exercitado, porque, posto que eu não entendesse o que dizia, seus gestos erão tão expressivos e os movimentos de suas mãos tão característicos, que percebi que ora me ameaçava, ora me affagava; ora tranquillizava, ora fazia promessas.

Tendo elle terminado, respondi eu algumas palavras, acompanhadas de signaes de humildade e de submissão.

Julgando ter patenteadado sufficientemente as minhas intenções pacíficas, tratei de significar-lhe que tinha fome e sede, apontando para a minha bocca e meu estomago, imitando o trabalho da

mastigação e da deglutição, e houve-me tão bem, que o *hurgo*, como naquelle paiz chamão as pessoas de posição, me comprehendeu perfeitamente, e me fez um signal de concessão.

Desceu immediatamente de sua torrezinha, e logo depois senti que me encostavão escadas no corpo e obra de cem homemzinhos subião afanosamente.

Trazião um sem numero de cestos, pratos e outras vasilhas contendo manjares bem preparados, enviados por ordem d'el-rei.

E escusado dizer que me atirei com vontade ao presente de Sua Magestade e que em um instante expedi tudo.

Havião mandado um sem numero de pernas e lombos, de paladar succulento; mas o maior dos assados era mais pequeno do que na minha terra uma aza de calhandra, e como a fome era muita, mettia-os de tres a tres na bocca, mastigando ao mesmo tempo meia duzia de pãezinhos tostados, do tamanho de uma bala de espingarda.

A gentinha, que me rodeava, muito se admirou do meu bom appetite, e via com espanto desaparecer os quartos e costados de vacca e as pernas de carneiro, em minha bocca que tudo triturava. Entretanto acudião os meus fornecedores com tanto afan com a comida, que erão evidentes as suas intenções pacificas para commigo, pelo menos emquanto me resignasse pacientemente ao meu fado.

Saciada a fome, tournou-se impertinente a sêde. Dei a entender aos meus homunculos que queria beber, e com grande trabalho arrastárão para perto de mim os dous toneis maiores de toda a sua terra. Postos ao alcance de minha mão esquerda mettêrão dentro um dos fundos, e eu, com muita commodidade levei um tonel á bocca e bebi de um só trago o seu conteúdo, o que, aliás, não era difficil, visto que orçava em menos de meio litro. O outro teve a mesma sorte, e achei a bebida amena e de bom paladar, melhor que um bom Borgonha; o seu unico defeito era ser pouco, mas este era irremediavel, porque não havia mais, como me significárão em resposta á minha pantomima de pedir reforço.

A minha habilidade de tragar tinha despertado nova agitação aos homunculos. Saltarão e pularão, e mais de mil vezes exclamarão com grande alarido: *Aekina degul! Aekina degul!*

Por fim significarão-me que puzesse no chão os toneis vazios que havião ficado no meu peito, e soltarão a exclamação: *Borach mevola!* para arredar os sujeitos que se achavão perto de mim, afim que não fôssem esmagados pelos toneis. Indescriptivel foi o seu jubilo, quando os virão cortar o ar, arrojados ao longe por minha mão: *Aekina degul! Aekina degul!* — repetião os pygmeus, espantados por minha força prodigiosa.

Mentiria, se dissesse que nunca senti vontade de agarrar meia duzia destes bichinhos, que me perambulavão tão sem cerimonia no corpo, para fazer-lhes como tinha feito aos toneis. Resisti, porém, á vontade que sentia, lembrando-me dos prejuizos, que me poderião resultar, e ponderando a bôa vontade que tinhão mostrado em alimentar-me, e que não devia pagar com ingratição. Admirava-me, entretanto, o arrojo com que estes homunculos corrião no meu individuo sem patentear o menor reccio, apesar de eu ter a mão esquerda livre e dever parecer-lhes como a nós parecem os monstros anti-diluvianos.

Achando-me eu satisfeito, — visto que nada mais pedia, — acercou-se de min um delegado d'el-rei, sujeito de muita importancia. Acompanhado de doze grandes da côrte, subiu-me cautelosamente no tornoselo, encaminhou-se cheio de dignidade e unção ao meu rosto e exhibiu aos meus olhos uma credencial do seu soberano, disparando-me em seguida o discurso que trazia engatilhado. Não se lhe notava nem ira nem ameaças no discurso, mas uma certa firmeza e decisão, destinada a exhortar-me a que me sujeitasse submissamente ás decisões régias a respeito do meu pobre individuo. Durante o seu discurso, o orador apontava frequentemente para um rumo em que demorava a capital do reino, — como soube mais tarde; comprehendí que querião remover-me do sitio em que me achava, e dei humildemente a conhecer que me submettia a qualquer

determinação de Sua Magestade, pedindo, entretanto, que me tirassem as cordas, e me deixassem andar em liberdade.

Entendeu o enviado perfeitamente os meus gestos; significou-me, porém, em ar de enfado, que me calasse, que só podia ser removido em condição de prisioneiro; mas que nada me havia de faltar, nem comida, nem bebida, nem cuidados.

Obtendo assim a certeza de que o meu captivo continuaria, lembrei-me um momento de tentar de novo libertar-me por minhas próprias forças. Mas, se na minha mão esquerda doião ainda as feridas feitas pelas flechas... por que provocar nova aggressão? Dei a entender ao *hurgo* que acatava as ordens, ao que elle me fez uma reverencia ceremoniosa, retirando-se com todo o seu sequito, provavelmente para ir dar conta de sua missão ao soberano.

Algum tempo depois da partida do *hurgo*, retumbárão novos gritos jubilosos, entre os quaes consegui distinguir as palavras: *peplom selam*. Em breve senti de novo o formigueiro em redor de mim, e percebi que os homunculos, com grande afan, affrouxavão os laços da minha esquerda, de modo que me foi licito virar-me sobre o costado direito. Ao mesmo tempo untarão-me cara e mãos com uma pomada summanente perfumada, que sem demora tirou-me todas as dôres.

O ruido que me cercava, tão semelhante ao sussurro de um enxame de abelhas, atordoou-me por fim. Cansaço invencível apoderou-se de mim, e em breve adormeci e dormi durante oito horas puxadas, graças ao narcotico que os medicos do paço me havião misturado no vinho, como soube mais tarde.

Pareceu-me então, — e ainda hoje o creio, — que despachárão um correio ao rei, logo que me encontrárão; informado de tudo, Sua Magestade reuniu o seu conselho, e ficou assentado que eu fôsse atado, alimentado e desalterado do modo já descripto, para ser collocado em uma machina de transporte e levado á capital.

Como tive ensejo de observar no correr do tempo, esse povinho, no qual cahí por acaso, tem disposições maravilhosas para construir

machinas poderosas. S. M. el-rei, protector nato das artes e sciencias, que promovem o bem-estar da nação, é proprietario de muitos productos artisticos da mecanica. A maior parte destes artefactos são destinados ao transporte de grandes pesos, troncos de arvores grossos e compridos, edificios inteiros e navios de guerra, alguns de nove pés de comprimento e mais, que são construidos no matto mesmo, por causa da facilidade com a qual se realiza o córte da madeira, e depois levados nos taes carros á cidade ou ao mar.

El-rei tinha ordenado, pois, a quinhentos constructores de machinas que puzessem mãos á obra e promptificassem o maior vehiculo do reino, para transportar-me para a capital.

Não tardou o tal carro em apparecer. Era uma armação de taboas de sete pés de comprimento e quatro de largura, elevada tres pollegadas acima do solo, descansando em vinte e quatro rodas. Encostado este carro a meu corpo, surgiu para os pobres homunculos a tarefa de içar-me com todo o meu peso sobre a platafórma.

Eis aqui como procedêrão.

Começarão por bater oitenta estacas reforçadas até que só deixassem meio metro acima do terreno. Em seguida passarão-me grande cópia de fitas largas nos braços, nas pernas, no peito e na cabeça; estas fitas terminavão em grossas cordas, da consistencia de um barbante nosso, as quaes corrião por meio de roldanas, sendo puxadas por novecentos dos mais robustos trabalhadores com todas as forças de que dispunhão, até manter-me suspenso. Alcançado este exito, foi facil empurrar o vehiculo para baixo de mim e descer-me cuidadosamente sobre a platafórma. Atarão-me solidamente, e o carro foi puxado para a côrte, que distava meia legua, por mil e quinhentos cavallo das cavalhariças régias, dos quaes nenhum passava de doze centimetros de altura.

Correu perfeitamente a viagem, e só quatro horas depois de começada, fui despertado do meu somno por um acaso. O carro teve de parar, para um pequeno concerto. Aproveitárão o ensejo

alguns indigenas, que ainda não me tinham visto a cara, para trepar e contemplar-me.

Havia, entre elles, um alferes da guarda d'el-rei, arrogante e mettidoço, que, vendo o meu nariz, naturalmente monstruoso para elle, teve a lembrança de introduzir nelle o seu espadim.

O resultado era de esperar. As coegas feitas com a arma, parecida com uma hastezinha de capim, originarão-me tregeitos da cara, seguidos de um formidavel espirro, que me acordou. Os indigenas, porém, sentirão susto tamanho ao ouvir o estrondo horrendo, que fugirão com a velocidade do raio. O alferes, causador do phenomeno, tropeçou em um botão do meu collete, e cahiu do alto da minha perna tão desastradamente, que durante semanas inteiras soffreu dôres em todos os ossos. Foi, pelo menos, o que depois me contarão.

Concluido o concerto do carro, continuou a viagem; mas, posto que vencessemos um bom trecho, não pudemos alcançar a cidade naquelle dia.

Parámos, pois; accendêrão archotes, e mil e quinhentos soldados, armados



de arcos e lanças, montarão guarda ao redor de mim. A ordem era de matar-me na primeira tentativa de fuga. Mas eu nem sequer cuidava em fugir, e passei tranquillamente a noite, posto que não mais commodamente.

Na manhã seguinte continuou a viagem, e tanto fizeram os cocheiros, que ao meio-dia nos achámos a duzentos passos da capital.

Parámos de novo, porque vinhão ao nosso encontro el-rei e sua côrte, e todo o seu exercito, sequiosos todos de deleitar-se no aspecto da minha pessoa phenomenal.

El-rei teve a coragem de acercar-se bastante de mim, e parecia até ter vontade de subir-me no corpo. Seus dignitarios, porém, o detiverão desta empreza arriscada.

Perto do sitio em que nos achavamos havia um templo anti-quissimo, interdito ha muito, por causa de um assassinato commettido nelle. Este edificio, o mais vasto de todo o paiz, devia servir-me de habitação. A entrada, um portão, que olhava para o norte, tinha quatro pés de altura e dous de largura, de maneira que podia transpô-lo de gatinhas.

De ambos os lados da porta havia uma janellinha; em uma dellas o feirreiro régio prendeu em fortes argollas de ferro seis duzias de cadeias da grossura dos cordões de ouro, usados no relógio por nossas damas. Estas correntes, das quaes cada uma tinha quatro metros de comprimento, me fôrão algemadas na perna esquerda por trinta e seis cadeiados de ferro.

Emquanto se procedia a esta operação, el-rei subiu a uma torre de cinco pés de altura, situada defronte do templo do outro lado da estrada real, para obter um golpe de vista mais completo sobre meu individuo. Ao mesmo tempo cerca de cem mil homunculos me rodeiavão, contemplando-me com grande espanto, e fazendo o possivel para tocar-me pelo menos no fato; e, apesar das ordens severas do rei, e da opposição valente dos guardas, mais de mil trepárão no meu corpo, e o percorrêrão em todos os sentidos. Só

a ameaça formal da pena de morte livrou-me do tropel desses bichinhos curiosos.

Presas as correntes, os trabalhadores julgáram poder cortar sem perigo as cordas que me atavam ao carro.

Soltarão-me, e mal disposto levantei-me de vagar e dei alguns passos para desentorpecer os membros endurecidos pela longa posição fatigante que tivera até então.

O povo espantado gritou jubiloso quando viu os meus movimentos, e para fugir da bulha e poder meditar alguns momentos em paz, entrei de gatinhas na minha prisão e estendi-me no chão em todo o meu comprimento.

CAPITULO III.

Depois de um curto descanso, ergui-me e sahi do meu templo; tanto quanto as minhas correntes m'o permittião, passei de um lado para o outro, deleitando-me em contemplar a paisagem, que realmente não só era uma das mais amenas, mas ainda das mais interessantes que jámais encontrei em minhas viagens numerosas.

Natureza e esforços dos habitantes havião andado de mãos dadas para crear uma verdadeira maravilha.

A perder de vista estendião-se diante de mim campos bem cultivados e cercados, cobertos de flôres e fructos, sendo todos do mesmo tamanho, isto é, de quarenta pés em quadro.

Alternavão as cêrcas com selvas densas e sombrias, cujas arvores não excedião a sete pés de altura.

Cortavão os campos regatos crystallinos, cujas margens erão enfeitadas do verde tapete de relva, dos prados matizados de milhares de flôres odoríferas.

No primeiro plano, á minha esquerda, elevava-se a capital, com suas torrezinhas, seus zimborios diminutos, suas casinhas, constituindo um todo semelhante ás cidades de brinquedo, com as quaes se divertem os pequenos na minha terra.

Emquanto alegrava a vista com semelhante espectaculo ameno, o rei desceu de sua torre, montou a cavallo e dirigiu-se em direitura a mim.

Mas para os proprios soberanos ha ás vezes inconvenientes, que lhes tolhem a liberdade; foi desta vez o nobre ginete fogoso que chegou a pôr em risco a vida d'el-rei, rebellando-se contra o freio e os acicates, corcoveando e saltando como louco ao aspecto da minha pessoa.

El-rei, porém, revelou que na arte de governar era eminente, ainda que se tratasse do governo de um quadrupede: mostrou-se firme na sella, até que os estribeiros e picadores agarrassem pelas redeas o corcel furioso.

Unindo á prudencia o garbo, Sua Magestade apeiou-se então, e acercou-se de mim, tão commedido, porém, que não lhe poderia ter feito mal algum, ainda que eu quizesse.

Com espanto não fingido Sua Magestade contemplou-me por todos os lados, durante bastante tempo.

Por fim despertou-lhe o desejo de vêr-me comer.

A um aceno da régia mão, voárão os cortezãos, e tão depressa como um sacrista diz *amen*, voltárão com um sem numero de carrinhos, que parárão tão perto de mim, que os podia alcançar com a mão. Havia alli mais de cincoenta destes vehiculos, cheios dos melhores productos dos cozinheiros reaes, sem esquecer as bebidas deliciosas.

Como estivesse de bôa disposição, fiz uma limpa veloz: os assados de toda a laia desapparecêrão em menos de cinco minutos, e o vinho seguiu o mesmo caminho sem mais demora, porque eu tinha despejado as garrafinhas microscopicas em um dos carros, bem fechado, sorvendo assim tudo de um só trago, a bem dizer.

El-rei, a rainha, os principes e as princezas deleitavão-se immensamente em assistir a esta refeição monstruosa para elles, e tive occasião de vê-los detidamente, principalmente a el-rei.

Sua Magestade era um homem vistoso, cheio de robustez, sem prejudicar a elegancia, e excedia em altura aos seus cortezãos pelo menos na largura de uma unha minha, o que lhe dava grande prestigio entre os seus subditos que, como todos os povos, não erão insensiveis á influencia dos dotes naturaes. O rosto d'el-rei

era formoso e varonil; um bello bigode sombreava-lhe os labios um pouco cheios, e os olhos brilhantes dardejavão raios impetuosos; o nariz era um tanto encurvado, o que dava ao rosto um aspecto de firme energia. De tez ligeiramente morena, usava o cabello sedoso em longos cachos, que cahião-lhe nos hombros possantes. Porte, ademanes, gestos, tudo era magestoso, cheio de graça. Todos os membros erão de proporções maravilhosas. El-rei tinha alcançado então os seus vinte e nove annos, achando-se, pois, no vigor da sua vida, havendo governado já durante sete annos, como monarcha feliz e victorioso. O trajo era simples, meio asiatico, meio europêu. Um capacete de ouro, ornado de pedras preciosas e plumas ondulantes cobria-lhe a cabeça; espada formidavel, em bainha de ouro tinia-lhe ao lado, e no cinturão brilhava um punhal recurvado, igualmente guarnecido de pedraria. A espada tinha quasi tres pollegadas de comprimento e era muito larga, de modo que, para um homemzinho tão diminuto, devia ser trabalho ingente, brandi-la. Quando se approximava muito de mim, puxava desta espada, para estar habilitado a defender-se, caso eu me soltasse das minhas correntes. A voz era clara e intelligivel e de tão bom timbre, que perfeitamente o entendia, mesmo estando eu erecto em toda a minha altura.

Dirigiu-me varias vezes a palavra, e eu respondi-lhe sempre com muita deferencia. Supponho, porém, que não me entendia, assim como eu não o entendia a elle.

Sua côrte, cavalheiros e damas, formigavão ao redor delle, e os trajos multicolores delles relumbravão de ouro e pedrarias, de modo que toda esta mó vistosa se parecia, aos meus olhos, com um tapete precioso, tecido artisticamente com côres pomposas.

Quando el-rei percebeu que não entendia nem uma das minhas palavras, mandou chamar seus sabios, gente que nunca falta nas côrtes reaes, e ordenou-lhes que tratassem de entender-se commigo.

Eu mesmo esforcei-me por alliviar-lhes o trabalho, dirigindo-lhes a palavra successivamente em allemão, inglez, francez, hespanhol,

italiano e na lingua franca... mas tudo foi em vão; retirou-se, por fim, a côrte, quando ficou evidenciado que era impossivel conversar commigo.

Apezar da guarda que me rodeava, tive de supportar grande cópia de incommodos por parte do populacho, depois da retirada do rei. Vião estes homunculos em mim um verdadeiro phenomeno; acercavão-se de mim sem vergonha, e alguns dos mais atrevidos atirárão-me flechas, que me ferirão em varias partes do corpo.

Por fim o commandante da guarda, cansado de admoestar, mandou agarrar meia duzia dos mais importunos, e entregar-m'os, para o devido castigo.

Se tivesse cedido ao primeiro impeto de raiva, teria esmagado os malfeitores entre os meus dedos, o que, sem duvida, teria sido uma grande imprudencia na minha situação actual; limitei-me, pois, a dar-lhes um bom susto. Mettendo cinco em minha algibeira, fiz menção de engulir o sexto, que tinha na mão. O' populacho, que me rodeava, e seguia anciosamente cada um dos meus movimentos, soltou gritos de terror; mais ainda guinchava o meu prisioneiro, que se me estorcias entre os dedos como uma lamprêa.

Tendo-o por sufficientemente castigado, sentei-o na palma da minha mão, cortei com o meu canivete as cordas que lhe prendiam as mãos e colloquei-o no chão. Do mesmo modo procedi com os outros. Todos os seis saltárão de alegria e o povo applaudiu com grande alarido de enthusiasmo. A minha clemencia não só impressionou favoravelmente aos circumstantes, como tambem a toda a côrte, como soube mais tarde, tendo chegado a noticia della em momento bem critico para mim.

A noite vinha chegando; recolhi-me, pois, ao meu templo, e accommodei-me o melhor possivel nas lages duras e frias desta prisão, e durante quinze dias continuou este incommodo. Por fim tive uma cama por ordem d'el-rei. Para confecciona-la tinhão lançado mão de seiscentas caminhas dos indigenas, e nem por isto resultou lá muito molle e abrigada. Entretanto, já era uma melhora,



comparada com o men-
leito anterior, e pela pri-
meira vez desde o meu
cativeiro, passei uma
noite mais descansada.

Entretanto havia-se
espalhado por todo o paiz
a noticia da minha che-
gada; de todos os recantos do paiz acudião
curiosos para verem o monstro arribado.

Cidades e aldêas ficarão sem habitantes, e o rei, para livrar o
commercio e a agricultura da sensivel estagnação, teve de mandar
publicar um decreto, prohibindo a que quem quer que fôsse se approxi-

masse cinquenta passos da minha habitação, sem um passe do competente secretario do estado.

Diminui esta medida um pouco a agglomeração dos curiosos, e fiquei mais folgado e descansado, do que quando tanta gente me rodeiava e olhava boqui-aberta como a um phenomeno.

Emquanto eu vivia assim descuidadamente, viu-se em lençóes de onze varas o conselho do rei, não podendo chegar a um accôrdo relativamente ao destino que se me havia de dar.

Propostas horrendas apparecêrão, como soube posteriormente; propostas para expedir-me desta para a melhor.

Embora não molestasse a ninguem, vivião todos assustados com a ideia de que um bello dia podia chegar a romper as minhas cadêas.

Lembrou um dos conselheiros que não seria máu matar-me com flechas envenenadas.

Dizia outro que seria melhor privar-me dos alimentos, para que eu mingoasse até exhalar o ultimo suspiro.

Outro havia que quiz queimar-me vivo.

A este seguiu-se conselheiro menos atroz, que se contentava com o expediente de afogar-me.

E os outros, mais ou menos, rezavão pela mesma cartilha.

O rei a tudo isto tinha sacudido a cabeça, objectando com muita prudencia que o máu cheiro que exhalaria um cadaver tão monstruoso como o meu empestaria a capital e todo o paiz, podendo perecer a metade dos habitantes em castigo da minha morte. Assim, considerações hygienicas chegarão, pelo menos uma vez, a salvar uma vida.

Sobrava, porém, para o proprio rei, a difficuldade do meu sustento, unica apprehensão que tinha a meu respeito.

Em quanto assim deliberavão, entrou um ajudante na sala do conselho e contou em poucas, mas energicas palavras, como eu tinha procedido com os seis malfeitos, entregues ao meu alvitre.

A minha clemencia tal impressão fez em toda a assembléa,

que ninguém mais se lembrou de minha morte, convergindo todos os pareceres no ponto importante do meu sustento.

Assentou-se, por fim, que todas as aldêas na redondeza de mil passos, terião que fornecer diariamente seis bois, quarenta carneiros e outros comestiveis, além do vinho e do pão indispensaveis, indemnizando Sua Magestade os seus subditos destes fornecimentos.

Decidiu-se, além disto, que seiscentos guardas estarião sempre á minha disposição, e para que não tivessem de soffrer das inclemencias do tempo, armarão-se logo seiscentas barracas ao redor do meu templo, em que de noite pudessem dormir e de dia recreiar-se, enquanto eu não reclamasse os seus serviços. Trezentos alfaiates tiverão ordem de empregar todo o seu engenho para confeccionar-me um trajo nacional, e seis sabios ficarão encarregados de instruir-me com afinco no idioma vernaculo.

Finalmente, para acostumar os cavallos da guarda d'el-rei ao meu aspecto, os regimentos tinhão de vir manobrar todos os dias defronte do meu templo, e, para que nunca mais ginete algum se lembrasse de sacudir o sagrado vulto de Sua Magestade, o estribeiro-mór mandou passear todas as manhãs os seus pensionistas ao redor de minha pessoa.

E escusado acrescentar que estas ordens fôrão cumpridas á risca.

Em menos de seis semanas já tagarellava eu com os meus doutos professores, graças ao afan que havião mostrado no desempenho de suas funcções, auxiliados frequentemente por Sua Magestade em pessoa, que era um poço de sabedoria, e dignava-se ás vezes discutir commigo raizes e flexões, prefixos e suffixos, e até infixos, que tanta importancia têm nos mysterios da glottologia.

Logo que soube manejar soffrivelmente a lingua nacional, pedi com grande humildade ao rei que mandasse tirar-me as correntes, deixando-me em liberdade.

Sua Magestade, porém, esquivou-se, enquanto podia, de dar uma resposta decisiva; alludia ao futuro, e cobria-se com a dis-

posição constitucional, de que nada podia sem o consentimento dos seus ministros e conselheiros. Além disto era mister que eu, antes de tudo, *lumus kelmin pesso desonar lon emposo*, isto é, que jurasse a paz com elle e seu reino. Que, por emquanto pacientasse e me mostrasse morigerado, para não despertar a malquerença de seu povo. Que assim tudo andaria bem e que eu havia de ser tratado sempre com a devida attenção e solicitude.

Alguns dias depois desta entrevista, appareceu de novo Sua Magestade, acompanhado de dous empregados da côrte. Disse-me que eu não devia vêr uma offensa nisto, mas que ia mandar passar-me revista dos pés á cabeça, para vêr se trazia occultas algumas armas, e tirar-m'as, para evitar perigos possiveis.

Mostrei-me prompto a virar as algibeiras e exhibir a Sua Magestade o conteúdo dellas: mas el-rei observou-me que era incumbencia da criadagem semelhante serviço; que confiava plenamente em minhas bôas disposições; que nada receiava pela vida dos empregados que fossem examinar-me, e que estava convencido que eu os auxiliaria valiosamente, dando-me a pensar que horrivel desgraça poderia resultar das minhas armas para os seus subditos, se o tamanho destas armas correspondesse á proporção do meu individuo. Que, finalmente, tudo quanto arrecadassem, ser-me-hia restituído, se algum dia sahisse do reino.

Terminado este discurso de Sua Magestade, os dous fiscaes approximarão-se; agarrei-os cuidadosamente e metti-os no bolso do casaco, e successivamente nos outros, escondendo apenas um, no qual guardava uns objectos, que não tinham valor algum para o rei, mas muito para mim.

Os dous empregados remexêrão completamente os meus bolsos, e tendo trazido papel e utensilios de escrever, fizerão um inventario minucioso de tudo quanto encontrárão.

Tendo terminado a sua faina, pedirão-me que os puzesse no chão, e fôrão apresentar humildemente a Sua Magestade a lista do que haviam achado nas minhas algibeiras.

Como este documento curioso mais tarde cahiu em meu poder, não quero privar o leitor do prazer de aprecia-lo desde já; rezava assim :

«Nós abaixo-assignados encontrámos nos bolsos do grande *quinbus flestrin (monte-humano)* os objectos seguintes :

«1º No bolso direito do casaco uma peça enorme de panno encarnado, que poderia servir á Sua Magestade de tapete em algum de seus aposentos. O *monte-humano* disse que era o seu lenço de mãos.

«2º No bolso esquerdo do casaco um enorme bahú de prata, com tampa do mesmo metal, que fecha hermeticamente, a qual tampa, porém, ambos juntos não pudemos levantar de tão pesada que é. Pedimos ao *monte-humano* que abrisse o bahú, e, satisfeito o nosso pedido, achámos uma areia preta e grossa, da qual emanava um cheiro muito activo e atordoador. Com licença do dono, caminhamos um pouco dentro deste bahú pela areia mencionada; tivemos, porém, de sahir precipitadamente, porque, tendo-nos penetrado um pouco deste pó nas ventas, causou-nos espirros tão fortes e prolongados, que pensámos morrer afogados. A este caixão o *monte-humano* chamava de boceta de rapé.

«3º No bolso esquerdo de sua japonsa descobrimos uma collecção de folhas brancas e unidas cobertas de signaes gigantescos e singulares. Segundo declaração era o diario do *monte-humano* e continha varios manuscritos. Estavão atadas por um grosso cabo, para que não se pudesse perder alguma.

«4º No bolso direito da japonsa achámos uma machina comprida, de cuja haste sahião muitos dentes, parecidos com as estacas, com as quaes resguardamos as nossas fortalezas. Disse-nos o *monte-humano* que era o seu pente, e nós acreditamos porque em nossa presença penteou o basto cabello.

«5º Em cada um dos bolsos das suas bragas, encontrámos uma columna ôca, enorme, de ferro, do tamanho de um homem adulto. Estava presa esta columna em uma armação de páo, maior ainda,

na qual se vião varias peças de ferro, de fôrma singular. Interrogado o *monte-humano* a respeito destes engenhos, chamou-os de pistolas, sem querer entrar em mais amplas explicações. Em um bolsinho do lado direito havia alguns discos de metal branco e vermelho. Alguns dos brancos, evidentemente de prata, erão tão pesados que não os podemos levantar. Disse serem moedas de dinheiro.

«Continuando as pesquisas, achámos ainda dous pilares pretos e de fôrma estranha. Erão tão altos que nós, estando parados no fundo da algibeira, não lhes alcançámos o extremo superior. Um delles parecia inteiriço. No outro, porém, via-se no cimo uma massa branca e redonda, mais grossa que as nossas cabeças.

«Ambos continhão uma folha larga de aço, e ordenámos ao *monte-humano* que nos explicasse minuciosamente estes objectos, que nos parecião encerrar segredos perigosos para o estado. Elle tirou as folhas de aço de sua caixa, e significou-nos que em sua patria com uma dellas se fazia a barba, e com a outra se cortava o pão. Chamou-os faca e navalha.

«Além dos bolsos visitados havia ainda outros dous, tão pequenos e tão chegados ao corpo, que foi impossivel descer nelles. De um delles cahia uma corrente de prata, massiça e longa. Puxámos della com todas as nossas forças, e fizemos surgir uma machina em fôrma de um bola, construida de prata e de uma outra substancia, que não conheciamos, mas que era transparente.

«Debaixo do disco transparente havia outro branco, coberto de figuras singulares. Quando o quizemos apalpar, fômos impedidos pelo disco transparente, e só então soubemos-lhe da existencia. O *monte-humano* collocou esta machina perto dos nossos ouvidos; ouvimos um ruido estrondoso, um bater e soccar como o de um moinho d'agua. Incessantemente ouvia-se: *tic, tac, tic, tac*; como se alguém batesse com uma massa de armas contra um grande escudo.

«A este objecto extraordinario o *monte-humano* chamava de

relogio. Parece-nos, porém, a nós, que é algum animal desconhecido, ou o idolo adorado pelo *monte-humano*, porque elle disse que raras vezesprehendia cousa alguma sem consultar o seu relogio.

«Das outras algibeiras o *monte-humano* tirou uma rêde grande, parecida com aquellas de que usão os pescadores; tinha, porém, a fôrma de um sacco, e era susceptivel de abrir e fechar-se. Era uma bolsinha para guardar dinheiro, e pelas malhas relumbraão moedas tão grandes, que, se fôssem de ouro, como affirmou o *monte-humano*, serião de um valor incalculavel.

«Para terminar este relatorio, cumpre-nos declarar que o nosso *monte-humano* trazia no corpo um cinturão, confeccionado com o couro de um animal desconhecido e monstruoso. Do lado esquerdo deste cinturão via-se a espada, que medimos e achámos do comprimento de cinco vezes a altura de um dos nossos cidadãos mais altos.

«Do lado direito cahia uma bolsa com varios compartimentos. Em um delles havia esphas de um metal desconhecido, mas muito pesado.

«Cada uma destas esphas era do tamanho de uma cabeça, e mão possante seria precisa para levanta-la. No segundo compartimento descobrimos um montão de grãos pretos, tão leves e diminutos, que nos animariamos a suspender em nossas mãos pelo menos cincoenta delles.

«Pômos aqui ponto final no nosso inquerito minucioso e exacto, cumprindo-nos declarar que o *monte-humano* auxiliou-nos com a amabilidade e deferencia devidas á commissão de Vossa Magestade. — Feito no quarto dia do octogesimo nono mez do glorioso reinado de Vossa Magestade — (Assignados): *Klefrin Frelock*. — *Marsi Frelock*.»

Durante o exame das minhas algibeiras, por ordem d'el-rei alguns dos mais valentes regimentos do seu exercito estavam collocados ao redor de mim em ordem de batalha, mas á distancia prudente. Concluido o relatorio, o rei o recebeu das mãos dos dous empregados,

e ordenou-me logo que fizesse entrega da minha espada. Sem demora desafivelei-a, collocando-a aos pés de Sua Magestade.

Vendo a minha cega obediencia, e não receiando sentimentos hostis da minha parte, o rei exigiu que tirasse a espada da bainha e lh'a mostrasse. Assim fiz eu; a lamina, posto que alguma cousa tivesse soffrido pela agua salgada, ainda se conservava brilhante e limpa.

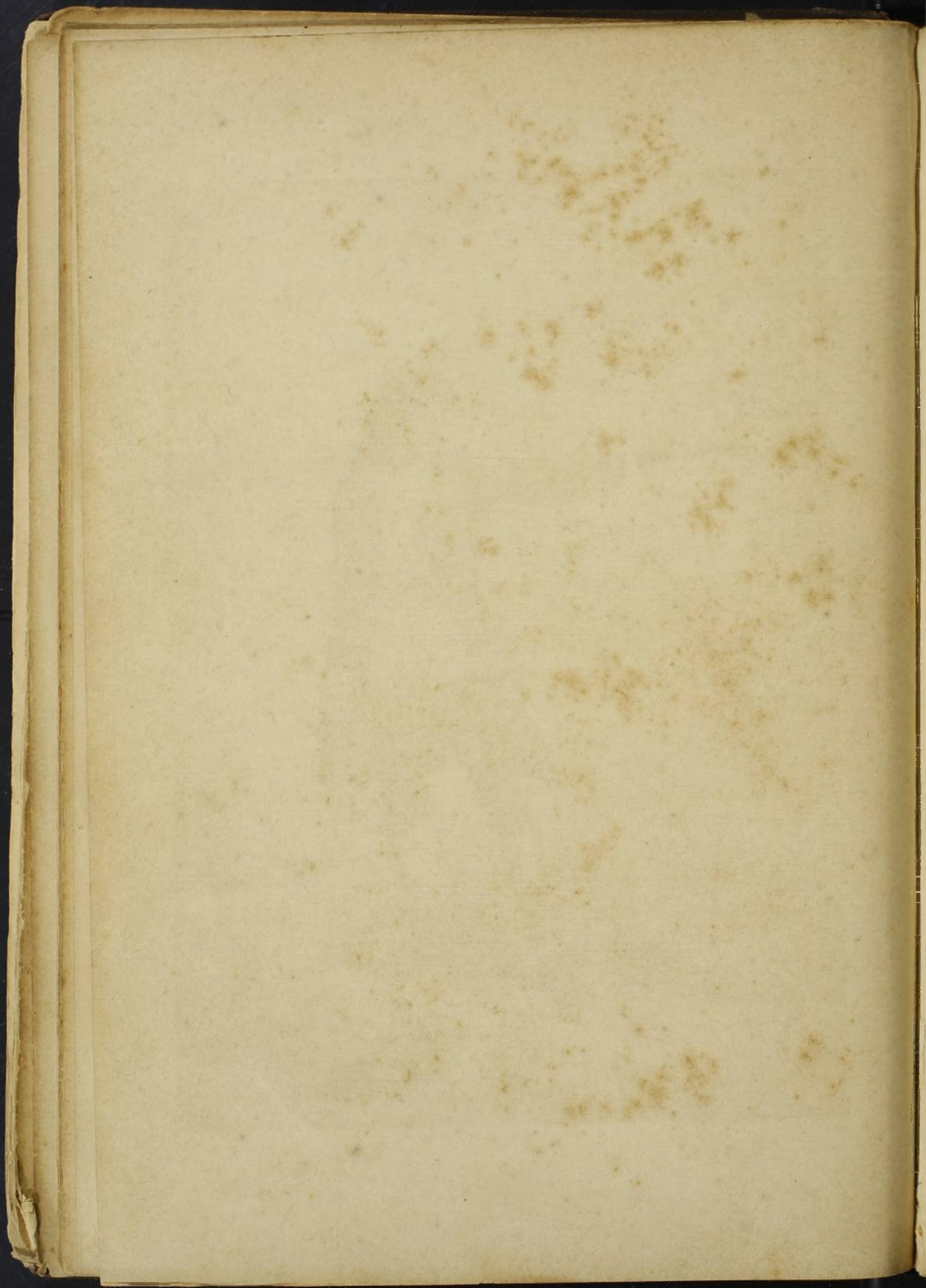


No momento de brandi-la no ar, repercutiu de todos os lados um grito de espanto, porque, sob a luz alegre do sol, a minha espada, movida violentamente de um lado para o outro, despedia tal torrente de raios, que todos

os olhos ficárão deslumbrados. Só el-rei, valente entre os valentes, mostrou-se menos assustado; comtudo ordenou-me depressa que sumisse a espada na bainha e que a atirasse a mais de seis pés de distancia.

Em seguida quiz vêr as minhas pistolas de algibeira, ordenando-me que dellas me servisse segundo o modo da minha terra. Preveni-o do grande susto que levaria. Insistindo, porém, Sua Magestade, carreguei uma das pistolas com polvora e bucha de papel e fiz fogo. O resultado foi espantoso; mais da metade dos guardas do rei cahirão de susto no chão. O mesmo rei assustou-se tanto, que levou tempo a recuperar a firmeza de espirito. Por fim ordenou-me com a voz ainda a tremer que atirasse ao longe





as pistolas, a pólvora e as balas. Obedeci immediatamente, mas não sem prevenir o rei do perigo que havia no manejo da pólvora; que recommendasse a maior cautela, porque uma faísca bastaria para fazer voar o seu palacio e sua capital.

Depois disto fiz entrega do meu relógio, que causou muito prazer a Sua Magestade. — Mandou que eu l'ho encostasse no ouvido; deleitou-se com o *tic tac* da machina, e seguiu com a maior attenção o movimento do ponteiro de minutos, que percebeu perfeitamente, pois os olhos desses homunculos são muito mais agudos que os nossos.

Satisfeita a sua curiosidade, ordenou aos sabios que dessem parecer acerca do objecto estranho.

Os sabios, como era de suppôr, externarão muitas asneiras, sem dar com a verdade. Cançou-se Sua Magestade destas adivinhações e chamou dous granadeiros da sua guarda, que, passando uma vara robusta pela argolla do relógio, o tiverão de levar para o palacio d'el-rei, encurvados pelo peso immenso de sua carga.

Acabei, então, de entregar á Sua Magestade todos os utensilios, a saber: minha faca, minha navalha, minha tabaqueira, meu lenço, meu diario, meu dinheiro, e bem assim, a bolsinha com as moedas de ouro.

As armas e petrechos de guerra perigosos fôrão removidos em carros para o arsenal. O resto me foi restituído.

Cumpre-me declarar que no bolso secreto, que não accusára aos fiscaes d'el-rei, guardava os oculos, dos quaes ás vezes me servia por causa da fraqueza da vista, e um pequeno oculo de alcance. Estes objectos não podião servir ao rei sem prejudica-lo; quanto a mim me terião feito muita falta, porque não teria encontrado substitutos na terra d'el-rei. Com estas ponderações tranquillizei a minha consciencia, persuadindo-me que por esta reserva não peccára, nem contra Deus, nem contra o Soberano.

CAPITULO IV.

Com paciencia, civilidade e morigeração tinha conseguido conquistar a benevolencia, não só do rei, mas ainda de sua côrte, do povo, e até do exercito, começando já a nutrir alguma esperança de ser em breve restituído á liberdade. Tratei com afinco de conservar-me a bôa opinião dos meus homunculos.

Quando a gatinha miuda viu que eu não fazia mal a ninguem, tornarão-se de dia em dia mais ousados, chegando-se a mim sem o menor resguardo.

Às vezes, quando eu estava de bom humor, deitava-me de todo o meu comprimento no chão, fazendo bailar meia duzia delles na palma da minha mão ou divertindo-os com outros brinquedos. As crianças, rapazes e meninas, animárão-se tanto por fim, que jogavão *tempo-será* na minha longa cabelleira, arrancando-me ás vezes uma exclamação de dôr, pelos puxões que me davão. Entretanto deleitava-me na convivencia com estes bichinhos, e no commercio com elles aprendia do seu idioma em uma semana mais do que teria aprendido com os meus sabios em um mez.

Um bello dia o rei me perguntou se não gostaria de assistir a um dos espectaculos theatraes, e respondendo eu pela affirmativa, Sua Magestade mandou vir immediatamente a companhia, que representava com muita habilidade e grande encenação.

Mais do que todos os outros, porém, divertirão-me os saltimbancos.

Em um fio de linha, esticado a tres palmos acima do solo, executavão taes artes, que tive de confessar não ter visto nunca cousa igual.

Cunpre saber que neste paiz a arte de saltimbancos não é exercida por gente de pouca monta: são os primeiros da côrte, que nella se distinguem.

Desde a sua mais tenra infancia os cortezãos aprendem as manobras todas desta arte, porque, sem dextreza nella, ninguem póde obter emprego no paço. Logo que morre uma das summidades, os pretendentes ao logar apresentão-se em concurso perante Sua Magestade, para mostrar as suas habilidades na corda. O candidato que melhor pular, que se mostrar melhor em equilibrio, na corda teza, e mais ainda, na corda bamba, póde contar com certeza com o emprego.

Mas nem por isto o escolhido está seguro do seu posto. Frequentemente o rei sente o desejo de fazer dançar os seus ministros e conselheiros, segundo o apito que elle toca, e ai! de quem não souber aguentar-se: rua com elle, infallivelmente.

De todos os saltimbancos da côrte, Flinnap, o ministro da fazenda, é o mais insigne. Elle salta sempre uma pollegada mais alto que os outros ministros, e exhibe sortes que obrigão a todos a ficarem boqui-abertos. Presenciei uma vez, como em uma taboa, deitada sobre a corda bamba, virou tres cambalhotas seguidas, com tal elegancia, presteza e segurança, que o proprio rei teve de admirar-se.

Em presteza seguia-se-lhe o secretario privado de Sua Magestade, o digno Sr. Redresal. Os outros grandes da côrte vão hobreando uns com os outros: são saltimbancos de força igual, mais ou menos.

Não é de admirar que nestes exercicios acrobaticos, de quando em quando se dêm accidentes. Eu mesmo vi dous candidatos quebrarem os braços e as pernas. Mais imminente se torna o perigo, quando são os ministros que entrão em exercicios comparativos;



ninguem delles
quer largar a
pasta, e todos
expoem a vida
nas artes mais
arriscadas, para
conservarem
honra e gloria.
Flinnap, o mi-
nistro da fa-
zenda, um dia
esteve a ponto

de quebrar o pescoço, cahindo
da corda bamba; felizmente
encontrou um coxim regio,
que se achava casualmente por ali, e S.
Ex. escapou com o susto.

Os estribeiros e picadores tinham con-
tinuado assiduamente a acostumar os
cavallos ao meu aspecto, de modo que
estes já chegavão perto de mim sem impinar
ou ruir. Os regimentos de cavallaria se

havião adestrado até em fazer saltar os seus ginetes por cima da
minha mão estendida no chão, e os mais assignalados levavão a
audacia a saltar-me por cima do pé.

Aproveitei esta circumstancia para preparar um espectaculo
divertido para o rei. Pedi oito varas da grossura das nossas
bengalas; fôrão trazidas para perto de mim essas machinas poderosas,
tendo cada uma quatro palmos de comprimento, mais ou menos.
Finquei-as no chão, de modo que formassem um quadrado de quatro
palmos de costado. Nestas varas estendi o meu lenço até ficar teso
como o couro de um tambor; em seguida resguardei esta arena com
quatro varas mais delgadas, armadas em corrimão seguro.

Promptificado o meu *circo*, pedi ao rei que dêsse licença a um esquadrão de sua guarda para nelle manobrar. Sua Magestade mostrou-se favoravel ao meu pedido: eu agarrei os homunculos juntos com os seus cavallos e os deposei no meu lenço. Dividirão-se em duas turmas, e principiárão a hostilisar-se. Batêrão-se com espadas cegas, atirárão flechas sem ponta, arrojárão os dardos e os aparárão com os seus escudos, arremessárão, emfim, os seus cavallos, uns ao encontro dos outros; recuando a tempo, corrião velozes como o raio, perseguindo e perseguidos; era um gosto vê-los evoluir.

O rei divertiu-se tanto com este espectáculo, que o mandou repetir tres dias consecutivos. No quarto Sua Magestade subiu em pessoa a tal arena, capitaneando uma das turmas; e, não contente ainda, mandou que subissem a rainha e as princezas, que colloquei com a mão no meu lenço com carruagens e tudo, afim de que pudessem presenciar de perto o bello espectáculo.

Deu-se, porém, um pequeno accidente, que poz fim a este divertimento. O cavallo de um capitão de couraceiros, um ginete nobre e possante, assustando-se de não sei que, poz-se a ruir com tal força que abriu rasgão formidavel no meu lenço, e, prendendo o pé nesta brecha, cahiu desastramente. O cavalleiro voou por cima do pescoço do seu animal e cahiu pesadamente no chão. Acudi immediatamente, ergui o homunculo e o colloquei no solo; depois tapei com a mão o rasgão ominoso, até que tivesse descido toda a tropa.

O official não estava maxucado; mas o cavallo tinha ficado manco dos encontros, e teve de ser morto. Fiquei desgostoso com o tal divertimento e desarmeí o meu lenço no qual remendei com grande trabalho a avaria havida. O rei, para quem o espectáculo já tinha perdido o incentivo da novidade, nenhuma reclamação fez a respeito.

Pouco tempo depois chegarão uns mensageiros, que communicárão a Sua Magestade que perto do logar onde me havião encontrado, acabárão de achar um objecto singular, cujo destino ninguem sabia.

Era uma massa preta, grande, bicuda, da altura de um homem, do tamanho do aposento de Sua Magestade.

A principio suppuzerão fôsse um ser vivo; observárão-no de longe, e conhecêrão o errado desta supposição, visto que permanecia completamente immovel no mesmo lugar. Que tendo andado varias vezes á roda do achado, alguns dos mais atrevidos, valendo-se dos hombros dos seus companheiros, havião trepado no cume do objecto, onde encontrárão uma especie de terraço, no qual os passos dos visitantes produzirão um som ôco. Que sem duvida pertencia ao *monte-humano* e que, Sua Magestade querendo, poderião arrasta-lo para a côrte com um numero adequado de cavallos.

E escusado dizer que o rei não imaginava que objecto podia ser aquelle; eu, porém, com grande satisfacção, atinei logo com a verdade.

Quando me salvára do naufragio, fiquei tão atordoado, que pelo caminho perdi o chapéu, sem dar logo pela falta. Mais tarde persuadi-me have-lo perdido nas ondas do oceano, nas quaes devia seguir um rumo qualquer.

Roguei encarecidamente ao rei que dêsse as suas ordens afim de trazer o meu chapéu, cujas qualidades e destino tratei de explicar a Sua Magestade.

No dia seguinte apparecêrão os commissionados, mas com o meu pobre chapéu em misero estado. Em lugar de carrega-lo em um carro, havião perfurado a aba em varios pontos, para prender ganchos de ferro, presos em cordas. Os cavallos, atados nestes tirantes, havião puxado a sua carga por páos e por pedras, até ao lado do meu templo. Felizmente o solo de Liliput é tão plano e liso, que os restos do pobre chapéu ainda permanecião serviveis. Com orgulho e ufanía pu-lo na cabeça, sendo admirado por todo o povinho neste adorno, novo para elle.

Poucos dias depois desse feliz achado, o rei passava revista ao seu exercito em ordem de marcha, e teve a lembrança de ordenar-me que abrisse as pernas, como o colosso de Rhodes, afim

de que as tropas desfilassem por esta especie de arco de triumpho.

Rompia a marcha a cavallaria, em filas de dezeseis praças, com as espadas desembainhadas, pennachos fluctuantes e lanças erguidas, cujas bandeirolas brincavão ao vento. Na frente ião os cornetas a tocarem como se tivessem folego de gato.

Apóz a cavallaria vinha a artilharia com peças, carro de munição, bombas e granadas. Quando as peças me desfilárão entre os pés, os artilheiros fizerão fogo com grande estrondo, pondo as minhas meias e calças em risco imminente de serem chamuscadas.

Depois da artilharia vinha em columnas cerradas, de vinte e quatro praças de frente, a infantaria: granadeiros, fusileiros, caçadores e sapadores. Tocava a musica alegremente; fluctuavão as bandeiras desfraldadas; os tambores rufavão; relumbravão as armas, e em bôa ordem e marcha compassada desfilou o exercito todo. Apezar da seriedade marcial, custava-me suffocar o sorriso que me provocava a lembrança de que, com um só golpe meu, poderia esmagar centenaes destes soldados miudos, que me formigavão entre os pés. El-rei gostou muito da funcção e mostrou-se muito affavel para commigo, por ter aturado a massada com tanta paciencia.

Não esquecia eu, porém, no meio dos divertimentos que se seguião dia a dia, de insistir no pedido de minha liberdade, e por fim consegui que Sua Magestade submettesse o caso ao seu conselho pleno.

Havendo eu captado a benevolencia de todos, o meu pedido quasi não encontrou resistencia. Apenas o ministro Skyresch, Galbet ou almirante do reino, que me era infenso não sei por que, votou contra a minha liberdade.

Posto que fosse grande valido do rei, foi vencido na votação, e o seu odio contra mim apenas conseguiu arrancar a concessão que as condições da minha soltura serião redigidas por elle. Já era bem desagradavel; mas assim mesmo podia dar-me por feliz, que não o fosse mais.

Concluido o seu trabalho, veio acompanhado por varios outros funcionarios, e leu-me as clausulas vexatorias, exigindo depois de mim que me obrigasse a respeita-las, passando por um juramento segundo as leis da minha patria, reforçado em seguida por outro de conformidade com os usos de Liliput.

Este uso consistia em agarrar o pé direito com a mão esquerda, pondo ao mesmo tempo o dedo maior da dextra no alto da cabeça e o pollegar sobre o lobulo da orelha direita, emquanto a bocca proferia a fórmula sagrada. Achei incommoda a posição e dei-me por contente quando se terminou a cerimonia.

As condições, porém, erão as seguintes:

«Golbosto Momarem Eolame Gurdilo Schefin Mully Ully Que, imperador poderoso de Liliput, terror e delicia do mundo, cujos estados se estendem mais que cinco mil *blustrums* até o fim do orbe (todo o seu imperio não tinha doze leguas de perimetro), rei de todos os reis, cujo poder é maior que o poder de todos os outros homens, cuja cabeça alcança o sol, cujos pés descansão no centro da terra, diante do qual todos os soberanos do Universo curvão a fronte até o pó, que é ameno como a primavera, delicioso como o verão, bemfazejo como o outomno e terrivel como o inverno, concede a liberdade ao *monte-humano*, sob as condições seguintes:

«1º O *monte-humano* nunca poderá sahir do nosso imperio, a não ser por uma autorisação expressa, dada por escripto, referendada pelo nosso ministerio.

«2º Sem a nossa licença o *monte-humano* não penetrará na nossa capital, visto que, antes de tal visita será mister prevenir préviamente os nossos subditos fieis, para que tenham de retirar-se das ruas e praças afim de não morrerem debaixo dos pés do visitante.

«3º Nestes passeios o *monte-humano* só poderá percorrer as ruas principaes, evitando, sob pena grave, de pôr os pés nos prados, jardins ou campos plantados.

«4º Durante a sua visita o *monte-humano* empregará toda a



cautela para não mæxucar algum cidadão, que por inadvertencia haja ficado fóra de sua casa; não alçará nenhum nas palmas das mãos, nem collocará nas suas algibeiras, a menos que não seja por pedido especial.

«5º Em caso de necessidade o *monte-humano* tem por obrigação levar, pelo menos, duas vezes por mez, a nossa correspondencia até os confins do imperio, visto que com suas pernas compridas anda mais depressa do que o mais veloz correio. Sendo urgente, terá de transportar em suas



algibeiras os proprios correios, e reconduzi-los ao nosso palacio, depois do assumpto concluido.

«6º Obriga-se o *monte-humano* a ser o nosso fiel alliado em qualquer guerra que surgir, prejudicando o inimigo o mais que puder. Obriga-se especialmente a tomar ou destruir a esquadra dos nossos adversarios da ilha Blefuseu na guerra que parece imminente.

«7º Nas obras publicas o *monte-humano* ajudará no que puder aos nossos trabalhadores a levantar as pedras e madeiras pesadas e colloca-las no ponto que lhe fôr designado.

«8º Afim de conhecer mais exactamente o perimetro do nosso vastissimo imperio, o *monte-humano* terá de percorrer os nossos limites, tomando por escala seus proprios passos.

«Em compensação da fiel observancia destas clausulas, nós promettemos ao *monte-humano* fornecer-lhe o seu sustento, sendo-lhe destinadas diariamente as rações de mil oito centos trinta e nove dos nossos subditos. Além disto gozará do favor de privar com a nossa pessoa, além de outras concessões vantajosas. Dado em nosso palacio de Belfaborac no dia doze do nonagesimo primeiro mez do nosso reinado abençoado.»

Como já ficou dito, jurei todas estas clausulas sem a menor hesitação, e no mesmo dia fui posto em liberdade, realizando-se este acto com toda a solemnidade e em presença d'el-rei e de toda a sua familia e côrte.

Depois que as algemas ignominiosas, tinham cahido ao chão, eu prostrei-me aos pés de Sua Magestade, agradecendo-lhe com a maior cordialidade a graça e a confiança que acabava de dar-me.

O rei acolheu affavelmente esta manifestação de gratidão; mandou que me erguesse, e prometeu-me seu favor constante e inabalavel.

Por fim, apóz muitas expressões lisongeiras, que por modestia não repito, disse-me que contava com segurança encontrar sempre em mim um fiel servidor, mostrando-me digno dos beneficios con-

cedidos e por conceder. Prometti, naturalmente, tudo quanto quera, e estava firmemente resolvido a cumprir as promessas.

Entre as clausulas impostas admirou-me, e de certo ha-de admirar ao leitor, que me coubessem diariamente mil oitocentas e trinta e nove rações liliputenses. Porque não um numero redondo, duas mil ou mil e oito centas? Não podendo explicar-me esta particularidade, perguntei a um dos meus numerosos amigos, que me disse:

— Meu caro, a cousa é muito simples. Quando se discutiu a clausula acerca do teu alimento, os mathematicos d'el-rei tiverão de calcular exactamente a tua altura, o que conseguirão mediante os seus instrumentos aperfeiçoados; resultou que tens de altura doze vezes a da nossa gente. De deducção em deducção, chegarão a encontrar que o teu corpo póde conter justamente mil oito centos e trinta e nove dos nossos, e que, portanto, precisavas do alimento de outros tantos liliputenses.

Admirei a perspicacia deste povinho miudo e a sabia economia do seu rei, que tinha sabido evitar até o vislumbre de um esbanjamento dos dinheiros do thesouro.

CAPITULO V.

Sabe o leitor que eu ainda não conhecia a capital, e ha-de comprehender quão grande era a minha curiosidade de visita-la.

Fiel ás clausulas juradas, pedi ao rei licença para realizar esta visita, e sem hesitação Sua Magestade annuo ao meu pedido, renovando apenas as recommendações de prudencia e cautela.

Na cidade mesmo o rei mandou publicar um bando, ordenando a todos os habitantes que se recolhessem ás suas moradas, visto que *in continenti* eu ia apparecer.

Não me lembro se já referi que a capital está circumdada por uma muralha de tres palmos de altura, e dous de grossura, de modo que as carruagens dos liliputenses podem correr nella e mesmo desviar-se uma de outra; condições que dão a entender que taes muralhas são muito fortes e calculadas para resistir a um sitio em regra. Por cumulo de segurança, são guarnecidas ainda, de dez em dez passos, por torres altas e robustas, que com ufanía erguem as suas ameias altivas.

Entrei na capital, passando por cima da porta do occidente, e segui uma das ruas principaes, observando a maior cautela, para não destelhar as casas, ou mesmo derruba-las completamente com as abas do meu fato; para o que tinha-me vestido mui rudimentarmente, enfiando apenas a minha japonsa, que era bastante curta.

Como reforço de cautela, para não dar nenhum desgosto a Sua Magestade, caminhava de lado, á laia do caranguejo do mar,

e fazendo passos tão miudos, que teria sido impossivel esmagar algum homunculo que, por descuido, se tivesse deixado ficar na rua. Era certo que Sua Magestade havia dado as mais severas ordens a respeito do recolhimento nas casas; mas eu conhecia a curiosidade immensa desta gentinha microscopica, para receiar que um ou outro intromettido desobedecesse as ordens reaes. Eis ali porque andava como quem está pizando em ovos.

Janellas, sacadas e telhados, estavam atonetados de espectadores em tal quantidade, que pensava não ter visto jamais outra cidade tão povoada.

Comprimentei os conhecidos que distinguia na multidão; conversei com este e aquelle amistosamente o mostrei-me em geral mui cauto e civil.

A cidade de Belfaborac forma um quadrado perfeito, de quinhentos pés de costado. Duas ruas, da largura de cinco pés cada uma, a cortão em quatro quadrados menores iguaes. Só nestas ruas podia mover-me e ainda assim com muito cuidado; as outras tinhão apenas a largura de doze ou dezoito pollegadas, mas em toda a parte reinava o maior asseio. As casas, de architectura graciosa, estavam pintadas com arte e gosto. A limpeza, que encontrava por todos os lados, mostrou-me que a policia da hygiene de Belfaborac era superior á da Europa, onde, principalmente em cidades pequenas, esterco e cisco cobrem e empestão as vias publicas.

Gostei muito da capital, principalmente quando notei que não havia nenhuma casa com menos de tres andares, e que não faltavão nem bons mercados, nem banhos esplendidos, nem edificios publicos dignos de uma nação civilizada.

No centro da cidade, onde as duas ruas principaes se cortão em angulo recto, está situado o palacio do rei, que forma um quadrado immenso, cercado de um muro, separado do corpo do edificio por um pateo de vinte pés de largura.

Não tendo este muro mais de dous pés de altura, facil me foi

passar por cima delle e penetrar no vasto pateo, donde pude contemplar a meu gosto a parte externa do edificio, que, por fim de contas, pouco me interessava, por conter só os aposentos destinados á criadagem. As salas régias, os aposentos das solemnidades, deitavão todos sobre dous pateos interiores, que não me era licito visitar. Não era porque estes pateos fossem diminutos demais; mas o portal da entrada tinha apenas dezoito pollegadas de altura e sete de largura. Passar por cima dos edificios, não era facil sem deteriora-los, porque tinhão cinco pés de altura; e, ainda que as paredes, construidas de pedra de cantaria, nada soffressem, com toda a certeza os telhados terião ficado em misero estado.

Crescia-me a curiosidade com os obstaculos. Dei trato á cabeça para achar um meio de introduzir-me no interior, sem prejuizo da propriedade d'el-rei, e combinei finalmente a ideia, que devia tirar-me do embaraço. Esta ideia, communicada a Sua Magestade, mereceu o applauso jubiloso do monarcha, que ardia por mostrar-me os seus esplendores, tanto quanto eu anhelava poder admira-los.

Para realizar o meu intento, sahi de Belfaborac e fui á floresta que distava obra de cem passos da capital. Com a minha faca de algibeira cortei as duas arvores mais frondosas que encontrei; levei-as para a minha casa, e com paciencia e afinco, confeccionei dous mochos da altura de tres pés cada um. Com estes mochos tornei á capital, havendo precedido as mesmas medidas de precaução, empregadas na occasião da minha primeira visita. Colloquei um dos meus banquinhos na entrada do palacio, e subindo a elle, passei com cuidado o outro para o pateo interior. Agora foi facil passar a perna por cima do telhado, sem prejudica-lo; chegado ao pateo, deitei-me no chão em todo o meu comprimento, para olhar para os aposentos do andar do meio, cujas janellas todas estavam abertas. A uma destas janellas achava-se o rei, que me sorriu com affabilidade.

Os aposentos, que tinha á vista, exhibião um luxo, uma sumptuosidade, que excedia a tudo quanto tinha visto na Europa nos mais esplendidos palacios imperiaes.

Toda a mobilia, ou era de ouro e prata massiça, ou de madeiras preciosas, artisticamente lavradas. Nas paredes havia quadros pequenos, mas preciosos e maravilhosamente pintados. Espelhos grandes, descendo do tecto ao chão, reflectião cem vezes os esplendores do recinto. Tapetes macios, tecidos com as mais preciosas fazendas, cobrião o soalho, e, para onde quer que meus olhos se dirigissem, erão deslumbrados pela riqueza dos objectos artisticos e ricos que encontravão. Era acompanhada esta magnificencia por tal asseio, por tal arranjo gracioso, que não pude deixar de manifestar ao rei toda a minha admiração. El-rei, comprehendendo que minhas palavras lisonjeiras erão sinceras, conversou commigo largamente acerca dos arranjos do seu palacio; por fim deu-me a mãosinha a beijar, em signal de despedida, e eu ausentei-me com as mesmas precauções observadas na chegada.

Poucos dias depois desta visita á capital, estava eu sentado diante do meu templo, deleitando a vista com o panorama ameno que abraçava.

De repente vi approximar-se uma carruagem do paço precedida e seguida de picadores ricamente agaloados. Perto de mim parou o vehiculo sumptuoso; os lacaios abrirão a portinhola e reconheci então, no personagem que se apeiou, o meu particular amigo Redresal, o excellentissimo secretario de Estado.

Admirado por esta visita, mais ainda o fiquei pelos modos mysteriosos com os quaes S. Ex. me pediu uma entrevista em particular. Quiz deitar-me no chão, para que o meu ouvido ficasse mais perto da bocca de Redresal; mas elle me pediu que o levasse para o interior do meu templo e o alçasse na palma da minha mão, porque assim ficaríamos mais ao abrigo de qualquer curioso.

Satisfeita a sua indicação, S. Ex. disse-me com grande emphase:

— Antes de tudo felicito-te, meu bom *monte-humano*, por teres recuperado a liberdade, posto que com algumas clausulas menos agradaveis. Deves este favor a teu bom comportamento, e bem

assim aos esforços dos teus bons amigos, entre os quaes eu me prezo de contar. Pois bem; é chegado o momento de mostrar-te agradecido e tirar de um grande embaraço, não só o nosso gracioso



soberano, como a todo o povo de Liliput. O caso é que ha muito tempo mantemos uma guerra desastrosa com os habitantes da ilha de Blefuscu. Posto que a victoria estivesse ora de um lado, ora de outro, perdemos quarenta dos nossos melhores navios, e mais de trinta mil marinheiros denodados nos combates e encontros innumeros, e ainda ninguem póde prever o fim desta miseria. Embora os nossos inimigos soffressem perdas mais ou menos identicas, conseguirão organizar novamente uma esquadra poderosa, com a qual

actualmente nos ameação de formidavel invasão. Não ha negar que as nossas forças são insufficientes para proteger-nos, certeza que enche de cuidados e tristeza a todos. Sua Magestade, o nosso gracioso e valente soberano, porém, conta com o teu auxilio, meu bom *monte-humano*, e enviou-me para ouvir o teu parecer, e sondar ás tuas intenções. Dize-me, pois, o que pódes e queres fazer para livrar-nos deste apuro, e não te esqueças que sempre te hemos tratado com estima e carinho.

Calou-se S. Ex. o Sr. secretario de Estado, olhando-me anciosamente, receiando, talvez, que eu me negasse a soccorrer o paiz ameaçado. Mas longe de mim estava semelhante ingratição; respondi, pois, sem titubiar, com o accento da sinceridade.

— Caro amigo e secretario de Estado; volta á presença do teu gracioso e glorioso soberano e participa-lhe que estou firmemente resolvido a entrar em liça contra seus inimigos, a exterminá-los com a minha espada, enquanto o meu peito tiver folego, e forças o meu braço. Perca, pois, el-rei até o vislumbre de cuidados!

Ao ouvir esta franca declaração, S. Ex. o Sr. secretario de Estado sorriu-se, enxugando o suor que lhe banhava a testa, e apertou-me cordialmente a mão.

— De ti não esperava outra cousa, excellente *monte-humano*; — disse elle, entrando apressadamente em sua carruagem, e voltando para a capital.

Eu, porém, deitei-me e puz-me a parafusar de que modo acabaria de uma vez com esta guerra, alcançando uma victoria decisiva para os liliputenses.

Sabia que Blefescu era uma ilha separada de Liliput apenas por um braço de mar da largura de oitocentos pés. Demorava ao noroeste de nós, e na costa, que nos ficava defronte, achava-se fundeada a sua esquadra, para poder aproveitar o primeiro vento á feição. Sabia que os inimigos ignoravão a minha presença, porque todas as communicções entre as duas ilhas ha muito

estavão cortadas e eu ainda não tivera ensejo de mostrar-me na praia. Sobre esta circumstancia assentei o meu plano, contando muito com o terror causado por meu aspecto repentino aos blefuscuanos, que erão do tamanho dos meus amigos.

Principiei por indagar dos marinheiros mais experimentados qual a profundidade do estreito que medeiava

entre as duas ilhas. Colhi a certeza que nos lugares mais profundos a sonda accusára setenta *glumlufs* ou seis pés, segundo o meu calculo; nos outros apenas mostrára cincoenta.

Muni-me então do meu oculo de alcance, e aproveitando todos os accidentes do terreno para occultar-



me, arrastei-me até alcançar uma moita perto da praia, donde observei a costa inimiga. Auxiliado pelo oculo, cheguei a contar cincoenta náos, grandes e fortes, promptas para velejar, assim que o vento o permittisse.

— Cuidado, meus maganões, — pensava eu commigo, — cuidado, que o feitiço não se vire contra o feiticeiro.

Já estava assentado o meu plano de campanha, que, communicado por mim em confidencia ao rei, causou tamanha alegria a Sua Magestade que, esquecendo-se por um momento da seriedade conveniente á sua régia pessoa, pôz-se a saltar e bater palmas.

— Assim havemos de conseguir uma victoria decisiva, e mais ainda, uma paz duradoura.

El-rei deu-me a mão a beijar, e aos seus funcionarios a ordem de obedecer-me em tudo e por tudo.

Requeri varios rolos de cabos e grande cópia de varas de ferro.

Os cabos erão da grossura dos nossos barbantes e as varas parecião-se com os nossos alfinetes. Eu, porém, fiz trançados de tres cabos, prendendo no seu extremo ganchos de ferro torcidos. Confeccionei cincoenta exemplares de taes cabos e ganchos, juntando todos em um nó commum, que podia conservar com facilidade na mão, e fui ter á nossa praia, fronteira da altiva esquadra inimiga.

Ahi estavam el-rei e toda a sua côrte, espectadores anciosos do meu emprehendimento. Tirei o casaco, os sapatos e as meias, e metti-me no mar, caminhando em direcção á ilha de Blefuscu. Fui caminhando até que a agua me dêsse ao queixo; depois nadei obra de trinta passos, retomando pé e continuando a minha caminhada. Antes que tivesse decorrido meia hora, tinha alcançado os navios.

Grande foi o terror dos tripolantes, quando virão surgir, pouco a pouco, das ondas do mar monstro tamanho. Panico horrivel apoderou-se delles, e, soltando gritos estridentes, marinheiros e soldados, commandantes e officiaes, tudo, emfim, que respirava a bordo, atirou-se ao mar e foi nadando para a praia. Não os

incomodei, porque fazião justamente o que desejava que fizessem. Orçavão em trinta mil, e se tivessem invadido a ilha de Liliput, os liliputenses terião passado um máu quarto de hora.

Agora já não havia perigo. Puz-me a executar o meu plano, prendendo solidamente um gancho em cada navio.

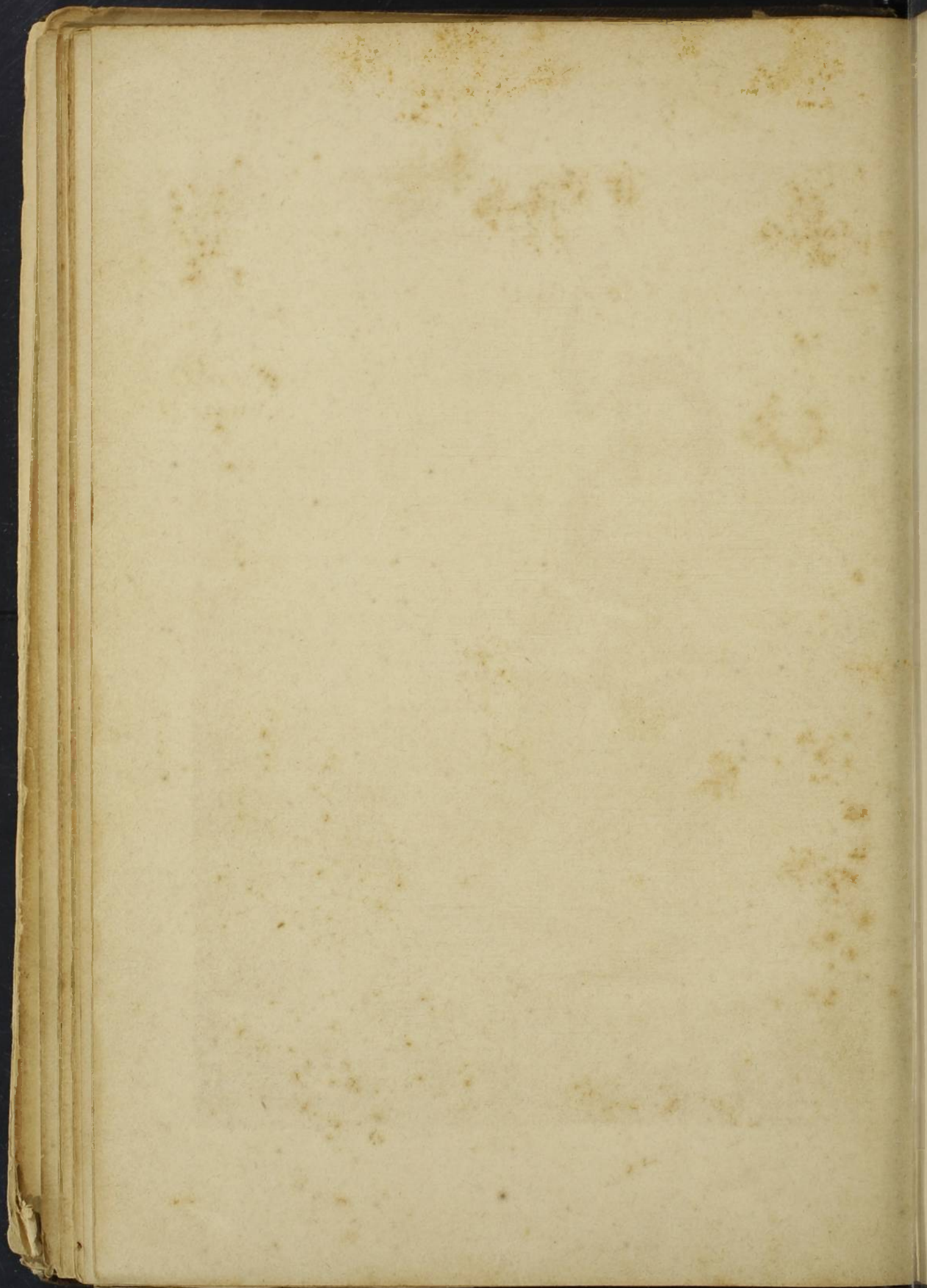
Entretanto, não me correu mui commodamente este trabalho, porque os inimigos, tendo recuperado um tanto de sangue-frio, enviarão-me nuvens de flechas, das quaes muitas acertárão e me causárão dôres sensiveis no rosto e nas mãos. Apesar disto, pouco caso teria feito desta aggressão, se não receiasse por meus olhos. Lembrei-me então dos meus oculos, que tirei do bolso e colloquei no nariz, oppondo assim um escudo efficaz aos projectis importunos, que agora já me parecião brinquedo. De quando em quando alguma flecha acertava nos vidros, mas resvalava da superficie lisa.

Em breve todos os ganchos estavam lançados e cuidei de voltar. Quando puxei dos cabos, percebi que a esquadra offerecia resistencia: é que estava ancorada solidamente. Com a minha faca, porém, cortei todas as amarras, debaixo de uma verdadeira saraivada de flechas, que bastante me doião no rosto. Mas eu não fiz caso deste incommodo, e reboquei toda a esquadra, desta vez sem impedimento.

Os habitantes de Blefuscu, que não havião atinado com o meu intento, ficárão como loucos de dôr, quando percebêrão que lhes arrebatava a sua esquadra formosa, para leva-la aos seus inimigos; soltarão gritos tão cheios de lamentos, que eu mesmo tive pena delles. Olhei para traz e vi como se atiravão ao chão, estorcendo-se de desespero, puxando os cabellos, despedaçando a roupa, dando, emfim, todos os signaes do mais vehemente soffrer.

Logo que estive fóra do alcance das suas armas, parei para arrancar as flechas das feridas, e untar-me com a pomada, que já me havia prestado serviço tão efficaz; senti logo diminuir as dôres e os inchaços; guardei então os meus oculos no bolso, e continuei a minha retirada victoriosa.





Sem accidente passei a nado a parte profunda do meio do canal; sem impedimento venci o resto do estreito, e cheguei por fim na praia do Liliput, onde fui recebido com immenso jubilo pelo rei e pelo povo.

Sua Magestade havia presenciado todos os incidentes da minha excursão. Já desde o principio, quando viu seguir-me a esquadra em arco gracioso, sentiu immenso jubilo; mas, quando cheguei ás aguas profundas, quando o rei viu-me desaparecer por momentos nas ondas, verdadeiro terror apoderou-se d'elle. Felizmente o susto foi de pouca duração: bem de pressa viu surgir-me de novo, e rebocar a esquadra conquistada, mesmo nadando. Gritos jubilosos lhe irrompêrão então do peito, e toda a sua côrte repetiu estes gritos. Quando por fim já estava tão perto que minha voz podia ser ouvida, gritando: — Por muitos annos viva o poderoso, o glorioso soberano de Liliput! — quando amarrei na praia o cabo, que sujeitava as náos, — a alegria tomou proporções enormes, e todos houverão-se de tal modo, que parecião haver endoudecido repentinamente. Rolavão-se no chão; atiravão os chapéus ao ar, e gritavão de contentamento, que a terra estremecia.

O rei, porém, recebeu-me com muita affabilidade; abraçou-me diante de todo o povo, fez-me os maiores elogios, e nomeou-me immediatamente *Nardac* do imperio, o que é o posto mais elevado e corresponde mais ou menos á nossa dignidade de duque.

CAPITULO VI.

Como o leitor tem podido vêr, até aqui cresceu-me diariamente o favor do rei.

Infelizmente a fortuna não é tão constante como os mortaes o desejão, e bem depressa chegou a minha vez de reconhecer esta triste verdade, em uma mudança dos sentimentos do soberano, summamente desagradavel para mim.

O primeiro motivo da mingoa do meu valimento nasceu negando-me eu de cumprir uma exigencia de Sua Magestade.

El-rei, inebriado pela grande victoria alcançada sobre os seus inimigos com tanta facilidade, recrudescceu em suas ambições, e ordenou-me que fosse recolher toda a frota mercantil dos habitantes de Blefusco, como lhes tinha arrebatado a esquadra.

E, não contente com isto, havia forjado o projecto de atacar os seus vizinhos e de reduzir o seu paiz livre á simples provincia de Liliput. Com o auxilio poderoso do meu braço, pareceu-lhe cousa comesinha, restando-lhe depois só o trabalho de nomear um logar-tenente que governasse em seu nome o paiz subjugado.

Cumpre-me confessar que estes projectos ambiciosos e iniquos despertarão-me grande desgosto, e declarei sem ambages que nunca me prestaria a servir-lhes de instrumento. Indignava-me a ideia de reduzir á escravidão um povo livre e bom, que vivia satisfeito á sombra de suas instituições. Por mais que fizesse el-rei, era

escusado contar commigo, porque preferia a morte á uma acção infamante.

Sua Magestade, comprehendendo que era tempo perdido insistir commigo, mostrou-me um ar carrancudo, e convocou o seu conselho pleno, no seio do qual revelou os seus projectos. Os seus conselheiros, que contavão com a minha força, applaudirão muito a ideia; quando, porém, souberão que eu havia negado peremptoriamente o meu auxilio, arrefecêrão, produzirão mil objecções, acabando por condemnar completamente a empreza. El-rei viu-se obrigado a renunciar ao seu plano, mas em mim recahiu toda a sua raiva, porque não me podia perdoar haver-lhe impossibilitado a realização de um sonho predilecto, e tão violento foi o seu desgosto, que no proprio conselho deixou escapar algumas phrases para mim altamente desagradaveis. Alguns ministros, sujeitos de má indole, por inveja animados contra mim, aproveitarão o ensejo para augmentar ainda a indisposição de Sua Magestade.

Calumniarão-me, accusarão-me de varios crimes e maldades, e el-rei em sua ira facilmente prestou-lhes ouvido. Urdu-se desde então uma verdadeira conjuração contra mim entre o rei e seus conselheiros, que alguns mezes depois irrompeu e quasi causou a minha perdição.

Era lição eloquente para calcular com que facilidade os serviços mais valiosos cahem no esquecimento, quando aquelle que os prestou não sabe favorecer as paixões dos reis, nem satisfazer as suas exigencias insensatas.

Pouco depois chegou uma embaixada do soberano de Blefuscu, para proceder ao tratado da paz: compunha-se de seis enviados extraordinarios, acompanhados de seiscentos individuos. As condições por elles propostas erão tão favoraveis que sem demora fôrão acceitas. A sua entrada na capital fez-se com toda a pompa, e correspondeu em todos os pormenores não só ao poder e á magestade do seu soberano, como tambem á importancia da missão com que tinham sido honrados.

Tambem a mim os embaixadores fizeram a sua visita. Tinha tido noticia da coragem que havia opposto aos projectos do rei, e vinhão agradecer o meu procedimento. Felicitarão-me pelo alto valor



que havia mostrado, pela modestia com que gozava do favor dos grandes, e convidarão-me finalmente a que fosse visitar o rei de Blefuscu, que tinha muito desejo de vêr-me, e de congratular-me com o meu prodigiosa. Anuindo sem demora, quebrei em sua presença varias barras de ferro, alguns troncos de carvalhos, arrojéi ao longe pedras enormes; sentei muitos liliputenses e blefuscuanos nos meus

versar commigo. Finalmente pedirão-me que lhes desse algumas amostras da minha força

hombros e braços, dansando com este peso desembaraçadamente, esforçando-me, emfim, o mais que pude para distrahi-los agradavelmente.

Quando os visitantes se retirarão, agradecêrão-me com tanta cordialidade, que bem comprehendí que não havia em suas palavras o fingimento, que tão frequentemente se encontra nas côrtes. Prometti-lhes que havia de pedir licença ao meu soberano para visitar o rei de Blefuscu, e separámo-nos como bons amigos.

Quando, alguns dias depois, solicitei permissão para a visita promettida, el-rei concedeu-m'a, mas com uma frieza tão notavel, que não pude deixar de comprehender que Sua Magestade tinha alguma cousa contra mim. Indagando entre amigos soube que Flimnap e Bolgrolão me havião intrigado, fazendo principalmente cabedal da minha entrevista com os enviados de Blefuscu, como prova evidente das minhas tenções traiçoeiras. Inteiramente innocente, senti grande indignação por causa deste procedimento malicioso, e modifiquei muito a opinião que tinha de ministros e outros funcionarios do paço.

Como é sabido, para adquirir a minha liberdade, tivera de jurar muitas clausulas humilhantes e vexatorias para mim, não tendo como fugir a essa obrigação. Mas agora, que a tomada da esquadra inimiga me havia valido o titulo de Nardac do imperio, ficárão naturalmente eliminadas aquellas obrigações vilipendiosas, e todos, a partir d'el-rei, a quem faço justiça neste ponto, até o mais infimo do povo, me tratarão com o respeito devido. Mas, justamente este tratamento dispunha-me a prestar de bôa mente os meus serviços, e não tardou a occasião de provar ao soberano as minhas bôas disposições.

Infelizmente tive de proceder de um modo tal, que veio augmentar ainda a aversão que existia contra mim e de roubar-me o ultimo vislumbre do favor do rei e de sua familia.

Uma noite, — havia de ser pela meia-noite, — estava eu dormindo a bom dormir, quando fui despertado pelos gritos des-

esperados de milhares de pessoas, das quaes muitas me batião descompassadamente na porta do dormitorio.

Sobresaltado fugi da cama, e, enquanto a toda a pressa enfié algumas peças de roupa, distingui com terror a palavra *Buglum*, que significia incendio.

Quando abri a minha porta, chegavão a toda a brida criados do paço: el-rei mandava chamar-me encarecidamente; um incendio voraz havia-se propagado no seu castello, ateado pelo descuido de uma camarista de Sua Magestade a rainha. E escusado dizer que voei para o theatro do desastre, onde achei, apesar dos trabalhos assiduos dos bombeiros e do povo, devorada grande parte da ala habitada pela soberana.

Se tivesse trazido o meu casacão em um instante teria abafado as labaredas com elle; mas na pressa com que acudi, apenas tinha vestido a minha jadona. Além disto a agua escasseava e os baldes em que era trazida a pouca que se achava, erão do tamanho de um dedal. Como haver-me para pôr fim ao terrivel incendio? Como salvar da total ruina esse formoso palacio, essa maravilha de arte, luxo e riqueza, obra de muitos milhões de mãos liliputenses e de varios seculos?

De repente lembrei-me que perto da cidade havia um immenso reservatorio, uma cloaca gigantesca, para a qual corrião encanadas todas as immundicias da capital. Na falta de agua limpa, lancei mão do liquido daquelle reservatorio; sem importar-me com o máu cheiro, corri a encher o meu chapéu, e, despejando o seu conteúdo nas chammas, consegui abafar promptamente o fogo.

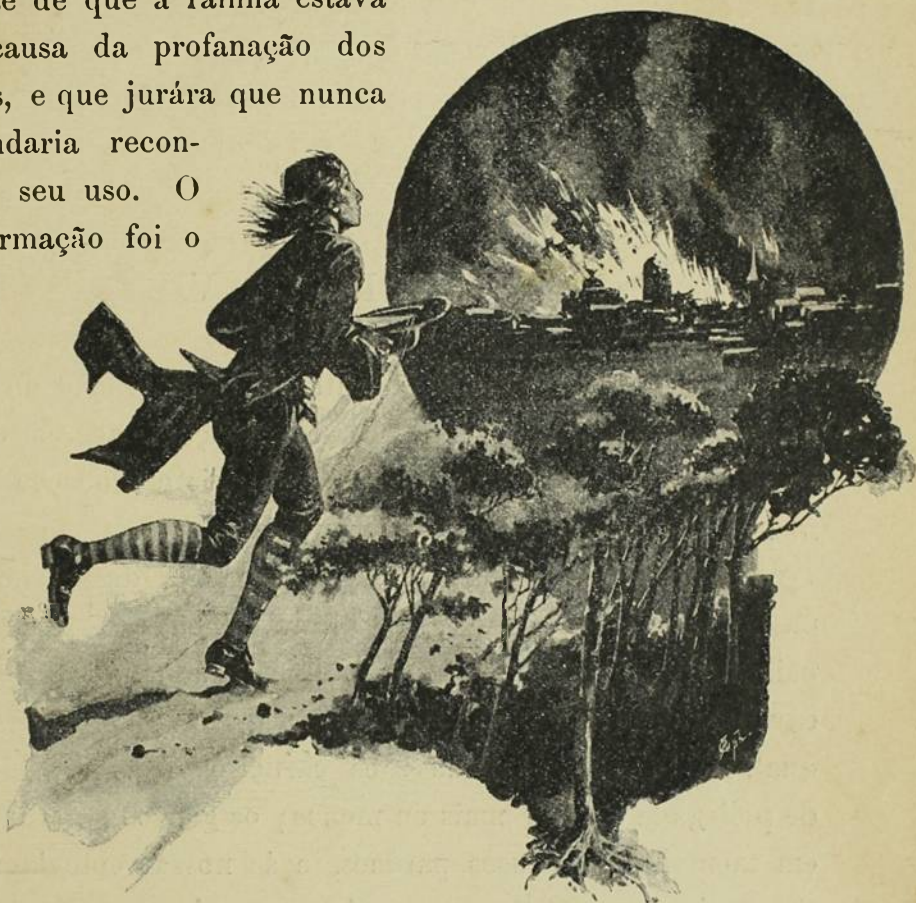
Folguei muito por ter preservado da destruição um edificio tão caro aos liliputenses; retirei-me, porém, sem aguardar os agradecimentos d'el-rei, em parte movido pela minha modestia proverbial, e, para ser franco, tambem um tanto apoquentado pela duvida acerca do modo com que encararia Sua Magestade o meio insolito empregado por mim para extinguir as chammas; duvida bem fundamentada pela natureza do liquido tirado da cloaca.

E certo que no dia seguinte veio tranquillizar-me a noticia de que el-rei se havia manifestado muito agradecido; esta tranquillidade, porém, não foi de longa duração, porque bem depressa fui informado reservadamente de que a rainha estava furiosa por causa da profanação dos seus aposentos, e que jurára que nunca mais os mandaria reconstruir para o seu uso. O peor da informação foi o additivo. Sua Magestade, a graciosa soberana, jurára tambem que não descansaria, enquanto não se houvesse vingado do profanador!

Assim, em lugar de gratidão, colhi um bom odio: odio de mulher, e ainda em cima de rainha.

Mas, o que havia de fazer senão deixar correr as cousas o seu curso natural?

Entrincheirei-me na pureza das minhas intenções, e consolei-me com a reflexão: que o demonio nunca é tão feio como o pintão.



CAPITULO VII.

Tenho que abrir um parenthesis na narração das minhas aventuras, para encaixar algumas observações acerca dos habitantes de Liliput, dos seus usos e costumes, leis e educação, para as quaes mais tarde não terei ensejo favoravel.

Como já é sabido, a estatura média desses homunculos não passa de seis pollegadas de altura. Todas as demais cousas do paiz extraordinario são proporcionaes áquella altura. Os bois e cavallo, chegados ao seu maior desenvolvimento, varião entre quatro e cinco pollegadas; os carneiros e as vitellas ficão abaixo de pollegada e meia, mais ou menos; os gansos e perús assemelhão-se em tamanho aos nossos pardaes, e ás nossas cotovias; as gallinhas são mais pequenas que a carriça, e assim por diante, quanto aos animaes. Mas, como a vista dos habitantes é summamente aguda, lidão como nós; tanto trabalho lhes dá matar um dos seus boi-nhos, como aos nossos carneiros de matar os nossos bois. Tudo está em proporção. Entre nós, mais força, mas tambem mais resistencia; entre elles, pequenez e debilidade, mas tambem resistencia menor. Comtudo, muitas vezes sentia um prazer especial em observar os meus cozinheiros em sua lida. A destreza com que depennavão as cotovias, do tamanho de uma mosca nossa, era realmente maravilhosa. Mais admiravel, porém, parecia-me o trabalho das costureiras; nunca pude descobrir nem um vestigio de agulha,

linha e retrós. Enfiavão uma linha invisível para mim em uma agulha igualmente invisível, e cosião com tal rapidez e destreza, que excedia tudo quanto se póde produzir em costura.

As arvores mais altas, — arvores milliseculares, — apenas se elevão sete pés acima do solo, de modo que commodamente podia alcançar-lhes o cimo com a mão. Toda a vegetação está em proporção com as arvores. Flôres, cujo esmalte fazia as delicias dos liliputenses, cujo tamanho provocava a sua admiração, para mim erão imperceptiveis a olho nú.

Não tive tempo de avaliar a extensão de sua cultura, porque a minha estada no seu paiz não chegou a um anno. Comtudo, estranhei o seu modo de escrever. Não traçavão as suas lettras da esquerda para a direita como nós; nem da direita para a esquerda como os hebreus, nem tão pouco de alto para baixo como os chins; escrevião enviesado, de um canto do papel ao opposto, como os nossos alumnos relaxados que têm preguiça de pautar a sua plana.

Muito notavel é ainda o modo de enterrar os defuntos. Colloção-os na cova de cabeça para baixo, sem caixão nem sudario, e enchem a sepultura de terra. A razão que allegão é que, infallivelmente, ao cabo de onze mil luas, a terra que elles têm por plana, se vira, e que então os defuntos, que nesta época despertaráõ, ficarãõ na posição natural, podendo sahir das suas covas sem difficuldade. E certo que os sabios dizem que esta supposição é uma grande tolice. Mas, de que serve? O povo não larga de suas crendices e os defuntos são mergulhados de pernas para o ar.

Algumas leis de Liliput são tão differentes das nossas, que me vejo obrigado a menciona-las, *verbi gratia*, a lei acerca dos delatores.

Todos os delictos contra o Estado são punidos severamente, e todos os cidadãos têm a obrigação de denunciar os que chegão ao seu conhecimento. Se acontecer, porém, que alguem denuncia o proximo por vingança, malicia ou motivos inconfessaveis, e o denunciado chega a justificar-se, o delator paga a sua falsidade cruelmente.

E decapitado e seus bens são confiscados, sendo o accusado indemnizado de quatro modos:

- 1º pelo tempo que perdeu;
- 2º pelo perigo que correu;
- 3º pela prisão que soffreu;
- 4º pelas custas e prejuizos, originados pelo processo.

Se a fortuna do calumniador não é sufficiente, o Estado tem de dar o que faltar.

Entre nós é differente, mas infelizmente não é melhor, porque ordinariamente o delator injusto exime-se do castigo, e o pobre réo, accusado injustamente, padece miseria e pena, sem a menor indemnização.

Furto evidente não é grave crime entre os liliputenses; mas o abuso de confiança é punido com a pena de morte. O principio seguido nisto pelos homunculos me parece verdadeiro e não posso deixar de o applaudir.

Dizem elles acertadamente que é possível resguardar-se dos ataques abertos dos ladrões por meio de muros, fechaduras e ferrolhos; mas que o homem de bem, nem com todo o tino e vigilancia, póde acautelar-se das ciladas e traições dos ardilosos, e é geralmente victima quando não pensa em maldade. E como o commercio e o trato social sem honestidade e lealdade, sem fé nem crença, nunca poderia subsistir, um Estado bem avisado deve procurar manter estas boas qualidades por meio de sabias leis. Que o remedio mais efficaz, porém, contra enganadores e patifes é o cutello e o baraço.

Uma vez implorei o perdão do rei para um criado que tinha roubado a seu amo uma quantia consideravel, que lhe havia sido confiada. Sem pensar em mal, observei que não me parecia crime tamanho que merecesse a morte; que pensava que alguns annos de cadeia serião sufficientes para pagar o delicto.

Sua Magestade ficou attonito e me disse que estranhava ouvir-me qualificar um abuso de confiança entre os delictos pequenos,

quando na verdade era o crime mais abjecto e mais prejudicial. Que um homicidio commettido em um momento de arrebatamento, ainda se explicava, mas que uma deslealdade, um abuso de confiança só se commettia com fria premeditação, evidenciando assim toda a perversidade do criminoso.

Calei-me envergonhado, porque conheci que el-rei tinha razão. E o tal criado foi enforcado, sem que lhe valesse a minha intercessão.

A ingratição é tida como crime capital. Dizem os liliputenses que um individuo capaz de pagar ao seu bemfeitor o bem com o mal, mostrando que não lhe tem amor algum, tambem é incapaz de sentir amor pela humanidade; que, portanto, não seria digno de viver.

A educação das crianças é acertadissima, parecendo-se com a espartana. Os pequenos são acostumados ás intemperies, inculcando-se-lhes ao mesmo tempo as virtudes da justiça, do valor, da modestia, da brandura e da piedade. Acostumão-os á actividade, alimentão-os com comida sadia, simples e escassa, instruindo-os nas sciencias e bem assim na esgrima, natação, equitação, e em todos os exercicios do corpo. Deste modo ha poucos doentes, e os medicos não fazem muito negocio em Liliput.

Tendo referido todas estas particularidades relativas aos filhos do paiz, toca-me agora dizer algumas palavras acerca do meu estabelecimento, do meu modo de vida.

Com o andar do tempo havia tratado de dar ao meu templo as commodidades possiveis. Tendo tido licença de cortar na floresta régia as arvores que quizesse, de uma duzia das melhores consegui fazer uma mesa e uma cadeira. Ponderando que só dispunha do meu canivete, e que nenhum dos meus homunculos podia ajudar-me, ha-de comprehender-se que não foi empreza facil fabricar aquella mobilia. Mas com paciencia e actividade vence-se grandes difficuldades, e eu obtive a minha mesa e cadeira, não só proprias para o seu destino, mas ainda bastante agradaveis á vista.

Para fornecer-me camisas, lençóis e toalhas de mesa, el-rei me havia mandado duzentas costureiras, que trabalhavão todos os dias com afinco. Escolhêrão a fazenda mais resistente, mas apesar disto devião toma-la em quatro, porque a mais incorporada era delgada como o nosso fumo. O panno de linho de Liliput mede em largura tres pollegadas e uma peça inteira só tem covado e meio de comprimento. Calcule-se quantas peças tinhão de empregar em uma camisa para mim! Para tomar-me medida, eu tinha de deitar-me no chão de todo o meu comprimento; uma das costureiras me trepava no pescoço, outra no meu joelho, e uma terceira media a corda que as outras duas esticavão. A medida com que trabalhavão era de uma pollegada. Acabada a medição, exigião que mostrasse a mão e medião a grossura do meu pollegar. Em seguida fazião-me uma reverencia graciosa, passando a cortar e coser as minhas camisas. Admirei-me que não me tomassem as dimensões ao redor do corpo; porém ellas me responderão que não havia necessidade disto, porque, tendo a medida do meu pollegar, e sabendo que o pulso tinha o dobro do perimetro deste, depois o pescoço o dobro do perimetro do pulso, e assim por diante, era-lhes muito facil contentar-se com aquella medição.

Mais tarde verifiquei a certeza dos seus calculos mathematicos, admirando-me então que em nossa terra ainda ninguem se tivesse lembrado de empregar o methodo das costureiras de Liliput.

A confecção de um casaco novo, em substituição do meu já bastante transparente, occupou trezentos alfaiates. O chefe delles exigiu que me puzesse de joelhos, e quando já me preparava a repellir com energia esta exigencia, explicou-me com um sorriso gracioso que era só para tomar-me medida. Puz-me, pois, de joelhos, e o chefe dos artistas da tesoura subiu em uma escada de mão, não sem ficar tremendo em todo o corpo, e deixou cahir dos meus hombros um prumo, medindo assim o comprimento do futuro casacão. Da medição dos braços, da cintura e dos hombros fiquei



eu mesmo encarregado, pois não havia quem quizesse renovar a acção heroica do chefe de subir em uma escada tão alta, quando o menor dos meus movimentos podia precipitar o audaz a estrellar-se no chão.

Quando recebi o casacão, vi que me assentava como uma luva, o que raras vezes acontece com os nossos alfaiates, mesmo com os melhores. Mas, olhando de perto percebia-se que era composto de milhares de pedacinhos, e isto porque a largura do panno está em proporção directa com as dimensões dos habitantes.

Empregavão-se trezentos cozinheiros no preparo dos meus alimentos; para maior commodidade moravão em casinhas e barracas, em redor do meu templo, juntos com as suas familias.

Cada um dos trezentos tinha de fornecer diariamente dous pratos, e cumpre-me declarar que sempre vinhão bem preparados, quer cozido, quer assado. Quando me sentava para comer, collocava vinte copeiros em cima da mesa, para servir-me convenientemente.

Cem outros estavam no chão, attentos ao meu menor signal, trazendo os pratos para a mesa, e rolando os barris de vinho ao meu lado, para içá-los depois, por meio de roldanas, para cima da mesa.

Cada barril continha um bom trago, e cada prato um bom bocado. A carne dos animaes é excellente; não me lembro ter comido nenhum prato em *roast-beef* melhor e mais succulento. Deve existir eximios criadores em Liliput, porque um dia me foi servido um quarto de boi, que pude dividir em tres bocados, digo *tres* bocados bem regulares. E certo que isto não se dá muitas vezes.

Geralmente não perdia tempo em apartar os ossos do assado; trincava-os com os meus dentes para maior gaudio dos assistentes, que boquiabertos, me vião tragar um carneiro inteiro, meia vitella, ou um veado assado, sem dar fé da carcassa! Razão tinhão elles, os meus pobres homunculos, de espantar-se destas façanhas, e senão, figura-te, caro leitor, que tens na mesa um bezerro deliciosamente assado, que envia ás tuas ventas os mais finos aromas, e que de repente entra um gigante que de uma vez só traga o petisco com ossos e tudo.

Com as aves não tinha trabalho algum: perús, gansos e patos me passavão com muita facilidade da bocca para o estomago; pombas, perdizes e calhandras desapparecião ás duzias de uma vez só; é bom lembrar-se, porém, que as taes calhandras erão do tamanho de uma mosca.

A funcção dos meus banquetes, tão interessante para os liliputenses, tinha attrahido até el-rei, que veiu com toda a sua familia assistir a um dos meus jantares. Agarrei todos, com carruagens, cavallos e tudo, e colloquei-os na mesa, para que pudessem apreciar melhor o espectaculo appetecido; e puz-me a devorar todos os bons bocados servidos nesta occasião com a costumada pericia.

Sua Magestade arregalou os olhos, quando viu com que destreza fazia desapparecer em um momento verdadeiros montões de alimentos, assados, verduras, compotas, saladas, ensopados e quantos nomes tinhão, e mais de uma vez sacudiu a cabeça.

Flimnap, o ministro da fazenda, que estava na carruagem d'el-rei, achou a ocasião asada para cortar-me na pelle, segredando ao rei, que neste andar, bem depressa seria impossivel sustentar-me sem

exaurir o Estado. Sua Magestade, que tinha á vista as provas do meu appetite, parecia prestar a S. Ex. mais attenção que de justiça, e fazia



uma cara bastante feia, quando ouviu de Flimnap que eu já tinha custado ao thesouro mi-

lhão e meio de *sirru* (moeda de ouro do tamanho de uma lentejola) e sem duvida seria muito prudente arredar-me quanto antes do paiz, e melhor ainda tirar-me a vida.

O rei nada respondeu a estas insinuações; creio, entretanto, que as guardou no amago do coração, e que mais tarde contribuirão poderosamente a attrahir-me o desfavor do rei. Pelo momento, porém, não havia perigo ainda, e depois do jantar Sua Magestade despediu-se de mim o mais graciosamente possível.

CAPITULO VIII.

Sem muito tardar terei de contar aos meus leitores a minha fuga do celebre paiz de Liliput.

Antes, porém, cumpre dar uma conta exacta da conjuração que se forjou contra a minha vida, porque foi ella que me obrigou a retirar-me clandestinamente.

Provas de sobejo já teve o leitor de que eu, com a minha sinceridade, pessima figura devia fazer em qualquer côrte.

Eu mesmo tinha colhido cedo esta convicção, mantendo-me, em consequencia, longe de todas as solemnidades, bailes e concertos, apezar dos reiterados convites, que não podião deixar de me serem feitos, como ao Nardac do Imperio.

Sentia que estaria deslocado naquellas reuniões; além disto, para dizer a verdade, ter-me-hia sido difficil dansar um minuete gracioso ou um *pas de deux* com qualquer das damas do paço.

Mas, ao retrahir-me, cahi em um erro, commettido por muita gente de bem; não me occupando dos outros, suppuz que tambem ninguem se occuparia de mim, e nem sequer sonhava com o perigo, nem mesmo quando a tempestade já era imminente.

Estava eu em preparativos de minha projectada visita ao rei de Blefuscu, quando alta noite, e rodeado do mais profundo mysterio, um personagem importante da côrte, — ao qual outr'ora eu prestára um bom serviço, quando tinha cahido em desgraça, — veiu visitar-me.

Chegou em uma liteira bem fechada e não declinou o nome aos meus criados. Sem hesitação sahi, arredei a criadagem e os portadores da liteira, metti esta com dono e tudo na algibeira, e fui para o meu aposento, cuja porta fechei cuidadosamente. Só então o meu amigo atreveu-se a sahir do seu vehiculo; com grande afan passou revista ao meu templo, para vêr se não havia algum curioso escondido; depois sentou-se á mesa, com uma cara tão triste, que não pude deixar de perguntar-lhe se lhe tinha sobrevindo alguma desgraça.

— Ah! — suspirou o meu amigo, cujo nome continuo a calar, porque por um acaso este livro poderia cahir nas mãos de algum liliputense, e originar incommodos ao meu bemfeitor; — ah! o que me traz não é o meu interesse, mas o seu, e peço-lhe que me ouça sem interrupção, que a cousa é grave, para a sua honra e para a sua vida!

Já se vê que este exordio não era dos mais tranquillizadores; obedeci, entretanto, á recommendação do meu amigo, que continuou:

— Ha-de saber que nestes ultimos tempos numerosas sessões do conselho d'el-rei fôrão convocadas, e saberá agora que fôrão realizadas unicamente para tratar do seu nome, da sua pessoa. Ha dous dias, por fim, Sua Magestade tomou uma resolução. Sabe o meu amigo, tão bem ou melhor do que eu, que o almirante Skyresch Bolgrolão, desde a sua chegada na ilha, votou-lhe um odio ferino, e que este odio muito recrudesceru na occasião da gloriosa tomada da esquadra inimiga, que lhe empanou a elle o lustro de suas façanhas. Pois bem: elle e Flimnap, o ministro da fazenda, e ainda o general Linstoc, o veador Lalcon e o ministro da justiça Ballmuff, formularão accusação formidavel contra o meu amigo, declarando-o culpado de alta traição.

Sorprende-me tanto esta noticia, e sentia-me tão innocente, que quiz interromper a narração do meu amigo; este, porém, impôz-me silencio por um gesto, e continuou:

— Sei tudo quanto quer dizer, e em toda a côrte não ha quem

esteja tão convencido de sua innocencia como eu; e, se não, não estaria aqui. Mas de nada lhe servirá a innocencia, enquanto tiver pela frente inimigos tão poderosos. Preste-me, pois, attenção. Por minhas relações consegui obter uma cópia dos pontos da accusação, e grato pelos serviços que me prestou, venho communicar-lhe tudo, posto que saiba que arrisco a cabeça, procedendo assim. Ouça, pois, o libello contra Quinbus Flestrin, o *monte-humano*.

Puxou de um rolo de papeis e leu:

1º Uma lei antiga do nosso paiz prohi-
be, sob pena de morte, macular o palacio real do nosso soberano. O *monte-humano* transgredio vilmente esta lei, atrevendo-se, na occasião de um incendio casual, a apagar o fogo com os residuos da cloaca geral, enchendo deste modo todo o palacio de fetida immundicie.

Merece, pois, a morte o Quinbus Flestrin ou *monte-humano*, castigo que propomos.

2º Tendo arrebatado a esquadra inimiga, valendo-se de sua força prodigiosa, o Quinbus Flestrin negou-se formalmente a ir buscar a frota mercantil do mesmo inimigo, apesar da ordem expressa de Sua Magestade el-rei. Da mesma fórma negou o seu auxilio para conquistar a ilha de Blefuscu, sob o pretexto especioso



que sua consciencia lhe vedava reduzir á escravidão um povo livre e feliz. Tendo desobedecido assim o *monte-humano* ás determinações de Sua Magestade el-rei, propomos seja condemnado á morte.

3º Paira sobre o Quinbus Flestrin a mais vehemente suspeita de alta traição, por ter conferenciado privadamente com embaixadores estrangeiros, offerecendo-lhes, além disto, toda a especie de divertimentos. Cresce a suspeita com a consideração de que esses embaixadores vinhão de um paiz, com o qual Sua Magestade el-rei ha pouco esteve em guerra ferina. Robustece, finalmente, a intenção traiçoeira pela pretensão de Quinbus Flestrin de visitar o monarcha de Blefusco, afim de offerecer-lhe os seus serviços. Merece, pois, a morte o *monte-humano*.

Interrompendo a sua leitura, o meu amigo accrescentou que havia ainda muitos outros pontos de accusação, posto que de menor importancia, e continuou:

Durante o procedimento odioso dos seus inimigos, Sua Magestade el-rei deu varias vezes mostras da affeição que lhe dedica, procurando, com intenções benignas, invalidar as accusações. Allegou os seus serviços, prestados ao throno e á nação, observando que não seria justo pagar-lhe com tamanha ingratição. O almirante e o ministro da fazenda, porém, mostrarão-se sempre mais emperrados, requerendo a morte mais tormentosa para o meu amigo. Propuzerão que de noite, quando estivesse ferrado no somno, se lançasse fogo ao seu templo, afim de que percesse nas chammas. E, no caso que, por meio de sua força prodigiosa, conseguisse salvar-se das labaredas, estarião promptos vinte mil homens para mata-lo com flechas venenosas. Dar-se-hia aos seus criados ordem de borrifar com um veneno cruel sua roupa de corpo e de cama, travesseiros, cobertores, tudo, enfim, para que a dôr atroz, causada pelo veneno, o enlouquecesse, a ponto de despedaçar-se com as suas proprias mãos. Tal morte horrenda lhe destinavão!

El-rei, porém, rejeitou estas propostas, exigiu que, pelo menos,

se lhe deixasse a vida, e, com um discurso ardente e inspirado, angariou os votos da maioria do conselho.

Então Redresal, o secretario do Estado, que sempre foi seu amigo, convidado a emittir o seu parecer, levantou a voz e disse: que, posto que bem conhecida a amizade que lhe dedicava, não queria deixar de manifestar sinceramente a sua intima opinião. Que reconhecia a magnitude de seus crimes, mas que não os avaliava susceptiveis de arrastar á pena de morte, visto que em todos os seus actos não surgia a menor má intenção. Que por isto appellava para a clemencia do soberano, tantas vezes praticada para a sua propria gloria. Se el-rei se dignasse perdoar-lhe a vida, e se contentasse em mandar furar-lhe os olhos, não só a justiça ficaria satisfeita, mas ainda todos os habitantes de Liliput, inclusive o proprio Quinbus Flestrin, proclamarião bem alto a sabedoria e brandura de Sua Magestade e de todo o seu conselho. Além disto, se por tal procedimento se privava o amigo da faculdade de prejudicar, do outro lado se lhe conservava a possibilidade de prestar serviços.

Accrescentou o secretario do Estado algumas reflexões bonitas para demonstrar quão digna de louvores era a cegueira, accentuando que augmentava a coragem, visto que o cego não percebe o perigo que o ameaça, brigando, portanto, com todo o denodo. E como prova citou que o amigo, quando tomou a esquadra de Blefusco, mostrou-se muito receioso pelos olhos, o que pelo futuro não mais aconteceria.

O discurso do Secretario do Estado, — continuou o meu amigo, — longe de acalmar os espiritos, inflammou-os de novo, e, rôxo de raiva, ergueu-se o almirante Bolgrolão, e exclamou: Tu, pois, te atreves a votar pela vida de um malvado, que mil vezes mereceu a morte? Cuidado que por teus discursos inconsiderados não tenhas que pedir por tua propria vida! Ao julgar de um crime, peza-se o facto e não a intenção, que ninguem pôde aquilatar. Sujou, sim ou não, o *monte-humano* o palacio real? Obedeceu ou

desobedeceu á ordem d'el-rei? Deu audiencia ou não aos embaixadores de Blefuscu? Eis as perguntas a que devemos responder, e todos nós temos de confessar que commetteu os crimes de que o accusão. Porque, pois, adiar o castigo? O *monte-humano* é digno de morte: matemo-lo! Que valem nestas emergencias importantes os seus serviços prestados ao Estado? O que fez até agora a nosso favor, amanhã o póde fazer contra nós; e de certo o fará se realiza o seu desejo de visitar o soberano de Blefuscu. Além disto foi recompensado de sobejo pelo titulo de Nardac do Imperio. Pago assim o tributo de gratidão, não temos mais obrigações para com elle. Repito pois: Que morra! que morra! que morra!

Levantou-se então o ministro da fazenda, e abundou nos mesmos argumentos, reforçados com a ponderação do quanto o amigo vai custando ao Estado. Rejeitou totalmente a proposta do secretario, mesmo porque sabia por experiencia que uma gallinha cega come o dobro de outra vidente. Votava pela morte.

Replicou el-rei, declarando que, sendo elle contrario á sua morte, e rejeitando os accusadores o expediente de cega-lo, levantava a sessão, adiando a decisão para outro qualquer dia.

O secretario, seu amigo, porém, queria a toda o transe vêr a questão decidida alli mesmo, e pediu licença para adduzir ainda algumas razões novas.

— A objecção de S. Ex. o Sr. ministro da fazenda, relativamente ás grandes despesas que acarreta o sustento do *monte-humano*, é de certo muito valiosa, — disse elle. — Mas ha um meio de eliminar pouco a pouco este onus. Cego o Quibus Flestrin, progressivamente diminuir-lhe-hemos os alimentos, até que estejam reduzidos a zero. O *monte-humano* ficará com este regimen muito debil, perderá o appetite, e em poucas semanas morrerá de fome completamente mirrado. Assim evitaremos o perigo da putrefacção de um corpo tamanho; só terão ficado a pelle e os ossos, e, se por acaso houver sobrado um pouco de carne, facilmente cinco a seis

mil cidadãos a poderão raspar dos ossos e levar a paragens remotas, onde não chegue a produzir epidemias. O esqueleto, por fim, ficaria no museo para admirar as gerações vindouras.

Desta vez o discurso do secretario de Estado mereceu o applauso de todos, e assentou-se adoptar a sua proposta. O bom do secretario alegrou-se muito, porque esperava ganhar tempo e salvar o amigo da triste sorte que lhe destinavão. Resolveu o conselho pleno que o projecto de mata-lo á fome por ora ficaria segredo de Estado, mas que por estes dias se procedesse ao acto de furar-lhe os olhos. Não tardará algum delegado d'el-rei em apparecer ao amigo, a communicar-lhe a resolução do excellentissimo conselho, e a exhorta-lo a sujeitar-se resignadamente ao castigo, muito clemente á vista da magnitude dos seus crimes. O rei não duvida que meu amigo acceite pacientemente a resolução de perder a vista, e ordenou a vinte dos seus cirurgiões que assistão á operação, para que seja feita em regra e segundo os preceitos da sciencia; por fim hão-de obriga-lo a deitar-se no chão, e com pontas de lanças aquecidas no fogo furar-lhe-hão os olhos.

Veja agora o que a prudencia lhe aconselha. Eu, por minha parte, fiz o que pude, para preveni-lo do perigo imminente; e, com esta, me ha-de dar licença de retirar-me tão mysteriosamente como vim, porque perco infallivelmente a vida, se alguém souber que o visitei.

E meu amigo despediu-se ternamente de mim e deixou-me só, entregue aos meus negros pensamentos.

Se os meus inimigos conseguissem cegar-me, por toda a vida ficaria preso ao solo de Liliput; nunca mais tornaria a vêr minha mulher e os meus filhos, dos quaes sentia grandes saudades.

Chorando a ingratidão do rei, pois que, eu que o poderia ter esmagado com milhares do seu povo; eu que lhe salvei o palacio das chammas devoradoras; eu que o livrei dos seus inimigos privando-os de sua esquadra; eu que sempre me tinha mostrado

brando, affavel, paciente, avido de aprender, prompto a servir e cheio de confiança; agora, em troca de todo o meu amor havia-de perder os olhos e ser entregue a morrer cruelmente de fome? Não, mil vezes não! Castigaria os meus miseraveis perseguidores, esmagando-os como vis insectos? Se quizesse, nem todo o paiz poderia commigo. Com um montão de pedras destruiria a sua capital em poucos momentos. Com o tronco de qualquer carvalho, em cada golpe alastraria o chão de milhares de homunculos. Mas, não. A deslaldade do rei não autorisava a minha. Havia jurado que nunca emprehenderia cousa alguma contra o seu paiz e seus subditos, e cumpriria fielmente a promessa.

Restava-me só fugir. Resolvi utilizar-me da licença de visitar o monarcha de Blefuscu, escapando assim á sanha dos meus inimigos.

E dito, feito. No dia seguinte escrevi ao meu protector Redresal, dizendo-lhe que achava opportuno aproveitar a licença concedida pelo nosso gracioso soberano, e mandei-lhe a carta por um dos meus criados.

Mas, ao mesmo tempo, puz-me a caminho em procura da praia que olha para Blefuscu; escolhi um dos maiores navios, no qual depositei a minha roupa, e, com a embarcação a reboque, dirigi-me á ilha que devia ser o meu asylo.

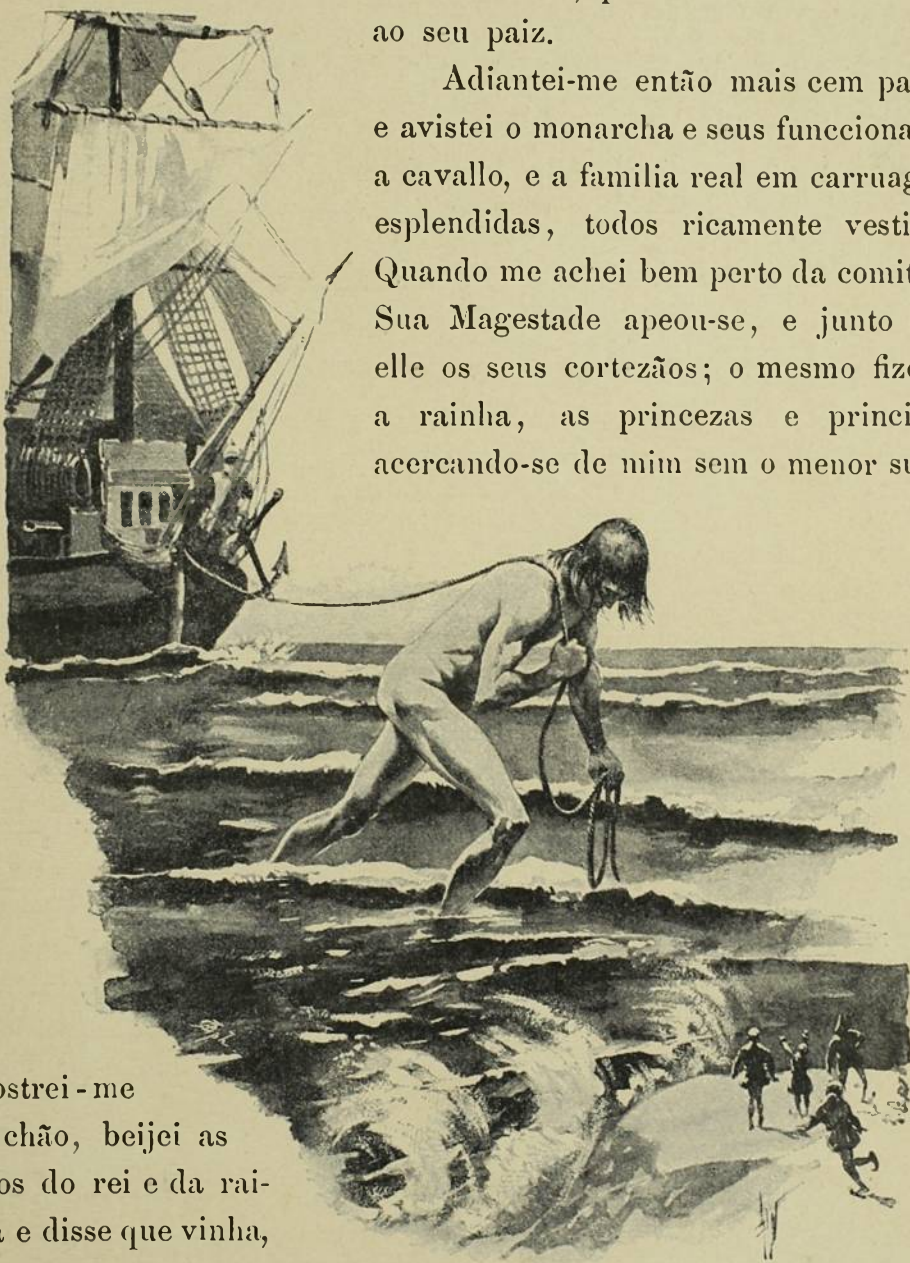
Fiz o trajecto como da primeira vez, ora caminhando, ora nadando, e meia hora depois estava em Blefuscu, onde já era esperado, porque os embaixadores haviam prevenido ao rei da minha projectada visita.

Vesti-me, e, sendo recebido por dous guias, para andarmos mais ligeiro, sentei-os na palma da minha mão, e segui o caminho que me indicarão.

A duzentos passos da capital, puz os guias no chão, e encarreguei-os de participar a Sua Magestade o soberano a minha chegada, e que ficava aguardando as suas ordens.

Uma hora depois voltarão os meus guias e anunciarão-me que el-rei, e toda a sua familia com os grandes da côrte vinhão ao meu encontro, para dar-me a bôa vinda ao seu paiz.

Adiantei-me então mais cem passos e avistei o monarcha e seus funcionarios a cavallo, e a familia real em carruagens esplendidas, todos ricamente vestidos. Quando me achei bem perto da comitiva, Sua Magestade apeou-se, e junto com elle os seus cortezãos; o mesmo fizeram a rainha, as princezas e principes, acercando-se de mim sem o menor susto.



Prostrei-me no chão, beijei as mãos do rei e da rainha e disse que vinha, conforme a minha promessa e a licença do soberano de Liliput, render preito a Suas Magestades e pôr á sua disposição todos os serviços que não entrassem em conflicto com os meus deveres para com o monarcha de Liliput.

O rei de Blefescu respondeu algumas palavras benevolas, convidou-me a levantar-me, mostrando-se em geral nobre e affavel.

E escusado narrar as ceremonias da recepção na côrte, de que facilmente o leitor fará ideia.

Havia, porém, no meio de todas as galas, um grande inconveniente para mim; era a falta de uma casa, que pudesse abrigar-me. Tive, pois, de dormir ao relento, debaixo das arvores da floresta, e soffri bastante das noites frias, cujas geadas me derão um formidavel defluxo.

CAPITULO IX.

Não revelei ao rei de Blefuscu a minha desavença com o monarcha de Liliput, por dous motivos. Primeiro, porque não tivera conhecimento official da resolução do conselho e receiava comprometter o meu amigo officioso por uma indiscrição prematura. Em segundo lugar, porque julgava que o rei de Liliput não divulgaria o segredo, emquanto eu me achasse fóra de seu alcance.

Nesta supposição, porém, enganei-me redondamente, como em breve veremos.

Alguns dias depois da minha chegada, em um passeio na praia, percebi ao longe um ponto negro no mar que me pareceu ser um bote virado. Grande alegria despertou-se em mim; saltei ás ondas e fui caminhando em direcção ao tal objecto, obtendo em breve a certeza de que não me havia enganado, notando que o bote era impellido para a terra pela maré enchente.

Voltei então a toda a pressa á capital e pedi ao rei que me puzesse á disposição vinte dos maiores navios, dando ordem aos marinheiros que me obedecessem em tudo e por tudo.

Annuiu el-rei; obtive as vinte embarcações capitaneadas por um almirante e guarnecidas por tres mil tripulantes. Com esta frota, munida de cabos e ganchos, approximei-me do bote, que já se achava então muito mais perto da praia. Chegado ao seu costado, chamei os navios, ordenei que os marinheiros me atirassem

os cabos, preendi os ganchos no bote e mandei que a esquadra, com as velas enfunadas por um vento favoravel, o tomasse a reboque, enquanto que eu mesmo, nadando na pôpa, o impellia com as mãos. A quarenta passos da praia tivemos de deixar a embarcação, porque já não havia agua para mante-la a nado.

Duas horas depois manifestou-se a vasante. Bem prompto pôde alcançar-se o bote a pé enxuto, e os trabalhadores, que havia requerido nesse comenos, e que orçavão em dous mil blefuscuanos, puzerão em movimento alavancas e machinas poderosas para ajudar-me a revirar o batel, o que conseguimos com muito trabalho e com muitas gottas de suor. Vi então, e com grande alegria, que as avarias erão insignificantes.

Empreguei longos dias em concertar e melhorar a minha embarcação, conseguindo mesmo talhar um par de remos; feito isto, entrei com ella triumphante no porto de Blefescu, onde um povo immenso já me aguardava, para admirar a minha conquista e observar como governava o esquife monstro, que bem podia conter quatro mil liliputenses ou blefuscuanos, o que vem a dar no mesmo. Marinheiro experimentado, passei de um lado para o outro com muita facilidade, e o meu bote comportou-se nas ondas como uma gaivota graciosa.

Depois fui ter com el-rei, ao qual disse que um fado favoravel me havia enviado aquella embarcação, para ir em busca de um ponto, donde pudesse voltar para a minha patria; que, por conseguinte, vinha pedir-lhe os materiaes necessarios para armar completamente o bote, e bem assim venia para a partida, que desejava effectuar quanto antes.

O rei ouviu-me benevolamente, e vendo que não podia dissuadir-me da partida, para estabelecer-me no paiz d'elle, concedeu tudo quanto pedia.

Sobrecarregado de trabalhos, não podia deixar entretanto, de pensar em Liliput, e de admirar-me profundamente do silencio da sua côrte. Soube depois, por uma correspondencia secreta com o meu

amigo, que o rei, não podendo suppôr que eu soubera da historia de furar-me os olhos, aguardava pacientemente a minha volta

de Blefuscu, esperando que a victima incauta cahisse infallivelmente na cilada.

Por fim, o rei glorioso perdeu a paciencia, receiando talvez que eu tivesse



entrado ao serviço do soberano de Blefuscu. Reuniu então o ministro da fazenda, o almirante e os outros membros da conjuração,

e foi resolvido despachar um enviado com a copia de um acto de accusação. Devia este embaixador referir ao rei de Blefuscu quanto favor me dispensára a côrte de Liliput, a ponto de deixar-me a vida, apesar dos meus crimes nefandos, querendo tirar-me apenas

os olhos. Que eu mesmo não negaria ter fugido ao justo castigo; e finalmente, que devia voltar dentro de duas horas, sob pena de perder o meu titulo de Nardac do Imperio, e ser declarado fóra da lei.

Em particular o embaixador devia dizer ao rei de Blefescu que o soberano de Liliput, em consequencia da paz recente entre os dous paizes, contava que o seu muito amado primo daria sem demora as ordens necessarias para compellir-me a obedecer, e enviar-me de mãos e pés atados a Liliput, onde receberia, sem mais preambulos, o castigo devido ás minhas maldades.

Reclamou o rei de Blefescu tres dias de prazo para tomar a sua resolução com calma e bom criterio.

Terminado o prazo, mandou comparecer o enviado do seu caro primo de Liliput e disse-lhe:

— Podes voltar para a tua terra e dizer ao teu soberano que elle sabe como eu que a exigencia de entregar-lhe o *monte-humano* atado de pés e mãos é completamente inexequível, pois que o Quinbus Flestrin saberá muito bem defender-se. Dize-lhe mais que o *monte-humano* nunca me fez mal algum, mostrando-me, pelo contrario, as melhores disposições de espirito. Communica, finalmente, ao nosso primo fiel e leal, que dentro em pouco o Quinbus Flestrin nada terá que receiar, nem de mim, nem de Sua Magestade, pois que encontrou um navio gigantesco e maravilhoso, no qual em breve pretende voltar para a sua patria. Que se contente com isto o teu amo, e dê graças ao céu de vêr-se livre de um hospede, cujo sustento custa sommas ingentes, como eu mesmo experimentei com horror. Podes accrescentar ainda que já dei as ordens mais urgentes para preparar tudo para o embarque de Quinbus Flestrin, pois que já não posso com as despesas.

Depois da partida do enviado, el-rei mandou-me chamar e contou-me todos os pormenores da embaixada. Ri-me muito da ira do soberano de Liliput, porque agora, de posse do meu querido bote, nada receiava das duas nações de homunculos. Quando el-rei

soube que não voltaria a Liliput, offereceu-me empregar-me em sua terra; mas agradei civilmente a offerta, porque estava firmemente resolvido a voltar para a minha patria, e a nunca mais contar, nem com reis nem com ministros.

— O bote que tão singularmente achei, — disse eu a Sua Magestade, — é um indicio da vontade do céu, que eu volte aos meus patrios lares: entregar-me-hei, pois, ás ondas do mar, resulte o que resultar.

Sua Magestade contentou-se com esta declaração, e não parecia lá muito desgostoso com a minha recusa de entrar ao serviço d'elle. Percebendo isto, redobrei naturalmente de esforços para deixar um paiz em que era apenas tolerado, e el-rei, sob pretexto de auxiliarme, fez tudo para apressar a minha partida. Deu-me quinhentos trabalhadores, encarregados de confeccionarem duas velas, o que fizeram cosendo treze camadas das fazendas mais robustas que havia no paiz. Eu mesmo trabalhava desde a madrugada até á noite, tecendo cabos e amarras para apparelhar o meu bote, vendo-me obrigado a trançar sempre vinte ou trinta cordas blefuscuanas, o que era uma occupação ingrata e aborrecida. Faltava-me ainda uma ancora, que os blefuscuanos não me podião fornecer, com a melhor vontade do mundo. Lancei mão por fim de uma pedra enorme, presa em amarras, e vi que servia regularmente para o caso. Entregarão-me a graxa de trezentas vaccas para calafetar o meu bote, o que tambem foi uma occupação desasseiada e desagradavel, posto que facilima, comparada com o trabalho de cortar as arvores mais possantes da floresta e confeccionar o mastro e o leme. A paciencia, porém, vence todas as difficuldades, e tambem nisto sahi-me bem, fazendo eu a obra bruta e dando os blefuscuanos a ultima de mão, polindo, alisando e entalhando a madeira.

Um mez depois do achado da embarcação, estava prompto a fazer-me de vela. Dei esta noticia ao rei de Blefuscu, e pedi-lhe que marcasse dia e hora da minha partida.

No dia assignalado, compareci diante do palacio. O rei e a rainha estavam sentados em um throno de ouro e toda a familia real em cadeiras de ouro formando roda aos seus progenitores. Prostrei-me diante dos soberanos e beijei-lhes a mão, que graciosamente me estendêrão.

Em seguida Sua Magestade el-rei fez-me presente de cin-



coenta bolsas, cada uma recheiada com duzentas moedas de ouro, dando-me em seguida, como lembrança duradoura, o seu retrato de tamanho natural, que guardei immediatamente em minha luva, para que não se sujasse na lida do embarque. Por fim seguirão-se as despedidas, regadas de lagrimas copiosas, que acho melhor passar em silencio.

O meu bote estava provido de cem bois e trezentos carneiros mortos e de bôa copia de bebidas e de comidas já preparadas. Como curiosidade embarquei seis vaccas vivas, dous touros, seis

ovelhas e dous machos, que pretendia mostrar em minha patria e tratar de propagar-lhes a raça. Para forragens, no caminho, levava um immenso fardo de pasto secco e um sacco de centeio. Tinha muita vontade de levar alguns indigenas; mas o rei recusou-me peremptoriamente a licença, exigindo-me até a minha palavra de honra que não raptaria nenhum, nem levaria commigo quem fosse ousado bastante para querer seguir-me. Com muito pezar tive de renunciar, pois, a este desejo vehemente.

No dia 24 de Setembro do anno 1701 suspendi a minha ancora improvisada, e deixei o porto de Blefusco, ás seis horas da manhã, com vento favoravel.

Um povaréo immenso, apinhado na praia, assistiu á minha partida, seguindo com os olhos a minha embarcação e suas velas enfunadas, enquanto as ondas do mar o permittirão.

Milhares de brados de cordial despedida cortavão os ares; abanei algumas vezes com o lenço, e depois empunhei a canna do leme, para governar o meu esquife.

Pela tarde, ao pôr do sol, encontrei no meu caminho uma ilha pequena, aparentemente inhabitada, e não me fiando muito da navegação nocturna nestes mares completamente desconhecidos, desembarquei e, depois de resguardar cuidadosamente o meu bote, passei a noite debaixo de uma arvore frondosa.

No dia seguinte continuei a minha viagem ao acaso, e durante quatro dias não encontrei mais ilha alguma. Já receiava esgotar os meus viveres e ter de morrer de fome miseravelmente, quando vi apontar no horizonte uma vela. Cheio de alegria chamei com todas as forças dos meus pulmões, mas não me ouvirão, porque continuárão tranquillamente a sua derrota.

Felizmente o vento amainou; o que me permittiu acercar-me do navio pesado com o meu bote leve e veleiro, de modo que os meus gritos forão ouvidos.

O navio içou a bandeira, deu um tiro de peça e parou.

Seria impossível descrever o meu entusiasmo jubiloso, quando conheci que tinha diante de mim um navio inglez, que se abria um horizonte fagueiro ás minhas caras esperanças de tornar a vêr a patria.



Depois de ter mettido o meu pequeno rebanho nas algibeiras do meu casação, subi a bordo, onde fui recebido pela tripulação com grande admiração e curiosidade. Disse aos marujos que tudo

lhes havia de contar, mas que, por emquanto, me apresentassem ao seu commandante.

Satisfeito este desejo, soube que o navio ia para a Inglaterra, de volta do Japão. O commandante, mister John Biddle, de Deptford, era homem affavel e marinheiro experimentado. Perguntou-me donde eu vinha, e quando ouviu a fiel narração das minhas aventuras, sacudiu repetidas vezes a cabeça, como querendo dizer que na minha parecia haver alguma cousa desarranjada. Tirei-o, porém, desta crença do modo mais espantoso possível, quando fiz surgir das minhas algibeiras o meu rebanho em miniatura, que principiou logo a saltar alegremente pelo convez, mugindo e balando, que dava gosto a ouvir. O que não deixou de calar também profundamente no espirito do capitão, foi a vista das bolsas cheias de moedas de ouro e do retrato d'el-rei de Blefusco, mórmente quando lhe offereci de presente duas das bolsas. Tratou-me com verdadeiro carinho e ficou encantado, quando lhe prometti que depois da nossa chegada na Inglaterra lhe daria uma vaquinha, uma ovelha e um cordeirinho.

Correu-me a viagem ás mil maravilhas; só tive o desgosto que os ratos me furtassem uma ovelha, da qual só deixárão os ossos. O resto do rebanho chegou em lindas condições; desembarcado em Greenwich, toquei-o para a relva verdejante, onde os bichinhos pulárão e pastarão alegremente, como se não achassem differença alguma entre os prados da Inglaterra e os de seu paiz natal. Também eu alegrei-me bastante, porque tinha tido muito medo de não poder salvar o meu rebanho durante a longa viagem, e, se o consegui, foi graças á generosidade do commandante; elle me forneceu a sua melhor bolacha que, pulverisada e diluida em agua, sustentou maravilhosamente o gado blefuscoano.

Este gado, unico thesouro recolhido em minhas longas viagens, bem depressa transformou-se para mim em fonte de riqueza. Fiz optimos negocios, exhibindo-o por dinheiro, e em toda a parte pagavão-me entradas elevadas. O povo, maravilhado pela narração

das minhas aventuras, que bem depressa se havia espalhado, acudia em massa para admirar os animaes de Blefuscu, e uma verdadeira chuva de ouro me favoreceu. Cansado, porém, destas excursões, vendi o meu rebanho por seis centas libras esterlinas.

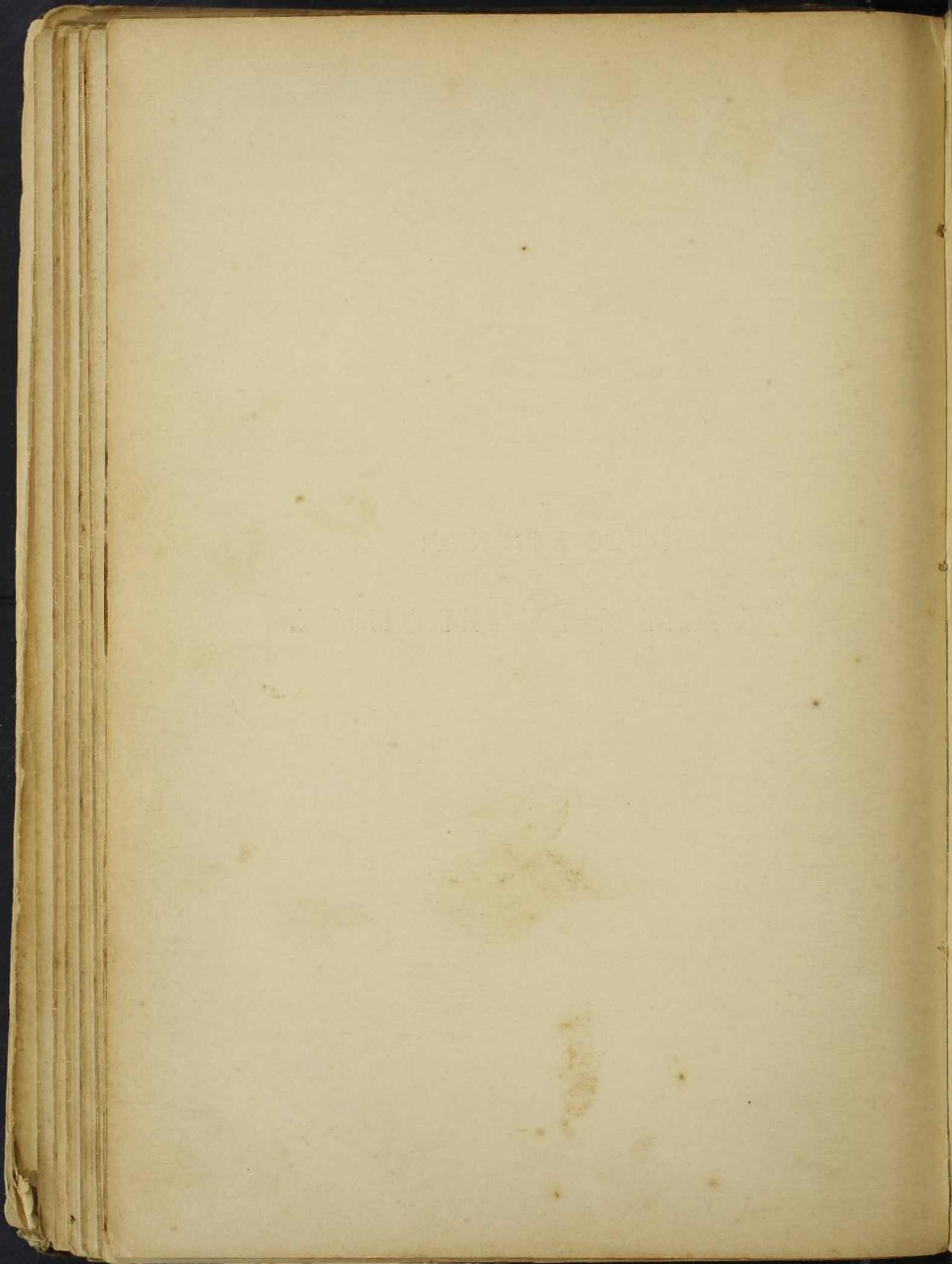
Permaneci apenas dous mezes em companhia de minha mulher e filhos; o socego da casa não harmonizava com o meu espirito aventureiro, que me impellia de novo para o mar. Entreguei á minha esposa mil e quinhentas libras para o seu sustento; aluguei-lhe uma bella casa; e passei-lhe os juroes de varios capitães valiosos, que estavam ainda em mãos de terceiros, de modo que não tinha que receiar que os meus, durante a minha ausencia, padecessem penuria.

Satisfeitos assim os deveres de marido e pai, despedi-me de minha mulher, dos meus rapazes e de minha filha, e embarquei no «*Aventureiro*», bello navio que partia para as Indias Orientaes. Chamava-se o commandante John Nicolas, de Liverpool, e gozava universalmente da reputação de homem de bem.

Guardo, porém, a narração dos acontecimentos desta nova excursão para o segundo livro das minhas viagens, mesmo para que o primeiro não fique demasiadamente volumoso.

LIVRO SEGUNDO:

VIAGEM A BROBDIGNAK.



CAPITULO I.

Ao cabo de dous mezes passados no seio da minha familia, deixei, pois, de novo a Inglaterra, a verdejante, para confiar o meu vulto aos azares do vento e das ondas, correndo atraz de uma fortuna mal definida na minha propriamente.

Não era a sêde do ouro que me impellia; na minha casa tinha o sufficiente para passar uma vida folgada, uma vida sem cuidados.

O movel das minhas viagens era a sêde de aventuras extraordinarias, e posso affirmar affoutamente que nesta nova excursão, a este respeito, correu-me tudo a pedir de bocca.

Aos vinte de Junho do anno de 1702 suspendeu ferros o capitão Nicolas, singrando com vento á feição em direcção ao seu destino, isto é, á Surate na India Oriental.

Até o Cabo da Bôa Esperança tudo foi bem. Arribámos para refrescar, mas fizemos a triste descoberta que o nosso navio fazia agua. Tivemos de desembarcar grande parte da carga e de calafetar o *Aventureiro* em regra, no que gastámos bastante tempo; quando julgámos, por fim, podermos partir, adoeceu o commandante de uma febre perniciosa, tendo uma convalescença demorada, de modo que só conseguimos fazernos de vela no mez de Março, época pouco favoravel á navegação naquellas paragens.

A principio, entretanto, sorriu-nos a sorte. Passámos o canal de Mozambique sem novidade; mas dahi em diante começou a adversidade por um vento rijo e violento, que durante vinte dias nos impelliu em todas as direcções imaginaveis, soprando ora de um lado, ora do outro, mas com impetuosidade igual.

Calculava o capitão que de cinco grãos latitude sul tínhamos sido derrotados a tres grãos latitude norte, quando de repente o vento cessou, cahindo inertes as velas páos abaixo.

Cansado das violencias do temporal, alegrei-me muito com a calma repentina; mas o commandante sacudiu a cabeça, e as ordens que deu bem mostravão que receiava um recrudescimento do furor dos elementos; chegou mesmo a predizer a tempestade para o dia seguinte.

Posto que eu soubesse que o nosso commandante era um marinheiro tão perito, quanto conhecedor dos mares que atravessavamos, duvidei, comtudo, de sua predicção; cedo, porém, veio o desengano, porque na manhã seguinte o temporal rebentou com tal furia, que no primeiro instante o nosso navio adornou como se nunca mais pudesse retomar o equilibrio.

Demo-nos por felizes de que boas medidas de precaução tivessem sido tomadas em tempo contra a violencia da tempestade; sem ellas, o *Aventureiro* teria ido logo a pique.

Desta mesma violencia, porém, concluimos que o máu tempo cedo passaria, segundo um rifão antigo que diz «o que dá fórte, acaba logo»; mas enganámo-nos infelizmente. De instante em instante crescia a vehemencia do tempo, e bem depressa nos vimos obrigados a caçar os ultimos pannos. Apezar disto corremos diante do vento com tal rapidez, que de susto perdi quasi a respiração.

O navio comportou-se maravilhosamente; cortava impetuosamente as ondas enfurecidas, correndo como um ginete desenfreiado.

Durante quinze dias fomos o ludibrio da tempestade, que brincava com o nosso navio, como o gato com a bola de papel. Quando, porfim, o temporal arrefeceu, terminando-se em fresca brisa do oeste

sudoeste, o nosso commandante não atinava mais em que paragem navegavamos, calculando apenas que teríamos desgovernado umas quinhentas leguas para léste. Má noticia para nós; entretanto, tratámos de não perder o animo, consolando-nos com a bella resistencia do nosso valente navio, com a robustez da tripolação e a grande abundancia de viveres.

A agua, porém, principiava a escassear e almejávamos encontrar uma ilha para refazer-nos.

Ao cabo de alguns dias realizarão-se os nossos desejos. O grumete de vigia no cesto de gavea, assignalou terra e em 17 de Junho de 1703 fundeámos defronte de um ilha grande ou continente: era difficil dizer ao certo o que era.

No extremo sul sahia para o mar uma lingua de terra, formando uma enseada tão raza que não admittia navio de mais de cem toneladas. Tínhamos fundeado a uma milha mais ou menos; o commandante enviou á terra um escaler com uma duzia dos melhores marinheiros, bem armados, e munidos de barris, e deu-lhes a ordem de recolher-se logo que tivessem enchido o vasilhame de agua fresca.

Muito deseioso de tornar a pizar em terra firme, pedi ao commandante licença para acompanhar os homens; não houve difficuldade, e depressa embarquei no bote, com a ideia de enriquecer o thesouro das minhas experiencias com novas descobertas valiosas.

Desembarcados não encontrámos nem rio, nem regato, nem vestigio algum de habitantes; os marinheiros espalharão-se pela costa em procura de agua e eu dirigi-me para o interior, caminhando bem meia hora com a esperanza de alguma aventura notavel. Por toda a parte, porém, só encontrei pedregulho e terreno esteril, e como não visse cousa alguma que pudesse instigar a minha curiosidade, voltei lentamente para a enseada.

Imaginem o susto que levei quando tornei a avistar o mar, e vi os meus companheiros no bote, a meio caminho do navio, remando com uma precipitação como se tivessem de escapar á morte.

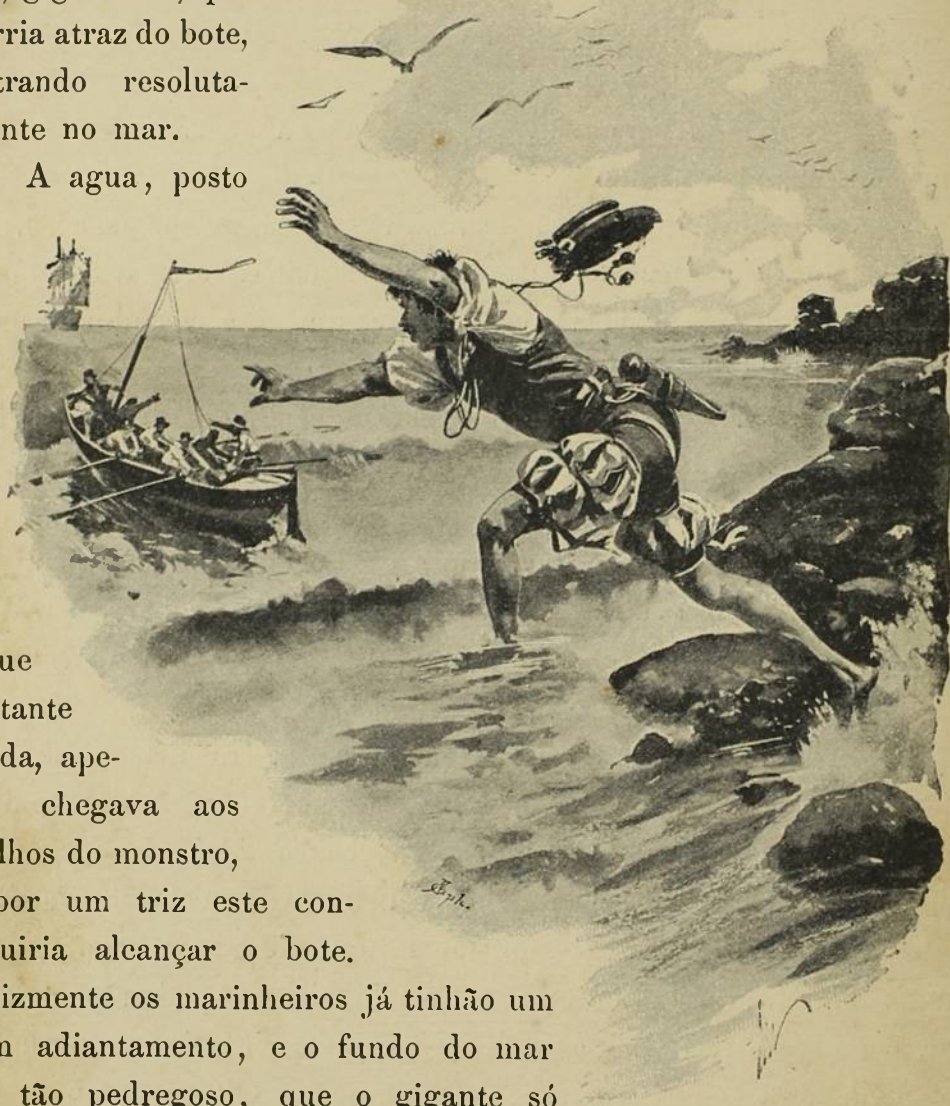
Chamei, gritei, apesar de saber que não me podião ouvir, mas de repente um grito ficou-me atravessado na garganta, quando vi um monstro terrível, gigantesco, que corria atraz do bote, entrando resolutamente no mar.

A agua, posto

que bastante funda, apenas chegava aos joelhos do monstro, e por um triz este conseguiria alcançar o bote.

Felizmente os marinheiros já tinhão um bom adiantamento, e o fundo do mar era tão pedregoso, que o gigante só com grande difficuldade podia caminhar. Alcançárão, pois, o navio, e o commandante, logo depois da chegada de sua gente, alçou os ferros e fugiu com a pressa que o vento e o mar lhe facilitavão.

E bem de vêr que não me demorei em aguardar o resultado da perseguição. Com toda a pressa possível voltei pelo caminho



vencido a pouco, e subi a uma montanha ingreme, de cujo cume descobri bôa extensão do paiz.

Por todos os lados via campos cultivados, jardins e florestas, e quasi fiquei pateta de admiração diante da excessiva fertilidade do solo, pois que o capim nos prados tinha uma altura de vinte pés e mais.

Descendo do monte tomei uma estrada real muito larga, como então pensava, mas que na realidade só era uma vereda, como soube mais tarde. De vagar, e com muita precaução, fui-me adiantando; mas, como os cereaes estão maduros e as suas hastes subião mais de quarenta pés acima da minha cabeça, só podia vêr o que havia immediatamente adiante ou atraz de mim. Gastei uma hora para alcançar o fim do campo de trigo, achando então que era cercado por uma sebe de cento e vinte pés de altura, mais ou menos. Não me foi possível calcular a altura de algumas arvores, que erguião a copa acima daquella sebe, porque meus olhos não lhes alcançavão o cume.

Neste ponto os meus passos encontrarão um estorvo em uma escada, que punha em communicação o campo de trigo, em que me achava, com outro vizinho. Tratei de subir ao terraço desta escada, mas comprehendí logo a inutilidade do meu trabalho, visto que não consegui escalar nem o primeiro degráo, que tinha seis pés de altura, e era tão liso que não offerecia ponto de apoio algum. Andei, então em busca de uma falha da cêrca para poder sahir. No momento em que descobri uma abertura, indo dirigir-me a ella cheio de alegria, vi, apenas duzentos passos distante, no alto da escada um outro indigena, cujo aspecto não me assustou menos do que o do primeiro. Pareceu-me da altura de uma torre de igreja; sem duvida alguma, ao caminhar de bôa vontade, abarcaria em cada passo pelo menos a distancia de dez metros. Senti calefrios só com a ideia de que poderia vêr-me e perseguir-me. Como havia de escapar aos seus passos gigantescos? Para onde havia de fugir? Onde esconder-me? Cheio de angustia olhei em redor de mim, e

achei acertado occultar-me entre as hastes do trigo, que se erguião em torno de mim, formando uma especie de densas florestas. Agachei-me depressa neste escondrijo, e só então tive o animo de observar o meu gigante e seu procedimento.

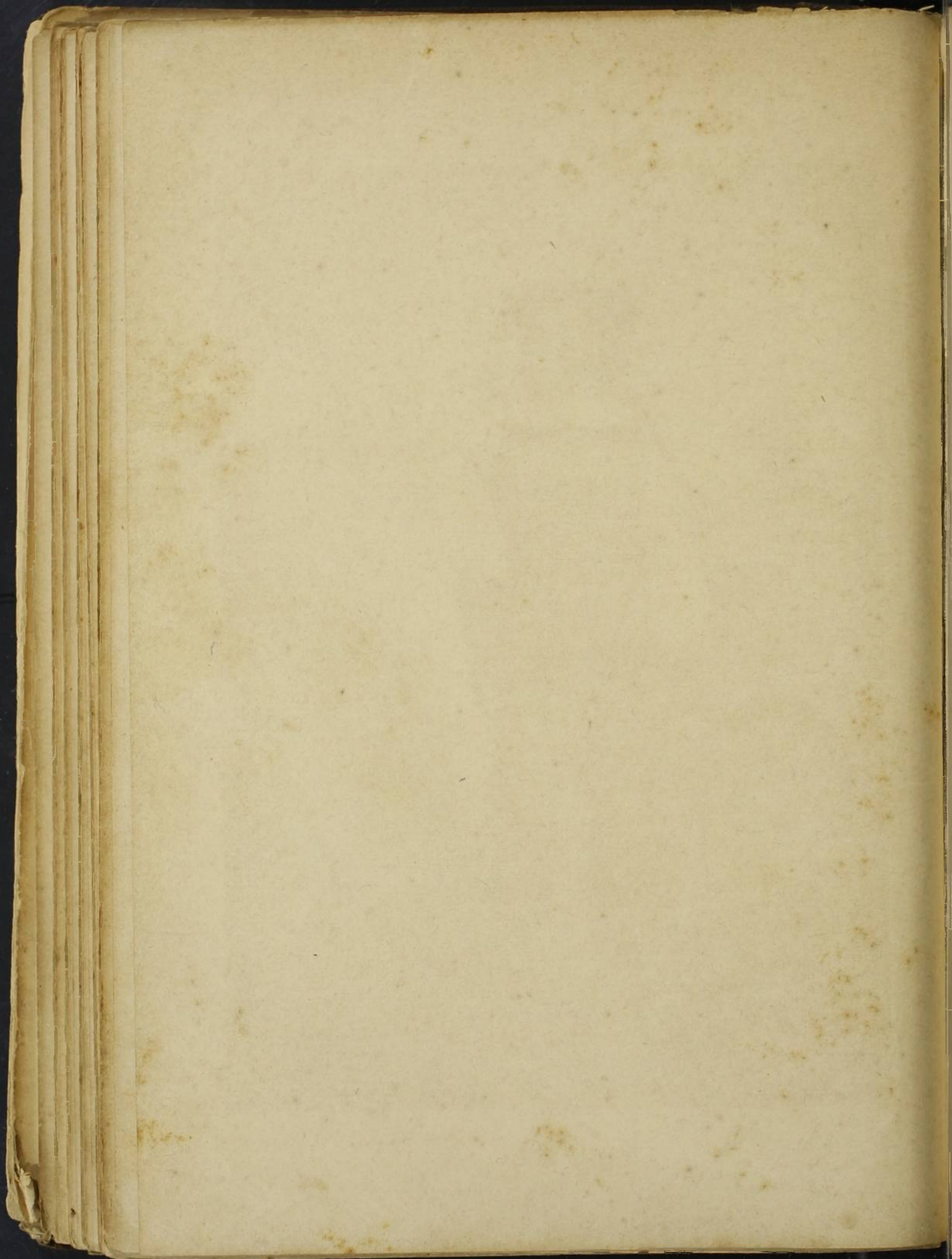
Durante algum tempo ficou immovel a observar os campos. De repente virou-se para um rochedo que lhe estava á esquerda, acenou com a mão e soltou a voz, provavelmente para falar com algum conhecido, como então suppunha. O som desta voz, que entretanto me passava á grande altura por cima da cabeça, fez-me estremecer; julguei ouvir o roncar do trovão, em medonha tempestade.

A pouco tardar chegarão outros gigantes. Traziaão foucinhas do tamanho de dez metros, e vinhão menos bem vestidos do que o primeiro, de quem se acercárão humildemente. O patrão, — pois tal era a sua condição, — ordenou-lhes que ceifassem o trigo no qual eu estava mettido, e os monstros puzerão logo mãos á obra, como notei com grande susto. Cahirão as hastes debaixo das suas fouces, e eu, para não ser partido pelo meio, tive de cuidar em rapida fuga.

Em ancias cruciantes encetei a retirada, esgueirando-me por entre o trigo; mas não podia esconder-me que cedo seria alcançado, pois que as difficuldades, que se oppunhão á minha fuga, erão grandes. Em muitos logares as hastes formavão moitas tão densas que nellas não podia penetrar, tendo que dar assim grandes voltas, que muito me demoravão, para escapar ao progresso incessante das fouces.

Por fim cheguei a um ponto, onde o trigo se havia abatido, e vi que tinha perdido o meu latim; tão emmaranhadas estavão as espigas, que teria sido loucura querer atravessar o obstaculo. Sem duvida as barbas do trigo, longas e afiadas como espadas, me terião transpassado, vindo eu assim a pagar a experiencia com a vida. Desesperado, só me occorreu atirar-me a um sulco do campo, e permanecer nelle resignadamente á espera do meu fado.





Nesta posição desesperada e penosa percebia claramente a queda das hastes, o ranger das fouces, o passo retumbante dos segadores gigantescos, e meus pensamentos refugiarão-se espontaneamente ao seio da minha familia, perto de mulher e filhos. Amaldiçoei a minha paixão pelas viagens, e a louca pertinacia com que havia rechaçado os pedidos de minha pobre mulher, os conselhos dos meus bons amigos. Lembrei-me tambem das minhas aventuras em Lilibut, e comparei a minha situação de então com a actual. Alli admiravão-me como uma maravilha, como um ser sobre-humano, executando as mais estranhas façanhas; mas aqui eu senti-me rebaixado á situação dos liliputenses. Como eu lhes tinha parecido a elles, a mim me parecião agora os habitantes do paiz, ao qual o meu destino me havia conduzido, e mal podia abafar altos lamentos, quando imaginava o que me havia de acontecer.

— O primeiro que te encontrar, — me dizia eu, — traga-te com couro e cabello, e ficarás sepultado no estomago de um monstro, cuja presença ninguem te mandou procurar.

Emquanto me entregava aos meus tristes pensamentos, um dos segadores se havia acercado a dez passos de mim, e era evidente que um instante depois ou me esmagava com o pé, ou me partia com a fouce. Para evitar esta desgraça, ergui-me e gritei com todas as forças dos meus pulmões.

O gigante teve um sobresalto; deixou em descanso a sua fouce e prestou um ouvido attento aos meus gritos, olhando em redor d'elle para descobrir donde sahião.

De repente elle me viu e uma admiração profunda appareceu-lhe nas feições. Elle riu-se.

Durante um momento fitou-me com grande interesse; depois estendeu a larga mão para agarrar-me.

Empregou, entretanto, muito cuidado neste movimento, como empregaria em nossa terra qualquer para pegar em um bicho perigoso e máu, sem ser mordido ou arranhado.

Correndo e saltando, pude evitar algum tempo a mão ameaçadora; porfim, porém, agarrou-me por detraz com o pollegar e o index, alçou-me á altura de seus olhos, fitou-me com grande espanto, e disse certamente lá comsigo: — Que bicho curioso será este?



Imagine o leitor a minha posição, esperneando no ar, a mais de sessenta covados acima do chão, e ameaçado de ser esmagado, se acaso aquella mão gigantesca me soltasse! Felizmente tive o sangue frio necessario para manter-me tranquillo, para evitar qualquer movimento de opposição. Mas, como o gigante me apertasse

como em um torno, a ponto de tolher-me a respiração, ergui os olhos supplicantes, puz as mãos na attitude de ancia mortal e pedi graça com os accentos mais sentidos, mais lamentosos.

Mais admirado ainda ficou o gigante, quando me ouviu falar clara e distinctamente; posto que não entendesse as minhas palavras, agradou-se tanto dos meus gestos e do timbre da minha voz, que, para evitar-me alguma queda, me apertou ainda mais, causando-me assim, sem querer, dôres maiores.

Senti estallar todas as costellas, e, esperneando desesperadamente, e torcendo-me entre os dedos do meu gigante, como se torce a enguia na mão do pescador, derramei lagrimas copiosas, e soltei um grito horrivel.

O gigante pareceu entender estes signaes, porque tratou logo de alliviar a minha situação. Alçou uma ponta do seu casacão e deitou-me no bojo; em seguida levou-me ao seu patrão, um agricultor abastado, que não longe de nós se achava no campo. Reconheci immediatamente o gigante que tinha visto no topo da escada.

CAPITULO II.

Admirou-se elle tanto quanto se havia admirado o peão. Depois de um exame summario, elle procedeu a uma revista mais minuciosa da minha pessoa. Com um sopro, que me pareceu um vendaval, afastou-me os cabellos da testa, para contemplar-me melhor o rosto, que devia exhibir a expressão de angustia profunda; em seguida examinou-me as mãos, os pés, apalpou-me o peito e as costas, soltando de quando em quando exclamações de espanto.

Porfim chamou os seus trabalhadores, e mostrando-me a elles, parecia perguntar-lhes se já havião visto alguma vez creatura semelhante. Depois segurou-me por detraz pelas abas da casaca, manteve-me suspenso no ar, e collocou-me no chão, com muito vagar, causando-me, com tudo, tal abalo, que cahi de gatinhas.

Talvez suppuzesse elle que devia de andar em quatro pés, como um quadrupede; mas tirei-o logo do engano levantando-me, e caminhei de um lado para o outro, lentamente, com toda a dignidade que pude juntar, para mostrar-lhes que era homem como elles, e que não tencionava subtrahir-me pela fuga.

Os gigantes rirão-se muito, sentarão-se formando roda em torno de mim, e fitarão-me com muita attenção para não perderem nenhum movimento meu.

Acerquei-me do agricultor, tirei o chapéu diante d'elle e inclinei-me profundamente.

Em seguida dobrei um joelho, ergui supplicante as mãos, e pedi, tão alto quanto pude, que me tratasse benignamente. Para reforçar o meu pedido, offereci-lhe a minha bolsinha de dinheiro, em signal de completa submissão.

O patrão dos gigantes, aceitou a bolsinha, levantou-a á altura dos olhos, e contemplou-a por todos os lados, sem atinar para que servia.

Então eu lhe pedi que estendesse a mão aberta no chão, e, abrindo a bolsinha, despejei as moedas de ouro e prata que continha.

Mas, percebi que mesmo assim não alcançou o valor da minha offerta, porque elle restituiu-me o dinheiro, indicando-me por gestos que o guardasse na bolsinha e que melhor estava na algibeira; e, como o conselho não era máu, segui-o á risca.

De todo o meu procedimento, dos meus gestos e olhares, o gigante teve de concluir que eu era um ser racional e não algum animal raro e desconhecido até então; em consequencia tratou de conversar commigo. Mas eu não lhe entendia as palavras, que me passavão pelo ouvido como o roncar do trovão, e elle, por seu lado, não entendia tão pouco as minhas, posto que se dignasse acercar o ouvido da minha bocca.

Depois de ter comprehendido a inutilidade do seu tentamen, enviou os peões para o seu trabalho, e puxou do lenço para levar-me nelle para a casa. Estendeu o lenço na palma da mão encostada no chão e convidou-me a subir. Se bem que tenha de confessar que semelhante convite me humilhava bastante, comprehendí que seria melhor obedecer, e subi á palma da mão do gigante, o que não foi muito difficil, porque em grossura não excedia de doze pollegadas. Em seguida o camponez juntou as quatro pontas por cima da minha cabeça, deu nó, ergueu-se e levantou-me com tanta facilidade, como se elle fôra um menino travesso e eu qualquer bichinho que levava para casa para divertimento de seus companheiros.

Chegado em sua habitação, chamou a mulher, mostrou-me e riu-se muito, quando esta de mim desviou os olhos com signaes



cias, de seu marido, desapareceu a aversão, e cedo mostrou a caseira os mais ternos cuidados por minha pessoinha.

Tendo chegado a hora do jantar, todos os habitantes da casa se reunirão para comer.

Uma criada trouxe o alimento que consistia em um unico manjar, servido, porém, em um prato de um diametro de vinte e quatro pés.

A servente collocou este prato na mesa e os moradores da casa sentarão-se nos seus lugares.

Compunhão-se estes moradores, além do lavrador e de sua mulher, da avó e de tres filhos.

A mim, o dono da casa agarrou-me e collocou-me na toalha, ao lado d'elle. Não gostei muito desta gymnastica; resignei-me, entretanto, evitando com muito cuidado de acercar-me demasiadamente da beira da mesa. Se cahisse, sem duvida alguma me despedaçaria, porque achava-me pelo menos a trinta pés de altura do chão.

evidentes de susto e nojo. Mas esta repugnancia durou pouco. Depois de examinar-me mais minuciosamente; depois de observar os meus movimentos submissos e doces a todas as exigên-

A dona da casa cuidou do meu jantar, picando um pedaço de carne em fragmentos tão pequenos quanto o permittia o tamanho de sua faca enorme, e esmigalhou em cima um pouco de pão. Gostei bem destes preparativos, e ainda mais do ar de bondade com que o prato me foi offerecido, e por isto não me fiz de rogado. Puxando, sem demora, do meu talher, manejei a faca e o garfo com tão boa vontade, que todos patentearão o prazer que sentião por vêr-me com tão bom appetite.

Cuidava a dona da casa que quem tão bem comia, de certo não recusaria um bom trago, e mandou que a criada trouxesse o calix menor que achasse na casa. Encheu-o até á beira com um liquido branco transparente, offereceu-m'o com sua propria mão, e convidou-me a esvasia-lo. Continha pelo menos quatro litros, e pesava tanto que mal o podia alçar com as duas mãos.

Antes de beber inclinei-me diante da dona da casa, disse algumas palavras lisongeiras, e levei o calix á bocca, para tomar um bom trago á saude da minha hospede affavel.

Os meus modos divertirão grandemente a todos e provocarão risadas estrondosas. Mas eu não me dei por achado, e bebi quasi a metade do liquido, que achei de um paladar agradavel, semelhante ao dos vinhos de frutas, preparados pelos camponezes do meu paiz.

Depois que descansei a grande custo o calix na mesa, chamou-me o lavrador para perto do seu prato.

Levantei-me immediatamente e encaminhei-me para seu lado; mas, tropecei tão desageitadamente em uma codea de pão, que me estendi na mesa em uma queda desastrosa.

Os meus hospedes soltárão um gesto de susto; mas eu, para tranquilliza-los, pulei para cima, sacudindo o meu chapéu no ar, e gritei tres vezes «hurrah»!

Em seguida continuei o meu caminho; já me restavão só tres passos a dar, quando o filho mais moço do lavrador, menino travesso de uns dez annos, por divertimento com dous dedos pegou-me nas pernas e levou-me tão alto, que de susto estremeci em todo o meu corpo.

Mas esta situação afflictiva não se prolongou. O velho saltou, arrancou-me da mão do menino atrevido, o sentou-me na mesa, em seguida de que deu tão tremenda bofetada no rapaz, que receiei vêr voar-lhe a cabeça pelos ares. Comtudo o joven gigante não pareceu dar muito peso a este castigo, e só fez má cara, quando o pai lhe ordenou que sahisse da mesa. Levantou-se, deitando-me um olhar furioso. Mas eu, lendo neste olhar a certeza de que muito teria de soffrer da malquerença do menino malcriado se não tratasse de aplacar-lhe a ira, acerquei-me depressa do pai; com gestos eloquentes, pedi-lhe que perdoasse ao filhinho, e tive o prazer de vêr attendida a minha supplica.

O velho chamou o moço, ao qual beijei respeitosamente a mão. Esta acção o acalmou, e elle passou-me a mão gigantesca pela cabeça e pelas faces.

Entretanto ainda não tinha chegado ao fim dos sustos, que havia de ter durante a refeição.

Mal tinha virado as costas a dona da casa, quando ouvi atraz de mim um ron-ron como o produzirião uma duzia de teares. Virei-me e vi um monstro cujo aspecto horrendo me aterrou. Teria o triplo de tamanho de um boi regular; tinha olhos de fogo e garras de meio covado de comprimento. Fitava-me com uns olhos terriveis e todos os seus ademanes revelavão tal furia, que pensei que sem demora cahiria sobre mim, me ferraria as garras e me enguliria com couro e cabello. Perturbei-me de tal modo que empalledeci e me senti perto de desfallecer.

A dona da casa percebeu porfim o meu susto e convidou-me com um sorriso a acercar-me, enquanto ella segurava o tal monstro com ambas as mãos.

Armei-me de toda a coragem de que podia dispôr, e caminhando lentamente para a frente, conheci que o monstro em questão era um gato domestico, que, sentado no colo de sua dona, della recebia o seu alimento.

Quanto mais me acercava, tanto mais medo o gato mostrava

ter de mim, e tanto mais me crescia o animo, a ponto de passar meia duzia de vezes diante delle a passos demorados. Mais tarde não fez mais caso de mim, e eu evitei prudentemente chamar-lhe a attenção.

Ainda não se tinha dissipado a agitação causada pelo gato, quando se abriu a porta e entráráo uivando tres cães: erão dous dogues e um galgo. O ladrar assemelhava-se á voz do canhão, e erão do tamanho de quatro elephantes, pelo menos, postos uns em cima dos outros. Apesar disto tive-lhes menos medo do que ao gato, pois sabia que o cão nunca é tão feroz e sedento de sangue, como o gato astucioso, falso e cruel. Nem elles se importáráo commigo, e sahirão depois de terem recebido cada um do seu dono um enorme pedaço de carne.

Tocava a refeição ao seu fim, e pensei que se findarião tambem os meus tormentos, quando entrou uma criada com uma criança de um anno nos braços. A pequena, assim que me viu, arregalou os olhos, estendeu as mãos, e requereu-me como brinquedo, com uma gritaria atroz.

Infelizmente a mãe da pequena berradora era condescendente como todas as mãis; assim ella me agarrou e collocou-me bem na frente da filha.

Immediatamente esta apoderou-se de mim, levantou-me como se



fosse uma pluma, e arreganhou a bocca para introduzir-lhe a minha cabeça, como especie nova de chupeta. Este procedimento, porém excedeu a minha paciencia; para escapar á sorte horrivel, que via imminente, puz-me a gritar tão descompassadamente, que de susto a pecurrucha me deixou cahir. Sem duvida alguma me teria despedaçado no chão, se a mãe não me tivesse aparado felizmente no seu avental. Ella sentou-me na mesa e tratou de acalmar a pequena, que de novo gritava por mim, dando-lhe um chocalho, preso na cintura da menina por um cabo da grossura das nossas amarras. O chocalho consistia em um cylindro de páo ôco, do comprimento de oito pés, cheio de seixos, que pesavão mais de duas libras cada um, e produzião um ruido barbaro, quando se sacudia o brinquedo.

Acabou-se, porfim, a refeição, como todas as cousas desta vida se acabão; o lavrador voltou ao campo para inspeccionar os seus trabalhadores, deixando-me entregue ao cuidado da mulher.

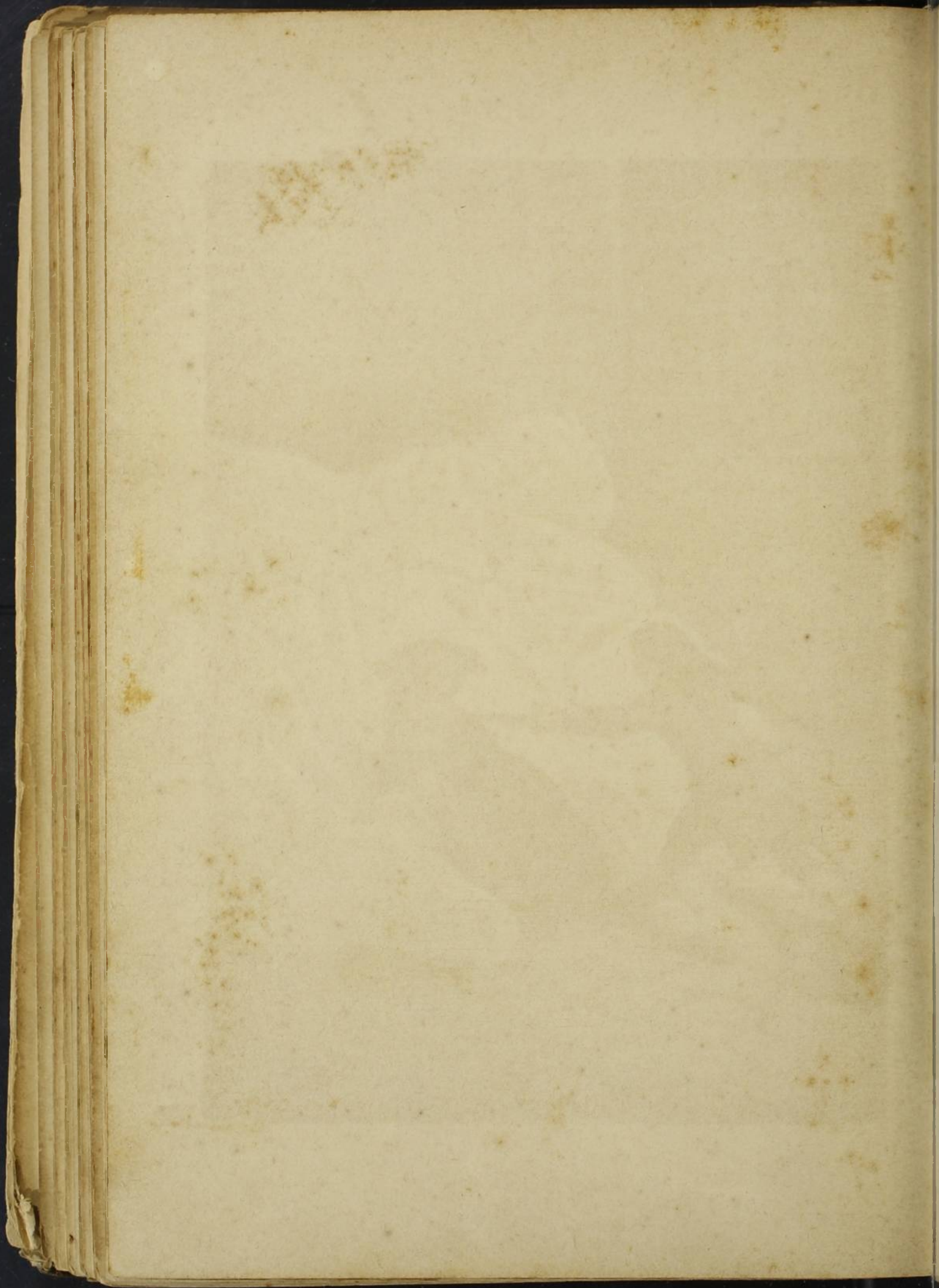
Apenas vi-me só com a minha bôa hospede, dei-lhe a entender que estava muito cansado e com somno, e desejava deitar-me.

Ella me entendeu; levantando-me nos braços, como um boneco, deitou-me em uma cama e cobriu-me com o lençol mais delgado que tinha, que, entretanto, muito me pesava e me parecia mais grosso que a mais robusta lona, com que se fabricão as nossas velas maiores. Comtudo bem depressa, ferrei em um somno profundo, cansado e abatido como estava.

Sonhei com a patria, com minha querida mulher, com meus filhos amados, e despertei só ao cabo de duas horas. Triste e melancolico incorporei-me, olhei em torno de mim, e vi-me em um aposento de trezentos pés de comprimento por duzentos de largura, pouco mais ou menos.

A cama em que tinha dormido tinha vinte covados de largura e vinte e quatro pés de altura, de modo que não a podia deixar sem magoar-me. Em parte alguma descobri quem pudesse valer-me, e assim não tive outro remedio senão aguardar que me viessem buscar.





Emquanto permanecia ali, pensando em meu fado singular, ouvi de repente um forte ruído, um silvar estrondoso, um roer espantoso, vendo ao mesmo tempo mover-se o cortinado. Endireitei-me assustado e vi no meu leito de brinquedo dous ratos enormes e pançudos; puxei immediatamente do meu reflexo para enxotar os bichos immundos. Mas não era tarefa tão facil como se imagina, porque os ratões erão do tamanho de bulldogs, e oppunhão uma resistencia que me espantou.

Ambos me atacárão, arreganhando os dentes afiados, e com tal impetuosidade, que um já me segurava pela gola antes que pudesse dar um golpe com a minha arma. Mas não titubeei; finquei-lhe o reflexo de tal modo na pança, que a ponta sahiu pelo espinhaço e o bicho immundo cahiu silvando. O outro rato, vendo a triste sorte do companheiro, fugiu, mas não sem levar uma bôa ferida nas costas, que devia tirar-lhe a vontade de voltar. Vendo, em seguida, que o vencido ainda bulia, dei-lhe mais tres ou quatro golpes, que o ultimárão.

Folguei muito com a minha façanha, passeando ufano pela minha cama, e medindo a victima da cabeça ao extremo da cauda. Esta ultima tinha um comprimento do seis pés e duas pollegadas; imaginem agora o resto do animal. Em breve, porém, causou-me nojo a presença do cadaver; mas como não tivesse meio de remove-lo, só me restava deixa-lo estendido no seu sangue.

Pouco depois a dona da casa entrou no quarto e assustou-se ao vêr-me manchado de sangue, passeando de um lado para outro, com a espada desembainhada. Tranquillizei-a, apontando para o rato morto e explicando-lhe por pantomima o meu combate victorioso.

Depois disto limpei a minha espada, metti-a na bainha, e entreguei-me aos braços da minha bôa hospede para sahir da cama.

CAPITULO III.

Tinha o meu hospede uma filhinha de nove annos, que me parecia ser uma moça muito bonita.

É escusado dizer que ainda brincava com as bonecas; mas, nesses brinquedos mesmos, observava uma ordem, um asseio, que dava gosto vê-la lidar com os trapinhos.

Além de brincar, sabia ainda coser, bordar, lavar e engommar, todos os trabalhos da mulher, emfim, destinados a tornar confortavel a vida domestica.

Desde o dia da minha chegada, mostrou-me profunda sympathia, inventando o que podia para tornar-me a existencia feliz e segura.

Cedeu-me, por exemplo, o berço de sua boneca, para servir-me de cama, e para livrar-me de outras visitas dos ratões nojentos, collocou o meu leito improvisado em uma gaveta, e esta em cima de uma taboa, equilibrada em cabos que descião do tecto; e, se bem que a principio esta cama me parecesse dura, pouco a pouco foi melhorando, á medida que eu ia aprendendo com a minha joven mestra fragmentos da lingua dos meus gigantes.

A minha pequena ama secca fez-me camisas do panno de linho mais fino que pôde encontrar, o que não impediu que a mim me parecesse grosso como panno de sacco da nossa terra; ella me lavava, vestia, despia, considerava-me, emfim, como a sua boneca viva.

Aguentava eu tudo; uma vez, por não me ter servido de nada a resistencia; por outro lado, porém, por tornar-me a mocinha a vida alegre com seus ternos cuidados.

Além disto ella se esforçava para ensinar-me o idioma da terra, e, graças á paciencia della, em pouco tempo já sabia trocar lingua soffrivelmente.

A mim me chismou ella por Gildrig, o que significa *manequim* e seus pais e irmãos approvárão a designação. Eu, porém, a chamava Glumdalklitch, ou mãizinha, por causa do carinho com que me tratava.

Não media a minha Glumdalklitch mais de quarenta pés em altura, sendo muito baixa para sua idade. Tanto mais eminente, porém, era a bondade do seu coração, a quem fiquei devendo a conservação da minha existencia naquelle paiz tão barbaro.

Nunca se separou de mim; emquanto estive em Brobdignak, que assim se chamava a terra dos gigantes, mostrou-se-me sempre fiel, dedicada e cuidadosa.

Espalhará-se em pouco tempo por todo o paiz a noticia que o lavrador havia apanhado um pequeno animal, como nunca dantes havia sido visto em Brobdignak. Que era mais pequeno que um *Splacknuk*, um dos quadrupedes menores da terra dos gigantes, conformado, entretanto, como um homem; que caminhava em dous pés, falava, e sabia mesmo expressar-se já no idioma nacional; que era muito mimoso, delicado, obediente e confiado.

Não devia causar, pois, admiração que milhares de pessoas acudissem á habitação do meu hospede, para vêr-me e admirar-me, como se fosse um bicho maravilhoso.

Entre outros veiu tambem um rendeiro, vizinho nosso, homem velho, casmurro e esquisitão, ao qual fui apresentado, fazendo depois diante delle os exercicios do costume em cima da mesa. Passeiava de um lado para o outro, puxava da minha espada, adoptava posições de lutador, e, com grandes inclinações, recitava phrases lisongeiras no idioma da minha Glumdalklitch.



O velho manhoso não podia faltar-se de admirar-me; por fim puxou de umas cangalhas com vidros circulares, que ficou na penca enorme para contemplar-me mais a seu gosto.

Mergulhado no aspecto insolito, curvava a cabeça imensa até á mesa e fitou-me com os seus olhos arregalados de um modo tão caricato, que vi-me obrigado a soltar uma gargalhada homérica.

O velho fez uma careta, e bem percebi que estava zangado por causa da minha hilaridade intempestiva. Comtudo não podia sustar as minhas risadas, porque era cousa de vêr-se como me fitava com os seus olhos escancarados, que brilhavam como duas luas cheias através dos vidros redondos dos seus olhos.

Sem muito tardar, tive de arrepender-me da minha alegria ruidosa.

O velho que, além de sordido e avarento, era muito rancoroso, chamou o meu hospede aparte e cochichou largamente com elle. Pelos gestos dos dous, pelos seus olhares, que a cada momento re-ahião em mim, por algumas palavras, enfim, que apanhei rapidamente, comprehendí que estavam tratando de mim, e tive muito medo.

E não foi sem motivo que me assustei, porque o velho horrendo aconselhára a meu hospede que na primeira feira me mostrasse por dinheiro aos habitantes de uma villa vizinha, como me contou na manhã seguinte a minha pequena Glumdalklitsch entre lagrimas e soluços.

— Bem vejo, — me dizia ella, — bem vejo, meu pequeno Gildrig, que contigo me ha-de acontecer como me aconteceu com o meu cordeirinho. Emquanto era pequeno e engraçado, tive licença de brincar com elle; mas quando cresceu e engordou, m'ó tirarão e o matarão apezar das minhas lagrimas... Temo muito, meu pequeno Gildrig, que te preparem um máu passo. Se o populacho bruto principiar a apalpar-te, quebrar-te-ha braços e pernas, esmaga-te todas as tuas pobres costellinhas.

Assim se lamentava a minha Glumdalklitsch, a minha terna mãizinha, infundindo-me um medo atroz.

Entretanto, menos horror me causava a perspectiva das brutalidades dos gigantes, do que a ideia ignominiosa de ser exposto publicamente, como um animal phenomenal.

Porfim, porém, acudiu-me a lembrança consoladora de que estava em um paiz estrangeiro como prisioneiro debil e desamparado, de modo que a ignominia não me podia servir de mancha, se algum dia voltasse para a minha patria. O rei da Inglaterra, ou qualquer outro soberano europêu, em meu lugar teria corrido a mesma sorte, reflexão que de algum modo me tranquillizou.

Poucos dias depois da visita do rendeiro, foi posto em execução o que havia aconselhado.

Collocárão-me em uma boceta, na qual havião praticado uma abertura lateral, para que pudesse entrar e sahir commodamente, e em cima varios buracos para arejar o interior, no qual havia um colchãozinho para o meu descanso.

Montou a cavallo o meu hospede, deu a garupa á sua filha, que me levava na caixa, e dirigiu-se a trote largo á proxima aldeia, que



distava cousa de sete milhas europeas, onde se realizava justamente uma feira muito concorrida.

Seria impossivel dar uma ideia exacta dos incommodos dessa viagem e dos soffrimentos que me causou.

Posto que todo o trajecto só durasse uma meia hora, pois que o cavallo em cada passo vencia pelo menos cincoenta palmos, e era vivo e de bôa vontade, troteava de tal modo, que eu ia sacudido na minha boceta como uma pelota de gomma, e ainda hoje não sei como escapei com algumas escoriações e manchas negras. Parecia-se

o movimento com o bater alternado da prôa e da pôpa de um navio, açoutado por furioso vendaval, ora trepado em onda vertiginosa, ora atirado ao abysmo horrendo, com a unica differença que na minha situação os golpes se succedião mais a miudo.

Dei-me por feliz quando se terminou a viagem ominosa.

Apeiou-se o meu patrão na estalagem mais frequentada da aldeia, combinou-se com o estalajadeiro, tomou algumas medidas indispensaveis e mandou chamar um *Grultrud*, ou pregoeiro publico, a quem encarregou de apregoar a minha chegada em todas as esquinas. Devia proclamar que na *Aguia Verde* exhibia-se um animal maravilhoso, dantes nunca visto. Que era mais pequeno que um *Splacknuck*; que tinha, porém, figura de gente, e executava as sortes mais graciosas.

Emquanto o pregoeiro dava conta do recado, o meu patrão foi commigo e com sua filha ao aposento maior da estalagem, que media bem trezentos pés em quadro, collocou-me na mesa e recommendou á filha que cuidasse de mim e me instruisse em voz baixa do que me cumpria fazer.

Sem demora acudirão os homens gigantes, e o atropello foi tamanho, que meu patrão teve de reduzir a trinta individuos cada assistencia.

Diante deste publico incessantemente renovado, exhibia as minhas artes, marchando com muita gravidade, respondendo ás perguntas que minha mãizinha me dirigia, com a exactidão que me permittia o limitado de meu conhecimento da lingua dos gigantes; dirigia-me frequentemente aos assistentes com reverencias e rapa-pés, dando a bôa vinda ao respeitavel publico em phrases bem torneadas, ensinadas por minha *Glumdalklitsch*. Em seguida bebia varias vezes um dedal de vinho á saude da reunião, puxando do espadim, que brandia no ar; armava-me com uma palha transformada em lança e fazia com ella a manobra em redor da mesa, apresentava armas e tomava posições academicas como um bom

mestre de esgrima, aproveitando a reminiscencia do que havia aprendido na minha mocidade.

Uma trovoadade de applausos cobria os meus exercicios, que tive de repetir doze vezes naquelle dia.

Quantos me tinham visto contavão lá fóra aos outros as maiores maravilhas, incitando-lhes a curiosidade de tal modo, que estes ameaçavão despedaçar a porta, se não me mostrassem a elles.

De resto tudo correu regularmente. Meu patrão não permittia a ninguem que me apalpassse, e minha mãizinha Glumdalklitsch cuidava em que ninguem se acercasse a extensão do braço da mesa em que eu fazia os meus exercicios.

Apezar de tudo isto, quasi fui victima de um desastre. Um menino de escola, muito intromettido, e zangado por não poder acercar-se de mim, pegou em uma avelã e atirou-m'a, e de certo me teria alcançado na cabeça, se não me tivesse prostrado apressadamente no chão. Imagine-se o que seria de mim, se me acertasse aquelle projectil, que era do tamanho de uma bôa abobora menina. Fiquei naturalmente muito assustado pela acção indigna desse rapaz, mas tive a satisfacção de vê-lo expulsado do salão com bofetadas e pontapés.

Durante tres dias o meu patrão continuou as representações, que fôrão visitadas com o mesmo ardor, e lhe rendêrão bom dinheiro.

Repleto de thesouros, voltou, enfim, para a casa, e eu tive que fazer de novo a terrivel viagem na boceta.

Cheguei exausto e adoeci seriamente de tantas massadas, de modo que tive de guardar a cama durante cinco dias. Cumpre dizer-lo; fui alvo dos mais ternos cuidados; Glumdalklitsch não se arredou da minha cama, e até o patrão, que agora já me conhecia o valor, esforçou-se para dar-me um trato excellente. Mas, apenas curado, recommearão os soffrimentos para mim.

A minha fama tinha corrido terra, e por todos os lados acudião os curiosos para admirar-me, em troco de bôas esportulas. Com a

curiosidade de verem-me cresceu a ambição de meu patrão, que chegou a exigir entradas elevadas, quer fossem poucos, quer muitos os espectadores. Assim com o andar do tempo, encheu admiravelmente a sua burra.

Só ao cabo de muitas semanas principiou o enthusiasmo a arrefecer um pouco; eu trabalhava todos os dias, excepto ás quartas feiras, dia feriado em Brobdignak, e de tantas exhibições enfraqueci e emmagreci visivelmente, de modo que senti grande alegria, quando vi diminuir a affluencia dos curiosos.

Quem, porém, não se podia conformar com esta ordem de cousas, era o meu patrão, cuja cubiça crescia de dia em dia.

Resolveu fazer commigo uma extensa excursão artistica, para apresentar-me nas cidades principaes do imperio.

Procedeu, pois, a todos os arranjos prévios para uma viagem demorada; poz em ordem a sua casa, despediu-se da mulher e filhos, e a 17 de Agosto de 1703 partimos para a capital, que dista de sua residencia mil milhas, mais ou menos.

Como de costume Glumdalklitsch ia na garupa do lavrador-empresario-phenomenal, e eu, na minha boceta, a tira-collo da minha mãizinha.

Para tornar-me supportavel o longo trajecto, Glumdalklitsch havia acolchoado o interior da minha «gaiola», collocando nella ao mesmo tempo a caminha da sua boneca, e alguns cestos com a minha roupa branca. Graças aos cuidados da minha protectora, encontrei verdadeiro conforto em logar do incommodo anterior.

O nosso itinerario corria de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de castello em castello, fugindo o meu empresario da linha recta para aproveitar em zig-zags extraordinarios todas as localidades que pudessem dar-lhe bôa colheita de entradas. Raras vezes faziamos mais de cincoenta milhas por dia, mas dia por dia enchia-se sempre mais a bolsa insaciavel do meu patrão. Á minha mãizinha devia as jornadas pequenas, porque ella, para poupar-me

a mim, tinha declarado ao pai que não podia vencer a cavallo maior trecho do que o indicado. Em geral, Glumdalklitsch mostrou-se-me cheia de solicitude; ás vezes pelo caminho tirava-me da minha boceta, e atava-me com uma fita para evitar alguma quêda, facultando-me assim admirar a belleza dos sitios que atravessavamos, e respirar o ar puro e vivificante. Taes horas erão para mim verdadeiras delicias, e augmentavão-me grandemente os conhecimentos do singular paiz de Brobdignak. Algumas vezes atravessavamos rios maiores do que os mais caudalosos do resto do mundo, e nunca encontrámos regato algum que fosse menos estreito e menos fundo do que o Uruguay ou Tocantins.

Gastámos dez semanas para chegar á capital, representando eu em dezoito cidades grandes e innumerous logares menos importantes.

A 26 de Outubro entrámos finalmente em Lorbrulgrud, nome da capital, que significa «Orgulho do Universo.»

Apeámo-nos no primeiro hotel, situado perto do palacio d'el-rei, na rua principal da residencia. Descansámos alguns dias, preparando-nos para fainas novas.

Meu patrão-empresario mandou afixar em todas as esquinas grandes cartazes multicôres, que davão uma descripção minuciosa da minha pessoa e das minhas prendas.

Alugou a maior sala que pôde descobrir na capital, mandou fabricar uma mesa de setenta pés de comprimento e largura, e marcou o dia da minha estrêa.

Chegou este dia, e com elle uma affluencia verdadeiramente espantosa.

De manhã até á noite tive de estafar-me e fui coberto literalmente de applausos.

Todo o mundo acudiu para vêr-me, e o meu patrão, para regular um pouco a affluencia, teve de duplicar e triplicar o preço das entradas.

Não é de admirar, aliás, este entusiasmo do publico; nesse tempo já conhecia eu soffrivelmente o idioma do paiz, sabia o alphabeto e estava no caso de exhibir amostras de verdadeira sabedoria. A minha Glumdalklitsch me havia ensinado com muita paciencia, e, como eu sympathizava muito com a mestra, tinha aprendido com grande aproveitamento, de modo que podia passar por maravilha no paiz dos gigantes.

CAPITULO IV.

Maior proveito davão, entretanto, as representações ao meu patrão de que a mim.

Emmagreci a olhos vistos e adoeci com a lida incessante, enquanto que a bolsa do patrão engordava espantosamente.

Como todos os empresarios de phenomenos, o meu tratou de tirar rapidamente o maior proveito de mim, e vendo-me por fim reduzido ás proporções de um esqueleto, calculava fazer ainda um bom negocio, vendendo-me ao primeiro amator que apparecesse. Cedo havia de vêr colmada a sua cobiça, mas, felizmente, em proveito meu.

O caso é que uma manhã appareceu um enviado da rainha, transmittindo ao meu patrão a ordem de apresentar-me na côrte, para que exhibisse diante de Sua Magestade as minhas habilidades. Por algumas das suas damas de honor, que havião assistido ás minhas representações publicas, a rainha tinha tido noticias do meu talento e desejava conhecer-me pessoalmente.

Chegados no palacio real, o meu patrão collocou-me em uma mesa, e comecei na presença da rainha os meus exercicios, como sempre dirigidos por minha mãizinha.

E escusado dizer que esforcei-me extraordinariamente para agradar á soberana de um paiz tão poderoso. Excedi-me a mim mesmo, e fui coberto de applausos.

Depois de esgotar o meu repertorio, ajoelhei-me diante de Sua Magestade e pedi-lhe que me permittisse beijar-lhe o pé.

A rainha, porém, mostrou-se tão graciosa, que em logar do pé, apresentou-me um dedo da mão.

Estreitei este dedo entre os meus dous braços, e deposei com muita elegancia um beijo na ponta delle.

Pareceu a rainha gostar deste signal de veneração; dirigiu-me com muita affabilidade algumas perguntas acerca da minha patria e das minhas viagens, e eu, sabendo que os personagens altos não são amigos do palavrorio, respondi em poucas palavras o melhor que pude.

Porfim perguntou-me a rainha se não tinha vontade de permanecer na sua côrte.

Encantou-me esta pergunta, porque fazia-me entrever a possibilidade de escapar ao meu empresario-algoz.

Inclinei-me tanto que o meu cabello tocou á mesa, e disse:

— De bom grado dedicaria a minha vida toda ao serviço de Vossa Magestade; mas sou infelizmente escravo do meu patrão e privado completamente da minha vontade.

Dirigiu-se então a rainha ao lavrador, e perguntou-lhe senão estava disposto a ceder-me por uma quantia sufficiente?

O meu empresario, morto já por desfazer-se de mim, antes que a morte me levasse, fingiu entretanto muita relutancia em separar-se de mim, pedindo por fim mil moedas de ouro por meu resgate.

Sem demora foi-lhe entregue esta quantia pelo thesoureiro da rainha, e eu fiquei livre do meu explorador.

Se não fosse tão contrario ao respeito devido a presença da rainha, teria saltado de alegria, por vêr-me libertado do jugo tão ignominioso para mim.

Limitei-me, pois, a agradecimentos entusiasticos; acudindo-me, porém, a ideia dolorosa de que talvez tivesse de vêr partir a minha mãizinha, tornei a dobrar o joelho, e suppliquei encarecidamente

que Sua Magestade se dignasse admittir igualmente em sua côrte a minha bôa Glumdalklitsch, para que esta continuasse a ser a minha protectora e mestra, como até aquelle dia.

A rainha, sem hesitação, annuo á minha supplica, e perguntou ao lavrador se queria confiar-lhe a filha.

O meu ex-patrão, ambicioso como era, não podia deixar de folgar em vêr sua filha estabelecida na côrte; e como Glumdalklitsch fazia gosto em ficar commigo, foi assumpto concluido. Despediu-se o lavrador de mim, dando-me os parabens pelo destino feliz; eu, porém, respondi-lhe apenas com uma inclinação de cabeça fria e séria.

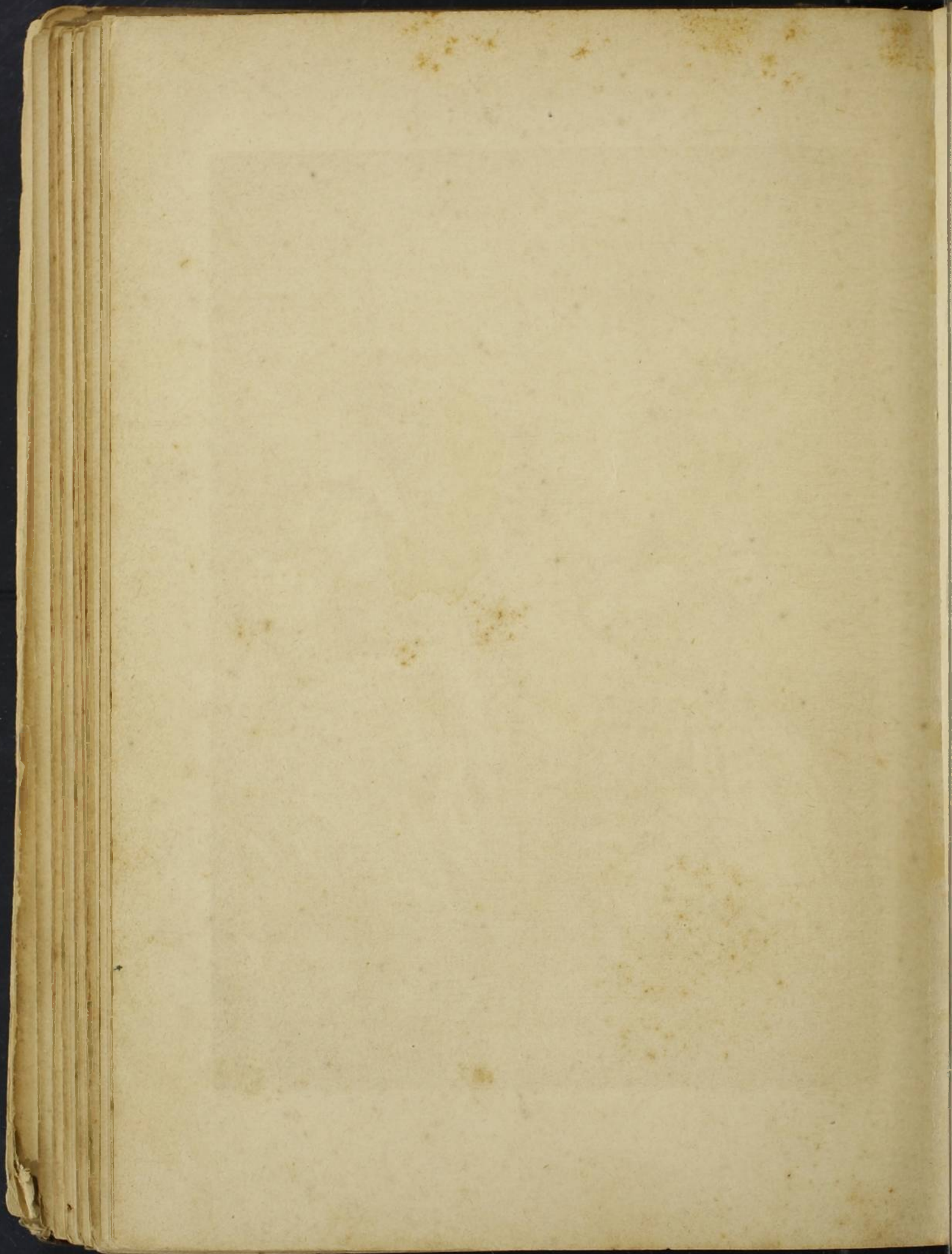
A rainha, estranhando a minha reserva, quiz conhecer-lhe a causa.

Respondi sem titubear, que não tinha motivos para mostrar-me muito grato ao meu ex-patrão, porque nunca me tratára com franca bondade.

Se não me matára, quando os seus peões me levárão á sua presença; se me tinha dado alimento e abrigo, muito pago tinha ficado pelo dinheiro ganho na exploração inconsiderada da minha pessoa, e pela dadiva generosa de Sua Magestade, e que nunca poderia esquecer a crueldade, com que me havia obrigado a exaurir as minhas forças, só para encher-lhe a bolsa. Que, finalmente, não a elle, senão á bondade da Providencia, devia a fortuna de ter alcançado a protecção de uma rainha tão magnifica e poderosa, ornamento da natureza, joia do mundo, delicia dos seus subditos e ponto culminante do universo. Acalentado pelo sol de sua graça, em breve recuperaria todas as minhas forças, renascendo mais depressa, como uma flôr que, acalentada pelo calor do dia, ergue a cabeça sob a influencia bemfazeja do orvalho do céu.

A rainha ouviu com especial agrado o meu discurso feito a grande custo, e admirou-se grandemente de que, em uma creatura tão pequena como eu lhe devia parecer, residisse tanto criterio e talento.





Agarrou-me com os seus regios dedos, sentou-me na palma da mão e nesta posição levou-me ao gabinete de seu esposo, que acabava de chegar de uma reunião plena do seu conselho.

Estranhou Sua Magestade por vêr a rainha no seu aposento em hora tão fóra do costume; fechou a cara, já por si bastante séria, quando deu commigo, que tremia na palma da mão da rainha.

— Não me explico, — disse o rei, — não me explico, que Vossa Magestade encontre graça em um Splacknuck. Não lhe conhecia este gosto.

A rainha não fez muito caso dos olhares sérios de seu marido; collocou-me em cima de uma secretária, onde principiei a caminhar de um lado para o outro.

Quando el-rei viu esta manobra, pôz-se a olhar-me mais detidamente, prestando ao mesmo tempo um ouvido attento ás explicações da rainha. Mandou-me minha graciosa soberana que protestasse a minha veneração á Sua Magestade, seu esposo, e que lhe contasse finalmente as minhas aventuras. Assim o fiz, e, estando perto dalli a minha Glumdalklitsch, foi chamada para confirmar a minha narração á Sua Magestade El-rei, que ainda duvidava.

O rei, homem de aspecto e ademanes magestosos, a principio, quando me viu caminhar na secretária, julgára que eu era algum automato, confeccionado com muita arte. Mas, quando me ouviu falar e raciocinar, a sua admiração chegou a seu auge.

Apezar de tudo, porém, opinou que a minha narração era um tecido de mentiras; que Glumdalklitsch e seu pai me tinham ensinado algumas palavras, e bem assim o meu conto, para poder vender-me a preço bem alto. Duvidava igualmente da descripção do meu naufragio, dizendo que eu era algum aborto de monstruosidade do seu proprio paiz.

Para experimentar as minhas faculdades mentaes dirigiu-me algumas perguntas, pensando que bem depressa appareceria a minha ignorancia. Enganou-se, porém, redondamente. Respondi

a tudo com a maior minuciosidade, deixando-o attonito das minhas repostas.

Mas não se deu por vencido Sua Magestade. Mandou chamar os tres mais topetudos dos sabios do seu paiz, e encarregou-os de examinar-me a fundo.

Olharão-me, apalparão-me e interrogarão-me em detido exame. Respondi-lhes o mesmo que já tinha dito ao rei, e elles derão por fim as suas opiniões, bem diversas, em verdade, mas demasiado extensas para referi-las aqui. Só em um ponto concordarão: que tinha nascido sem força vital, visto que era incapaz de adquirir o meu sustento por falta de habilidade e presteza; como havia de trepar nas arvores ou rotear a terra? *In summa*: que era um *Relplum Skalkat*, isto é, uma aberração da natureza, que apparece uma vez em cada millenario.

Causou-me tedio esta declaração dos pretensos sabios; voltei-me para o rei e assegurei-lhe que nem de longe era aquillo que seus sabios toleirões dizião. Não era aberração da natureza, mas filho de um paiz longinquo, habitado por milhões de seres como eu, e em que tudo, arvores, casas, animaes, etc. etc., guardavão proporção com a minha altura, de modo que alli tinha sido muito capaz de defender-me e de proporcionar-me o meu sustento. Que, de resto, em minha patria tudo estava arranjado como nos estados de Sua Magestade, unicamente em ponto menor, assim como eu tambem era mais pequeno comparado com os habitantes de Brobdignak.

Os sabios torcêrão o nariz bastante vermelho, e sacudirão a cabeça, observando maliciosamente «que meu ex-patrão me tinha ensinado muito bem».

O rei, porém, que já ia comprehendendo o riscado dos sabios, mandou-os embora, e ordenou que comparecesse o meu ex-patrão, que felizmente ainda estava na capital.

El-rei submetteu-o a um interrogatorio minucioso; em seguida sujeitou Glumdalklitsch a outro exame, e, por fim, mandou que lhe repetisse a minha narração; cotejando os tres interrogatorios, e como

não deixava de ser bastante perspicaz, chegou á conclusão de que eu tinha dito a verdade.

Decidiu aquelle momento o meu destino.

El-rei recommendou-me muito a solitudine de sua esposa, confirmou a posição de Glumdalklitsch junto á minha pessoa, e mandou dar-nos aposentos adequados no seu palacio.

Nomeou-se uma aia para Glumdalklitsch, que devia ensinar-lhe os costumes da côrte; uma camarista encarregada da sua toilette, e varios outros empregados para o serviço.

Confiou-lhe, finalmente, el-rei, o cuidado de guardar-me, e de velar por meu bem-estar, o que aliás fazia de tão bom grado sem ordem especial.

Regulamentada assim a minha vida, a rainha mandou chamar o marceneiro do paço, e ordenou-lhe que construísse uma caixinha destinada a servir-me de dormitorio.

Sendo o homem bem habil, e obedecendo aliás ás minhas indicações, conseguiu em tres semanas um quarto, que correspondia perfeitamente ás exigencias do caso.

Construido de madeira, tinha este quarto uma base de dezeseis pés em quadro, com uma altura de doze.

O tecto, composto de uma unica taboa, podia alçar e baixar-se á vontade, para deixar passar a minha cama, preparada com muita habilidade pelo estufador do paço.

Glumdalklitsch tirava todos os dias a cama, collocava-a nos raios do sol e sacudia os travesseiros; de noite reintegrava o meu leito no meu dormitorio, mostrando-me assim toda a solitudine de uma bôa mãizinha.

Todas as paredes interiores, e bem assim o tecto e o soalho, estavam acolchoados, para que eu não corresse perigo algum ao sahir com alguem a cavallo ou em carruagem.

A mobilia do meu quarto foi confeccionada pelo torneiro do paço, homem habil e entendido na materia. De uma substancia

parecida com o marfim, fez seis cadeiras, duas mesas, uma commoda, um armario e até uma secretária, tudo muito galante e mimoso.

Faltava á minha morada só uma fechadura, para garantir-me contra a entrada dos ratos e camondongos; depois de muitos ensaios infructiferos, o serralheiro do paço construiu esta fechadura, cuja chave eu guardava na algibeira.

Lembrando ainda que a minha habitação estava construida tão bem e tão exactamente, que podia aguentar uma chuva de muitas horas, se casualmente nos sorprendesse em algum passeio, e que além disto tinha porta e janellas que fechavão hermeticamente, — comprehender-se-ha que nada deixava a desejar em materia de conforto e elegancia.

Com o tempo a minha roupa se tinha estragado muito.

Glumdalklitsch deu parte á rainha, e sem demora o alfaiate do paço tomou-me medida para trajos novos, que tiverão de ser confeccionados com a seda mais leve que se pôde encontrar no reino. Assim mesmo a roupa parecia dura, e a principio mal podia mexer-me nella, porque a fazenda tinha a grossura de uma pollegada.

Pouco a pouco, porém, acostumei-me aos meus trajos novos, que mostravão uma moda meio chinesa, meio japoneza.

Mas, nesta vida nem tudo são rosas, como veremos no seguinte.

Quanto mais se prolongava a minha permanencia na côrte, tanto mais crescia o favor da rainha.

Só raras vezes me era licito sahir do lado della, e com ella comia na mesma mesa, em um serviço de prata, que expressamente havia mandado fabricar para mim.

Era ella que trinchava a carne em pedacinhos, que me mettia na bocca, manifestando immenso prazer pela delicadeza com que eu comia.

Em troco admirava-me eu não menos do modo de comer de Sua Magestade, posto que a rainha, comparada com as outras filhas de Brobdignak, só patenteasse appetite morigerado.

Cada bocado, que fincava no garfo, teria sido sufficiente para saciar dez camponezes europêus esfomeados.

Com a maior facilidade triturava, com ossos e tudo, uma calhandra, posto que esta ave fosse nove vezes maior do que as nossas perúas.

Sem o menor esforço mettia na bocca um pão de quatro libras, bebendo ao mesmo tempo em uma taça cada trago de tres medidas de vinho nacional, pelo menos.

A faca e o garfo de Sua Magestade erão do tamanho de foices, e as collêres e outros utensilios da mesa guardavão a mesma proporção.

Ordinariamente comia a rainha só commigo e com suas duas filhas, princezas virtuosas e formosas.

Nas quartas-feiras, porém, feriados em Brobdignak, Sua Magestade El-rei honrava nossa refeição com a sua presença.

Tinha-me creado Sua Magestade grande affeição e dignava-se muitas vezes conversar commigo amistosa e affavelmente.

Inquiria de mim ácerca das instituições da minha patria, dos nossos usos, da nossa religião, das nossas leis, e eu esforçava-me, naturalmente, para dar as respostas mais convenientes.

El-rei externava então os seus commentarios, que me confirmavão sempre mais a convicção que era um monarcha sabio e criterioso.

Algumas vezes, entretanto, fazia-me ferver o sangue com suas criticas mordazes.

Um dia, entre outros, tinha-me feito varias perguntas, e, por estar de máu humor talvez, tinha ouvido as respostas com um certo sorriso de motejo indizível.

De repente, quando eu tinha finalizado, voltou-se Sua Magestade para o seu ministro collocado atraz de sua cadeira, e disse com verdadeira zombaria:

— Como é miseravel e desprezível a grandeza humana, desde que póde ser macaqueada por insectos miseros e pequeninos, como

este. Não se me dava de apostar que estes vermes têm, como nós, o seu orgulho, os seus títulos, as suas dignidades. Construem tocas e ninhos e os chamão de cidades; ostentão-se em trajos vistosos, em carruagens de galla, que poderíamos derrubar com um sopro nosso, e olhão com desdem os seus semelhantes, que não dispõem do mesmo luxo. Brigão, combatem, vencem e perdem batalhas, saqueião, matão, mentem e roubão, e apesar de tudo isto julgão-se os donos da criação. Apre! Tenho nojo quando me lembro disto!

Assim dizia el-rei, de ordinario tão cheio de bondade, emquanto que eu, de raiva, passava por todas as côres do arco da velha, a ponto que quasi cheguei a perder o respeito á pessoa sagrada d'el-rei.

Dissipada, porém, a minha raiva, e sobrevindo o frio raciocinio, já não pude levar a mal a Sua Magestade o seu juizo acerca da minha patria.

Colloquei-me no logar delle, e cumpre confessar sinceramente que tambem eu me teria rido ás gargalhadas, se tivesse visto de repente uma roda européa, condecorada e enfeitada de fitas, ostentar-se em Brobdignak.

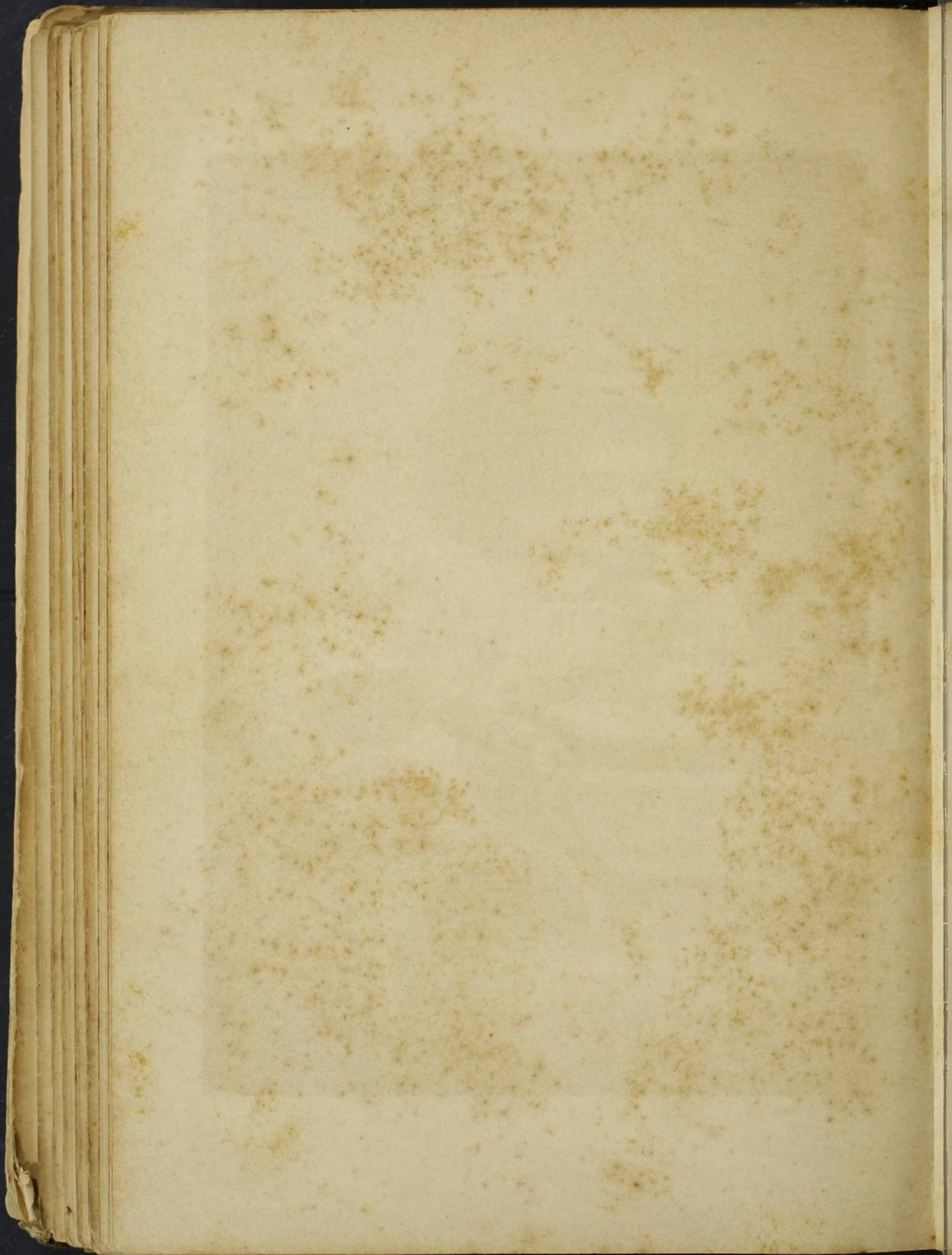
Mas, se já me era custoso aguentar as sahidias de Sua Magestade El-rei, muito mais me amargavão as zombarias do anão da rainha, que era a creatura mais baixa do paiz, antes de minha chegada.

Esse misero sujeito, que mal teria trinta pés de altura, atrevia-se a vangloriar-se em minha presença, e, mais ainda, quando trepado em uma mesa eu me entretinha com as mais formosas damas, os mais distinctos cavalheiros, ousava aquelle horrivel anão alludir zombando á minha pequenez.

Irritava-me singularmente o procedimento do atrevido, e, para vingar-me de algum modo, eu o appellidava de collega, chamavo-o a desafio, e pregava-lhe peças, como soem pregar os pagens na côrte.

Como o anão, em materia de lingua, não podia commigo, ficava furioso, e ás vezes tive de sentir a sua vingança em verdadeiras vias de facto.





Um dia, por exemplo, estando nós todos á mesa, o anão zangou-se tanto de uma observação minha, que, sem poder ser impedido, agarrou-me rapidamente pelas pernas e me atirou em um grande prato cheio de *crème*, fugindo immediatamente, como se lhe ardessem os miolos.

Fiquei mergulhado no *crème*, cujas ondas se me fechárão por cima da cabeça, e, estando a minha mãizinha ausente, e a rainha petrificada pelo susto, eu teria perecido infallivelmente, se não fosse tão bom nadador.

Consegui vir á tona do *crème*, e evolui no elemento pastoso, como um peixe n'agua.

Neste comenos Glumdalklitsch havia acudido; tirou-me do prato, como uma mosca do leite, limpou-me, enxugou-me e levou-me á cama para que não me resultasse mal do susto e do resfriamento.

Eu escapei com um ligeiro incommodo, mas o meu anão medonho chupou uma sova formidavel, e, além disto, teve de beber o *crème*, no qual eu tinha feito os meus exercicios de natação, castigo que o obrigou a fazer horriveis caretas.

Mas a cousa não parou nisto. Sua Magestade a rainha, comprehendendo que d'ora em diante a presença do monstrengo na côrte só me podia ser desagradavel e prejudicial, deu o anão em presente a uma dama nobre, famigerada em todo o paiz por sua maldade; sob tal dominio o meu perseguidor terá aprendido á sua custa como sabe a maldade.

Pouco antes do seu desterro, o tal anão já me havia pregado outra peça, que não lhe causou a desgraça, porque fui tolo bastante de interceder por elle junto á rainha.

Era o caso que Sua Magestade tinha chupado um osso de tutano, deixando a canella vazia ao lado do seu prato.

O anão, que já não gostava de mim, aproveitando o momento em que a rainha se entretinha vivamente em uma conversação com Glumdalklitsch, agarrou-me de improviso, apertou-me os braços contra o corpo, de modo que não pude defender-me, e metteu-me

na cavidade do osso, sem importar-se com a minha reluctancia, nem com a minha gritaria.

Estava eu mettido, pois, até ao pescoço no osso, sem poder mover-me, e o malvado anão zombava ainda em cima de mim, com gestos e gargalhadas.

Chamárão os meus gritos a attenção da rainha; voltou-se ella e libertou-me immediatamente da minha prisão.

Felizmente estava são e salvo; nem sequer tinha queimado as pernas, porque Sua Magestade tinha o costume de tomar os alimentos quasi frios.

Em misero estado, porém, tinha ficado o meu trajo; meias, calções, casaca, tudo estava manchado horrivelmente. Em castigo, o anão ia ser desterrado, mas, como já disse, pedi á rainha que por essa vez lhe perdoasse.

De vez em quando perguntava-me Sua Magestade a rainha com um sorriso gracioso, se na minha terra todos erão tão cobardes como eu. Para arredar do meu valor pessoal qualquer pecha, tenho que dar a explicação de semelhante pergunta.

Durante o verão reina em Brobdignak uma verdadeira praga de moscas, que são do tamanho das nossas cotovias e que não me deixavão um momento de descanso na mesa.

Adejavão e zunião-me na cara, pousavão-me na cabeça e nas mãos, martyrizando-me constantemente com seus ferrões, que medião uma pollegada de comprimento.

A cara e as mãos chegavão a escorrer sangue, em consequencia das ferretoadas, e ninguem ha-de estranhar que me sobressaltava cada vez que ouvia zunir perto de mim algum desses insectos horrendos. Enxotava as moscas com as mãos, e sentia prazer immenso, quando conseguia agarrar e esmagar alguma.

Mais tarde adquiri a habilidade de abatê-las no vôo com a minha espada, o que me multiplicava a coragem e de muito me servia, quando o anão me tomava por alvo de suas malicias. Este malvado, apenas tinha percebido a minha aversão contra os in-

sectos immundos, achava um prazer indizível em juntar uma mão cheia delles, e solta-los diante da minha cara, rindo-se ás gargalhadas do susto que me causava. Se bem que eu não escapasse a todos, sempre conseguia partir no ar grande numero delles com a minha espada.



Mais ainda, porém, que as moscas, martyrizavão-me outros insectos.

Um dia, Glundalklitsch me tinha collocado na minha caixa na janella, para que tomasse o ar livre. Brillhava meigamente o sol, e me parecia que não faria mal em arejar um pouco o meu aposento, deixando entrar francamente a brisa.

Abri, pois, as minhas janellas, e sentei-me á minha mesa, para comer um pedaço de bolo doce, o meu almoço habitual.

De repente, no meio desta occupação agradável, fui sorprendido por um ruido horrivel. Erguendo os olhos dei com umas vinte vespas que tinham entrado pela janella, attrahidas pelo cheiro das guloseimas.

Alguns destes insectos vorazes atirarão-se ao bolo, arrancando-m'o das mãos, pedaço por pedaço: os outros esvoaçavão-me em roda da cabeça, causando-me grande terror, porque podião picar-me, e de certo teria morrido das suas ferretoadas.

E bom lembrar que essas vespas erão do tamanho das nossas perdizes maiores, se não as excedião ainda.

No primeiro momento fiquei atordoado.

Armando-me, porém, de toda a minha coragem, e puxando da espada, ataquei os insectos immundos por todos os lados; dando innumerous golpes no ar, matei quatro dos meus aggressores; os outros fugirão.

Fechei então as minhas janellas, e depois de descansar um pouco do susto e dos esforços, tirei os ferrões ás vespas mortas. Tinhão mais de duas pollegadas de comprimento e erão aguçados como as melhores agulhas.

Guardei-os na minha carteira como lembrança, e consegui mais tarde mostra-los na Europa a uns sabios eminentes, que os admirarão devidamente.

CAPITULO V.

Creio que, antes de continuar a narração das minhas aventuras, virá a tempo dizer duas palavras acerca do paiz singular, ao qual o meu fado, mais singular ainda, me havia levado.

Está situado em uma vasta península, limitada a nordeste por uma serrania de dez leguas de altura, que se estende de um extremo do reino ao outro.

Esta serrania está coalhada de volcões, que constantemente arrojão fogo e lava, o que a torna completamente insuperavel.

Eis a razão por que os sabios da terra nada sabem do que ha do outro lado das montanhas; e como nada sabem, chegam mesmo a negar que haja mais alguma cousa fóra do seu paiz.

Nos tres lados restantes Brobdignak é banhado pelo mar. Em toda a parte a costa cahe a prumo, e assegurarão-me que não ha um porto seguro, no qual pudesse fundear um navio estrangeiro.

As desembocaduras dos rios estão cheias de recifes e cachopos, que não permitem á embarcação mais ligeira de entranhar-se nas correntes caudalosas deste paiz.

Eis a razão porque Brobdignak não tinha relações com o resto do mundo, e porque nunca a noticia desse paiz dos gigantes tinha penetrado nos outros paizes do globo.

No interior, os rios, largos e profundos, estão cobertos de embarcações, que põem em contacto as cidades mais remotas com a

capital, e as aguas dessas correntes estão cheias de peixes enormes e saborosos, que têm preferencia sobre os peixes do mar, visto que estes ultimos são do tamanho dos europêus, e, por tanto, não podem supportar a comparação com os de Brobdignak.

A terra está perfeitamente cultivada. Conta para cima de cinquenta cidades grandes e de primeira ordem; mais de cem villas cercadas de muros, e innumeras aldêas e herdades.

A mais formosa e a maior das cidades é a capital Lorbrulgrud, dividida em duas partes por um grande rio.

Em mais de oitenta mil casas, abriga seis centos mil habitantes.

Quanto á extensão, tem mais de doze leguas em comprimento e dez em largura, e garanto estas medidas, porque as tomei de uma planta da côrte que o rei me mostrou.

Bem no meio da cidade, encontra-se o palacio real; mas, não vão imaginar que é um edificio só: reúnem-se em grupo tantas casas, que parece uma pequena cidade em separado, comprehendendo os mais esplendidos aposentos, dos quaes nenhum tem menos de duzentos e cinquenta pés de altura.

É escusado accrescentar que este palacio encerra todas as commodidades possiveis.

Das muitas carruagens que se viam nas cocheiras, uma era destinada ao serviço de Glumdalklitsch, sempre que queria sair á rua.

Frequentemente, acompanhada de sua aia, visitava as lojas da capital, e quasi sempre me levava em sua companhia.

Ordinariamente eu ia na minha caixa; outras vezes, porém, a minha mãizinha sentava-me na palma da mão, para que pudesse admirar livremente as casas, os armazens e todas as outras curiosidades.

A carruagem em que iamos era um monstro de tamanho, e não se me dava de apostar que poderia abrigar mais de quinhentos europêus.

Com o fim de dar-me mais commodidade nas viagens que fazíamos ás vezes nos arredores da capital, mandou-se fazer, em lugar da caixa, que em geral me servia de habitação, uma outra menor, de doze pés em quadro, por dez de altura.

Trabalhou o marceneiro da côrte sob minhas indicações directas, de modo que sahiu cousa capaz e inteiramente a meu gosto. Tres janellas lateraes erão guarnecidas por fóra de um tecido forte de arame; no quarto lado, em lugar de janella, havia dous ganchos de ferro, pelos quaes podia passar-se uma correia, que Glumdalklitsch apertava na cintura durante as viagens a cavallo, proporcionando-me uma posição commoda e segura, e alliviando ao mesmo tempo a minha mãizinha, que outr'ora tinha de levar nos joelhos a minha caixa grande, e mantê-la em equilibrio com as mãos durante todo o trajecto.

Além disto acompanhava-me um criado velho e experimentado, a quem Glumdalklitsch passava ás vezes o cuidado de carregar-me, quando ella chegava a cansar-se.

No mais, o meu aposento de viagem estava arranjado como o outro: por todos os lados acolchoado, tinha a vantagem de ter a mobilia atarrachada ao soalho, por causa dos abalos inevitaveis no movimento a cavallo, abalos que agora não me fazião mais mozza, já por estar acostumado, já por causa dos acolchoados. Pelo caminho olhava, pois, alegremente pelas tres janellas, gozando dos bellos panoramas, que se ião apresentando.

Outras vezes percorriamos a capital em uma liteira, aberta a todos os ventos, carregada por quatro lacaios robustos.

Nesta occasião o povo agglomerava-se em redor de nós, proclamando-nos amistosamente, e queria vêr-me detidamente.

Glumdalklitsch sentava-me então na palma das mãos e mostrava-me aos curiosos, que muito em conta lhe levavão esta amabilidade. Em breve Glumdalklitsch ficou sendo pessoa muito popular.

Tendo ouvido falar encomiasticamente da cathedral da residencia, de cuja torre dizião ser uma verdadeira maravilha, pedi um dia á minha mãizinha que visitasse commigo este templo. Promptamente fui attendido e levado no meu aposento de viagem a vêr o monumento tão falado.

Confesso que o templo era vastissimo e a torre muito alta; comtudo ambos ficárão áquem da minha expectativa. É certo que a torre tinha tres mil pés de altura; mas, que era isto para o tamanho dos homens que a tinhão construido? igualmente notei-lhe pouca elegancia, não podendo, porém, deixar de admirar a grossura das paredes, construidas com cubos enormes de alvenaria, alcançando cem pés de espessura. Em certos lugares ha nichos, nos quaes se vêem as estatuas de marmore dos reis fallecidos, todas do tamanho mais que natural. Em um montão de cisco achei o dedo minimo da mão de uma dessas estatuas. Medi-o e achei-lhe um comprimento de quatro pés e duas pollegadas, não podendo abraça-lo com as duas mãos. Glumdalklitsch enrolou-o no seu lenço e levou-o para a casa, onde mais tarde o encontrei entre os brinquedos de minha mãizinha.

Merece ainda menção especial a cozinha do paço. O tecto é abobadado, e encurva-se em uma altura de seiscentos pés. O forno iguala em tamanho á nave principal de uma igreja e é aquecido de um modo especial e engenhoso.

Nas paredes, em ganchos e taboas, via-se uma multidão de utensilios de cozinha, panellas, caçarolas, frigideiras e outros mais. Proporcionados ao tamanho dos cozinheiros, são naturalmente collossaes. Em uma das panellas, e não era mister que fosse das maiores, podia assar-se de uma vez duas duzias de bois bem gordos.

As quadras d'el-rei são immensas, mas de ordinario só contêm seiscentos cavallos, visto que Sua Magestade é inimigo de despesas superfluas. A raça é excellente e não vi cavallo algum abaixo de sessenta pés de altura. Em velocidade rivalisão com o vendaval, e

percorrem, sem molhar um pello, as extensões mais incríveis. Quando o rei sahe a cavallo, ou nas occasiões solemnes em carruagem, é sempre acompanhado de quinhentas praças de cavallaria.

Estremece, então, o solo debaixo das patas dos animaes, e é um spectaculo esplendido vêr passar a galope a guarda de honra com el-rei na frente.

CAPITULO VI.

Não ha duvida que poderia ter passado uma vida bastante satisfeita em Brobdignak, se não fosse a minha pequenez, que constantemente me expunha a incidentes ridiculos e desagradaveis. Para que o leitor posse imaginar o alcance delles, citarei aqui alguns como amostra.

Muitas vezes Glumdalklitsch descia commigo ao parque do palacio, para reconfortar-se no ar fresco e nos meigos raios do sol, e gozar as delicias, que offerecião as flôres innumeradas que cobrião o jardim de um extremo a outro.

Um dia tinhamos encetado o passeio do costume, demorando-me eu debaixo de uma macieira-anã, a contemplar os fructos desta arvore singular.

Acercou-se de mim o já citado anão, com um sorriso traidor nos labios.

Zanguei-me de sua presença, e para fazer-lhe sentir o meu desgosto, fiz algumas comparações entre a arvore estropeada e a sua pessoa defeituosa.

O anão enfureceu-se e, antes que eu tivesse tempo de inutilizar-lhe a maldade, sacudiu com força a macieira, cujos fructos com grande estrondo cahirão no chão. Abaixei-me para resguardar a cabeça de semelhante chuva perigosa, pois que cada maçã era do

tamanho de uma pipa; comtudo alcançou-me uma no espinhaço, com tal força, que cahi desmaiado de bruços.

O horrivel anão ria-se a bandeiras despregadas, enquanto que eu, de gatinhas, fugia da arvore ominosa, arrependendo-me tarde de haver maguado o meu inimigo, alludindo a uma deformidade do corpo, da qual não era culpado.

Uma outra vez Glumdalklitsch havia-me sentado em um formoso relval, recommendando-me que dali não sahisse, enquanto ella daria com sua aia um passeio na selva vizinha. Prometti obediencia á minha mãizinha, e contava obedecer, quando de repente o céu se toldou; relampagos sulcarão as negras nuvens e o trovão começou a roncar horrivelmente, acompanhado do estrepito de uma saravada furiosa.

A primeira pedra que me alcançou, bateu-me com tanta força, que me derrubou. Continuou o granizo a cahir em cima de mim com grande barulho, e em menos de um minuto achei-me contundido atrozmente. Sem duvida alguma teria succumbido, se não tivesse conseguido refugiar-me debaixo de uma sebe de buxo que havia perto de mim. Sob os galhos protectores do meu abrigo permaneci cheio de dôres até que o temporal cessasse e Glumdalklitsch acudisse anciosamente.

Chorou amargamente a minha mãizinha, quando viu a que estado as feras pedras me havião reduzido; mas não lhe tolhêrão os lamentos a actividade, e sem demora levou-me á minha cama, que tive de guardar durante dez dias, tão coberto estava de ecchymoses e escoriações, originadas pelas pedras que cahem em Brobdignak do tamanho de uma bala de artilharia. Felizmente salvou-me da morte a fazenda grossa e elastica da minha roupa.

Cumpre-me agora citar outro acontecimento não menos desastroso. Estavamos outra vez no jardim, e Glumdalklitsch havia-me collocado em um lugarzinho ameno e abrigado, onde podia entregar-me ás minhas meditações, sem perigo algum, como ella suppunha ao afastar-se de mim.

Estava eu embebido nas recordações da patria, da minha mulher, dos meus filhos, quando de repente ouvi ruido no bosque vizinho, e vi apparecer um perdigueiro branco, que pertencia ao jardineiro da quinta real.

Approximou-se o cão de caça, saltou ao redor de mim, ladrou, farejou-me detidamente, pulando depois varias vezes por cima de mim sem cerimonia alguma.

Agachei-me em silencio e não me mexi, nem quando o terrivel cão me suspendeu nos dentes e disparou commigo até chegar em presença de seu dono, a cujos pés deitou-me ao chão. Abanando com a cauda

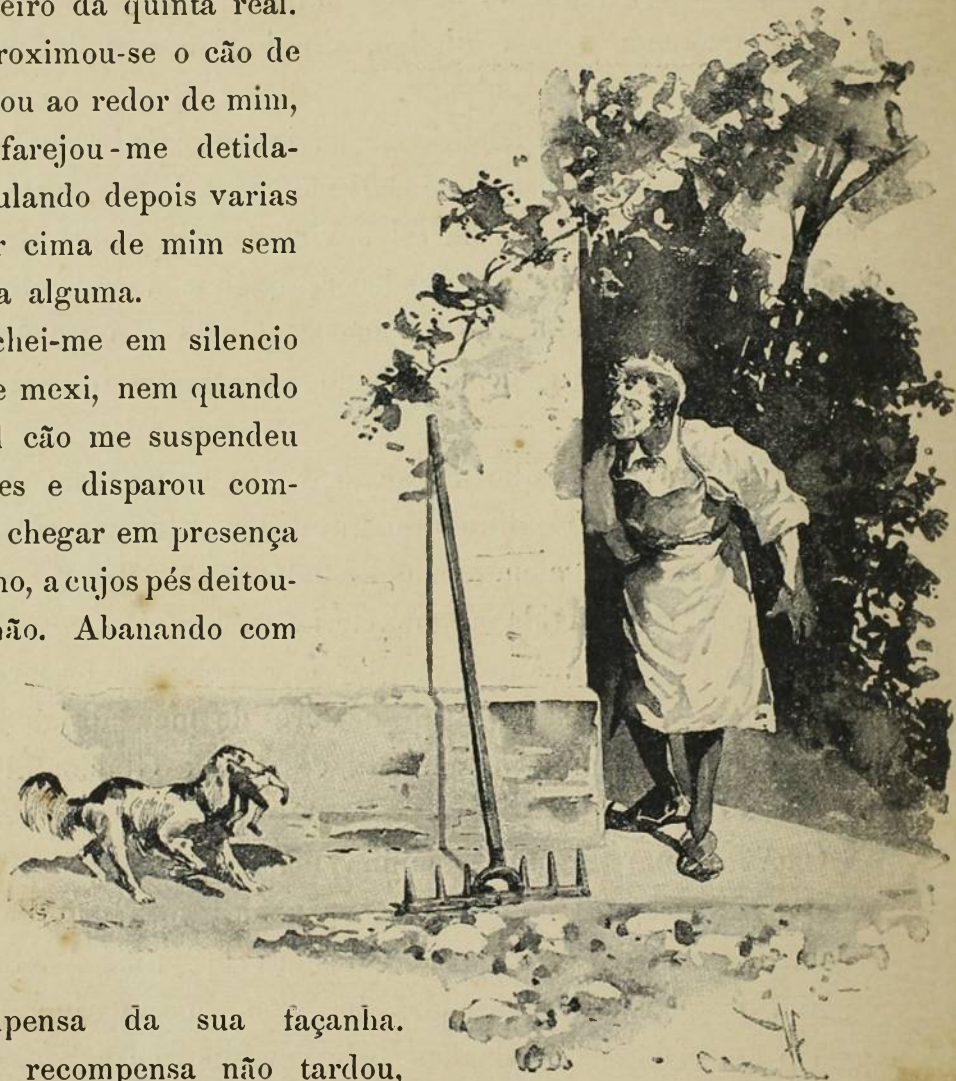
ficou
parado a
meu
lado,
como esperando

a recompensa da sua façanha.

Esta recompensa não tardou, e consistiu em um bom par de pontapés que lhe atirou o jardineiro, quando me viu estendido sem movimento.

Ergueu-me carinhosamente e passando-me a mão pela cabeça, perguntou-me se estava ferido.

Mas eu só tinha estado atordoado pelo susto, porque o cão era tão bem ensinado, que nem sequer o fato me prejudicou. Tranquillizei, pois, o jardineiro, que me levou á minha mãizinha,



pedindo-me pelo caminho que não denunciasse o procedimento do cão, o que de bom grado prometti, porque o seu dono sempre me havia patenteado amizade carinhosa.

Além destas aventuras tive outras muitas, mas de importancia somenos. Um dia um gerifalte atirou-se á minha pessoa, e sem duvida ter-me-hia levado pelos ares, se não me refugiasse a tempo debaixo de um arbusto, onde, de espada em punho, me defendi contra o salteador, até obriga-lo a fugir. Em uma outra occasião cahi em um monticulo de toupeiras, enterrando-me até ao pescoço; custou-me sahir do atoleiro e tive de inventar uma historia para explicar o desasseio da minha roupa, para que não se rissem de mim.

E assim ás duzias. Felizmente protegia-me sempre a Providencia, de modo que sahia com o susto.

Incommodava-me sobremaneira vêr que os mais pequenos passaros, tordos, rouxinóes, pintasilgos, carriças, pintarôxos, não fazião o menor caso de mim, quando me vião em meus passeios solitarios. Saltavão em redor de mim com toda a calma, procurando os seus alimentos; o meu aspecto não lhes causava o menor susto. Um tordo chegou uma vez a arrancar-me da mão um pedaço de bolo doce e a devora-lo em minha presença. Foi em vão que tratei de rehaver a gulodice roubada; o tordo resistiu tenazmente, aggedindo-me com o bico afiado, e como casualmente não trouxesse a minha espada, tive de fugir vergonhosamente.

Quando queria enxotar os passaros, viravão-me a cara, pavoneavão-se, olhavão-me em ar de troça, davão-me bicadas furiosas, e, quando eu me retirava, voltavão ás suas occupações tão tranquilllos como se eu não existisse, quando não zombavão de mim com o seu canto.

Cansado destes desaforos, resolvi um dia pôr-lhes côbro, e armando-me de um bom cacete, desci ao jardim.

O primeiro passaro que encontrei foi um pintarôxo.

Como de costume, veio bolir commigo, mas eu assentei-lhe tão tremenda cacetada, que o atrevido cahiu atordoado no chão.

Agarrei-o para leva-lo como trophéo á minha mãizinha.

Infelizmente o malvado não estava morto e forcejava para livrar-se-me da mão, batendo com as azas e dando bicadas furiosas.

Não sei como me teria sahido da empresa, se não me apparecesse felizmente um criado do paço, que, vendo os meus apuros, torceu o pescoço ao vencido rebelde.

No dia seguinte, por ordem especial de Sua Magestade a rainha, me foi servido assado o tal pintarôxo, e para que imaginem o valor de toda esta aventura, inclusive o petisco, basta que saibão que o passarinho era do tamanho de um bom cysne, e de carne deliciosa.

As vezes eu mostrava uma coragem intempestiva, que quasi sempre me attrahia a zombaria dos que me rodeiavão.

Um dia, em uma excursão com a minha Glumdalklitsch, deixámos a carruagem, mettendo-nos em uma vereda, que corria por um prado florido, onde abundavão borboletas de tamanho extraordinario, de belleza admiravel, medindo algumas quatro pés entre os extremos das duas azas.

Havia na vereda um montão de estrume de vacca, e não soube resistir ao desejo de saltar por cima, para mostrar a minha força e destreza. Tomei espaço e saltei com grande impeto... no meio do montão nojento, afundando-me nelle até os joelhos. Só com grande custo pude sahir desta prisão pouco asseiada, com uma cara tão singular, que até a minha Glumdalklitsch não pôde deixar de rir ás gargalhadas.

Posto que um lacaio me limpasse com um lenço, o meu bello traje ficou perdido, lembrando-me assim que a precipitação é má conselheira. E ainda em cima tive o prazer de ouvir na côrte os motejos de el-rei e da rainha, dos cortezãos e até da criadagem.

Mas nem sempre era a zombaria o meu quinhão. Mais de uma vez soube despertar verdadeira admiração entre os meus amigos e protectores.

Uma vez achei-me em presença de el-rei, quando fazia a sua toilette. Estava o barbeiro a fazer-lhe a barba, pregando-me as proporções da navalha, do tamanho de duas foces, um susto regular. Comtudo, depois que o rapa-queixo sumiu em seu estojo este instrumento formidavel, acerquei-me e pedi que me dêsse um pouco da espuma tirada da cara de el-rei. Satisfeito o meu pedido, escolhi umas cincoenta pontas do pello da barba de Sua Magestade, que podião ter um dedo de comprimento. Feito isto talhei com um canivete um pedaço de páo duro; com um alfinete furei buracos a distancias iguaes, nos quaes enxertei os cabellos da barba; depois de alisa-los e apara-los convenientemente, tinha um bello pente de cabelleira, que mostrei á rainha e a Glumdalklitsch, e que lhes despertou muita admiração.

Uma outra vez, pedi á criada grave da rainha que me dêsse os cabellos, que cahião, da cabeça de Sua Magestade, durante o acto de pentea-la. Mandeï fazer pelo marceneiro do paço duas cadeiras, iguaes ás minhas, mas sem acolhoado. Com os cabellos obtidos fiz um trançado artistico, que em tudo imitava perfeitamente o assento de palhinha das nossas cadeiras européas, e offereci estes trastes á rainha, que acceitou o presente com especial agrado, mandando encerra-lo na sua secretária, donde só o tirava nas grandes solemnidades, exhibindo-o como curiosidade assignalada.

Com o resto do cabello da rainha teci uma bolsa para dinheiro, com o monogramma de Sua Magestade em fios de ouro, que, com licença da minha graciosa soberana, offereci a Glumdalklitsch.

Foi igualmente admirada esta obra minha, posto que fosse mais uma brincadeira do que um objecto capaz de corresponder ao seu destino, porque as menores moedas de Brobdignak têm pelo menos vinte pollegadas de diametro. A minha mãizinha serviu-se desta bolsa para guardar nella os seus brinquedos mais mimosos.

A rainha, que de dia em dia mais me enchia com seus favores, vendo-me uma vez muito triste e melancolico, tratou de distrahir-me com bondade infinda.

Lembrando-se das narrações das minhas viagens maritimas, ella me perguntou se seria capaz de manejar um bote com velas e remos, accrescentando que o exercicio de remar devia contribuir poderosamente a fortalecer a minha saude, um tanto abalada.

Naturalmente respondi-lhe que não me faltava pratica, visto que muitas vezes tivera de pôr mãos á obra com os marinheiros de profissão; mas que a minha experiencia de nada me serviria em Brobdignak, onde os mais pequenos botes erão do tamanho das nossas náos; e que eu, portanto, não os poderia governar sózinho. E, quando mesmo se construísse uma embarcação menor, não se aguentaria nos rios caudalosos do paiz.

— Não seja este o teu cuidado, meu maganão — disse Sua Magestade, dando-me um tapinha na cara; — havemos de arranjar-te um botezinho e tambem um lugar em que sem obstaculos te possas divertir com suas evoluções.

Immediatamente o constructor naval teve ordem de fabricar uma embarcação segundo as minhas indicações, e em dez dias construiu uma gondola digna de qualquer soberano do velho mundo. Fabricada de madeiras preciosas, e embutida de ouro e marfim, podia conter facilmente dez individuos do meu tamanho.

Encantada Sua Magestade, mandou pôr o bote no tanque da fonte, para que mostrasse a minha habilidade.

A gondola fluctuou perfeitamente, obedecendo galhardamente ao leme e aos remos; mas o espaço era pequeno para desenvolver com brilho evoluções interessantes.

Vendo isto, a rainha mandou construir um tanque de quatrocentos pés de comprimento, cem pés de largura e oito pés de profundidade, com uma torneira afim de soltar as aguas que necessitassem ser renovadas.

De posse desta bacia magnifica, entreguei-me todos os dias aos

mais variados exercicios nauticos, para divertimento meu, e não menos da rainha e da sua côrte, que durante horas se deleitavão com a minha pericie e habilidade.

Quando estava cançado de remar, soltava os pannos, e empunhava a canna do remo, enquanto as damas da rainha com seus leques fazião o vento necessario para velejar; quando as nobres cortezãs se achavão fatigadas, alguns pagens punhão-se a soprar de bochechas inchadas. Corria bordadas, como o melhor marujo. Terminados estes exercicios, Glumdalklitsch tirava-me da gondola, e pendurava esta em um prego para que escorresse a agua.

Um dia, porém, deu-se um desastre, que quasi me tirou a vontade de navegar.

A aia de Glumdalklitsch me tinha suspendido nos braços para sentar-me na gondola; por um descuido, escapei-lhe das mãos e cahi de uma altura de sessenta pés.

Infallivelmente ter-me-hia despedaçado nas lages, se não ficasse preso em um alfinete, que prendia o chales da pobre mulher.

Sem offender-me, passou-me o alfinete entre o tirante e a camisa, e fiquei no ar, gritando e esperneando, até que Glumdalklitsch, acudindo com muito sangue-frio, me libertasse da minha posição critica.

Um outro dia, ninguem sabe como, achou-se um sapo no meu tanque. Só o percebi depois que Glumdalklitsch me tinha accomodado no meu bote. Talvez o bicho immundo considerasse a minha gondola como lugar de recreio para elle, porque sahiu da agua, subiu a bordo, e desequilibrou a embarcação de tal modo, que por um triz não virou. Depois o intruso fez como quem está em sua casa; saltou tres ou quatro vezes por cima de mim, regando-me com um liquido viscoso e mal cheiroso, de modo que a sua presença se me tornou completamente intoleravel.

Agradecendo galhardamente a intervenção de Glumdalklitsch, que me acudira, ataquei com muito brio o invasor, e dei-lhe tanto com o meu remo, que coaxando fugiu vergonhosamente para as profundidades do tanque.

CAPITULO VII.

Essas aventuras, porém, nada valião, comparadas com a que tive com um macaco, pertencente a um dos bichos da cozinha de el-rei.

A minha Glumdalklitsch, tendo que tratar de alguns assumptos urgentes, tinha sahido, deixando-me por precaução fechado no aposento della.

Estando muito quente o dia, as janellas de Glumdalklitsch tinhão ficado abertas, e bem assim porta e janellas da minha boceta.

Sentado a gozar o sopro da briza, que penetrava em meu quarto particular, ouvi de repente um rumor singular, e olhando para a sala de minha mãizinha, vi um macaco, que pulava de um lado para o outro.

Posto que grandemente assustado, não podia tirar os olhos do animal curioso, que executava os mais irrisorios movimentos.

Das cadeiras saltava ás mesas, das mesas em cima dos armarios; tudo quanto lhe cahia nas mãos virava e revirava; fazia caretas indescriptiveis, arrancando-me innumeradas gargalhadas.

Por fim deu com a minha boceta e acercou-se della com muita desconfiança. Depois poz-lhe a mão, levantou-a, sacudiu-a com grande violencia, abriu e fechou a porta e as janellas, contrahindo a cara já tão feia, para patentear a maior satisfação.

E escusado acrescentar que senti sustos de todos os quilates durante estas manipulações; de tal modo fiquei atordoado que, em lugar de refugiar-me dentro de algum armario ou debaixo da cama, permaneci pregado na minha cadeira, como um pateta.

Depois de ter brincado a fartar-se com a minha boceta, o macaco olhou para dentro e viu-me estatelado.

Com uma gritaria de alegria immensa, estendeu a mão para agarrar-me.

Mas este movimento ameaçador restituiu-me vida e energia.

Como picado por uma tarantula, puz-me de pé, saltei, metti-me debaixo da mesa e das cadeiras, fugi de um canto para o outro, fiz, emfim, todo o possivel para escapar ás unhas do macaco endiabrado.

Imaginem o que deve sentir, como eu então senti, o passarinho, em cuja gaiola rapaz travesso mette a mão. Como elle esvoaça e chilra, e salta de um poleiro a outro, erriçando anciosamente as pennas, assim corria eu á tôa, gritando de susto e procurando livrar-me do meu inimigo.

Mas ninguem foge á sua sina.

O macaco acabou por pegar-me por uma aba da casaca, e puxou-me para fóra da minha boceta.

Sentou-me na palma da mão esquerda, olhou para mim com grandes tregeitos, e afagou-me com a outra mão, sem me maguar.

Assim, porém, que eu denotei querer fugir, o bicho malvado apertou-me tão horriavelmente, que as costellas me estalarão, e os olhos se me encherão de lagrimas. Compreendi que era melhor resignar-me e fiquei quieto, o que fez reaparecer a ternura de meu algoz, que me tratava como uma ama trata á sua cria. Talvez pensasse mesmo que eu era algum parente pequeno, que elle devia proteger com grandes carinhos.

Durou este brinquedo horrendo até que o quadrumano ouviu um ruido na porta: parecia que alguem a estava abrindo.



Com a rapidez do raio o macaco fugiu pela janella, trepou por um canno de chumbo, e em breves momentos alcançou um telhado vizinho: em tudo isto conservava-me preso na sinistra, enquanto que com a dextra e com as pernas executava a sua gymnastica vertiginosa.

No instante em que o meu raptor sahia pela janella, entrava a minha Glumdalklitsch pela porta. Ella soltou um grito desesperado quando me viu em poder do macaco.

Toda a ala do palacio, por nós habitada, ficou revolucionada, porque Glumdalklitsch corria de aposento em aposento, chamando por soccorro. Dahi a pouco vi os criados e lacaios acudirem com grandes escadas de mão. Aos magotes juntou-se a gente no pateo, olhando para o macaco, que se havia sentado em uma cumieira saliente, embalando-me nos braços como a uma criancinha de peito, e dando-me de comer guloseimas, que guardára nas bochechas. Quando eu não queria acceitar estes comestiveis, elle dava-me pancada, de modo que eu tinha de gritar, abrindo assim a bocca, contra a minha vontade.

Devia ser divertido tal espectaculo, e não levei a mal aos assistentes que rissem ás gargalhadas. Talvez que eu mesmo me tivesse rido, se visse outrem em situação identica. Mostravão-se aliás promptos a auxiliar-me, atirando muitas pedradas ao macaco. Mas a emenda ameaçava ser peor que o soneto, porque algum dos projectis podia alcançar-me tambem, e então «adeus as minhas commendas».

Por fim fôrão encostadas as escadas e de varios lados os meus salvadores principiárão a subir.

O macaco vendo isto, é provavel que calculasse que com tres mãos só, não poderia escapar ás vinte mãos vingadoras que se acercavão; deixou-me cair, pois, e fugiu com grande alarido.

Quanto a mim, fui rolando no telhado, julgando ter chegado a minha hora suprema. Felizmente, porém, fiquei preso na calha, onde me achei em segurança relativa. Agarrei-me desesperadamente, para não cair na calçada de uma altura de quinhentos metros.

Entretanto os meus libertadores se approximavão. Senti como que me suspendião; olhei e vi o criado da minha Glumdalklitsch, um mocetão carinhoso, que me ergueu com o maior cuidado, e me metteu no bolso das calças, descendo depois a escada. Cheguei sem estorvo ao chão, onde fui recebido com gritos jubilosos pela multidão anciosa.

A minha mãizinha afflictissima até então, recebeu-me nos seus braços solícitos, tratando em primeiro lugar de afastar os restos de comida que o malvado macaco me havia mettido na bocca e que ameaçavão afogar-me.

Conseguida a desobstrucção por meio de um alfinete, aspirei o ar livre em grandes tragos. Agradei a Glumdalklitsch a sua solícitude com ternos olhares, visto que pelo momento ainda não tinha recuperado a voz. Estava exausto e doente, e além disto tão cheio de contusões produzidas pelos apertos do macaco, que immediatamente tive de recolher-me á cama, onde permaneci durante quinze dias.

O rei e a rainha, e naturalmente portanto, toda a côrte, condoêrão-se muito de mim, mandando todos os dias buscar noticias minhas.

O macaco, porém, foi agarrado, fuzilado e queimado, e as suas cinzas lançadas aos quatro ventos. Além disto, para evitar a repetição do perigo, Sua Magestade el-rei ordenou que não se tolerasse mais no paço macaco algum.

Depois de restabelecido, fui visitar a rainha para agradecer-lhe o interesse que tinha tomado em meus soffrimentos.

Perguntou-me Sua Magestade com um sorriso o que se me passára na mente, quando me tinha visto na cumieira a espernear entre os braços do macaco, que tal me havia parecido o seu methodo de dar de comer, se o ar livre das alturas me havia aguçado o appetite, e o que teria feito em minha patria em identicas circumstancias.

Bem percebia a pontinha de ironia com que vinhão revestidas estas perguntas; ergui a cabeça e respondi com garbo marcial:

— Na minha patria, Senhora, não ha macacos, e, se alguma vez apparecem como curiosidade, são tão pequenos, que não hesitaria medir-me com uma duzia delles, se tivessem o atrevimento de aggre-dir-me. De resto, — accrescentei com os olhos a chamejar, — nem o macaco daqui ter-se-hia apoderado de mim, se

não me tivesse colhido de surpresa: Que viesse agora! Com a minha espada o receberia de modo que toda a vida haveria de lembrar-se, ainda que fosse dez vezes maior!

Despertou este arreganho bellicoso as risadas da rainha, e naturalmente toda a côrte se riu com ella.

Compreendi que havia dito tolices, proferindo ameaças contra um animal maior que o maior elephante das Indias.

Calei-me envergonhado, e retirei-me para um canto, meditando sobre o inconveniente de esquecer-se a gente tão facilmente de sua pequenez; mas firmemente resolvido a tomar a minha desforra por algum feito notavel.

Não tardou a occasião de realizar este bom proposito.

Era el-rei grande amador de musica, e organizava frequentemente concertos, para os quaes eu era convidado, para maior tormento dos meus fracos ouvidos, não acostumados ao ruido, horrivel, que naturalmente produzião os instrumentos de Brobdignak.

Quando assisti pela primeira vez a um desses concertos, quasi fiquei com o timpano despedaçado. Nem o estrondo de cem peças de artilharia, disparadas ao mesmo tempo, alcança em intensidade o mar bramante dos sons produzidos pelos musicos d'el-rei.

Para as funcções subseqüentes, ensinado pela experiencia, ordenei que me levassem na minha boceta para a sala immensa dos concertos e que a collocassem no canto mais retirado. Fechei portas e janellas, corri as cortinas, e consegui com estas precauções poder apreciar a musica sem prejuizo dos meus ouvidos.

Havia no aposento de Glumdalklitsch um instrumento parecido em feitio com um piano europêu, mas de dimensões, muito maiores. De comprimento tinha sessenta pés, e cada tecla era da largura de uma mão. Neste instrumento a minha mãizinha estudava a lição com o mestre da capella régia, tendo exercicios duas vezes por semana.

Lembrei-me que na minha mocidade tambem eu tinha aprendido a tocar piano, e firmei o projecto de surprender o soberano com a minha habilidade.

Era ideia arrojada, ponderando que com os braços abertos, apenas podia abraçar cinco teclas.

Á força de perseverança, porém, consegui estudar em horas solitarias uma valsa ligeira, vencendo as dificuldades inauditas que me apresentava a empresa, com as disposições seguintes:



Em primeiro lugar mandei collocar no instrumento, a quatro pés abaixo do teclado, uma taboa larga, na qual podia mover-me sem perigo de um lado para o outro.

Em seguida mandei fabricar dous bastões robustos,

munidos em um dos extremos de um tampão de pelle de ratos, e no outro de uma alça, para poder empunha-los commodamente. Com esta especie de vaquetas, comprimia as teclas, o que só com as mãos não teria conseguido. Além disto os páos alcançavão ao longe, evitando-me assim caminhadas longas e fastidiosas. O revestimento de pelle de rato devia abrandar o som e resguardar as teclas de attrito maior.

Preparado deste modo, esperei o meu auditorio, e quando este

esteve completo, rufei de bôa vontade no instrumento, sem sahir do compasso. Terminada a minha valsa, fui muito applaudido, principalmente pela rainha, á qual a execução havia agradado sobremodo, e que me disse muitas phrases lisongeiras. É escusado accrescentar, entretanto, que não podia apresentar cousa perfeita, visto que com as minhas vaquetas apenas alcançava dezeseis teclas, ficando prejudicado o acompanhamento da melodia. E, comtudo, difficil seria imaginar os esforços que tive de empregar em um instrumento tão volumoso. Estava exausto de cansaço quando terminei a minha valsa. Supponho que foi o trabalho mais difficil que emprehendi em dias de minha vida, e só o applauso unanime e enthusiastico do auditorio, pôde indemnizar-me em parte do meu sacrificio.

CAPITULO VIII.

Por mais que todos os meus protectores se esforçassem para tornar-me agradável a vida em Brobdignak, não podia esquecer-me da minha mulher, dos meus filhos e dos bons amigos que havia deixado na patria querida.

Sem duvida o pezar e as saudades ter-me-hião ralado o coração, se não me tivesse amparado a esperança, com suas promessas bemfazejas.

É certo que não poderia ter explicado claramente o que esperava; mas Aquelle que me fizera transpôr os baluartes insuperaveis desse paiz singular, tambem podia dar-me os meios de superalos para sahir em busca da minha terra.

Com as fibras mais intimas frementes, pensava muitas vezes nesta volta, rejubilando com a ideia que o momento feliz talvez estivesse perto.

Posto que fosse o favorito do rei e da rainha, o mimo de toda a côrte, pensava com grandes saudades na ventura de voltar ao seio dos meus iguaes, de passear em ruas e campos, onde não me ameaçasse a cada momento o perigo de ser esmagado pelo pé dos transeuntes; estava sedento, enfim, dos nossos bosques e campinas.

Pois, meus caros leitores, mais depressa do que pensava sahi do meu captiveiro e de um modo tão extraordinario, que a minha

sabida excedeu em maravilhoso tudo quanto se conhece das minhas aventuras estranhas.

Dous annos achava-me eu em Brobdignak, quando os soberanos se lembrãõ de fazer uma excursão ao interior do paiz dos gigantes.

Não querendo separar-se de mim, ordenou a rainha á Glumdalklitsch que se incorporasse commigo na comitiva real. Mettêrão-me na minha boceta de viagem e partimos todos.

Graças a alguns melhoramentos, o meu aposento offerecia agora mais commodidade.

Uma rêde, presa nos quatro cantos do tecto por grossos cordões de seda, constituia um ponto de descanso, garantido completamente contra os solavancos dos movimentos, mesmo quando o criado me levava a cavallo.

Para dar accesso ao ar livre, havia mandado practicar no tecto uma abertura, que se podia fechar á vontade por uma corrediça.

Fazia, pois, o trajecto commodamente e sem perigo algum.

Como ponto de descanso no nosso caminho havia-se designado um castello régio perto da cidade de Flanfasnik, que por sua vez só distava quatro leguas do mar.

Deviamos demorar-nos nesse ponto algumas semanas, o que me vinha muito a proposito e mais ainda a minha Glumdalklitsch, pois que ambos estavamos incommodados, eu de um forte defluxo, e minha mãizinha dos trabalhos das jornadas, que a obrigãrão a ficar varios dias de cama.

Satisfeita a minha curiosidade acerca do castello, senti grande vontade de tornar a vêr o mar.

Fingi-me, pois, mais doente do que estava, para obter de Sua Magestade a rainha licença de ir reconfortar-me nas brisas salgadas. Uma especie de voz secreta inspirava-me a fazer esse pedido, que promptamente foi attendido por minha graciosa soberana.

Ordenou-se a um pagem que me levasse na minha boceta á praia e que tivesse muito cuidado em mim.

Em seguida despedi-me de Glumdalklitsch.

Parecia que minha mãizinha receiava não tornar a vêr-me nunca mais. Só com a mais violenta reluctancia deixou-me partir, recommendando-me que não me mettesse em perigos inuteis, e ordenando ao pagem que, sob pena de morte, não me perdesse um só instante de vista.

Quando lhe dei a mão pela ultima vez, ella desatou a chorar e houve-se em tudo como se a nossa separação devesse ser eterna. Só a grande custo pude separar-me finalmente della.

Meu pagem tomou a boceta na qual eu estava accommodado, afivelou as correias ao redor da cintura, e, andando de vagar, alcançou a praia em menos de meia hora.

Mandei que descansasse a minha habitação. Obedeceu immediatamente, e eu, abrindo uma das minhas janellas corrediças, puz-me a olhar com saudades para as ondas, que se estendião tão ao longe, que me podião levar á minha patria, se Deus quizesse.

Saudades e magnas de tal modo me abalárão, que senti necessidade de descansar um pouco na minha rêde.

Ao pagem disse que podia ir dar algumas voltas, que eu não me moveria do ponto em que estava.

Não podia desconfiar de mim o joven encarregado da minha pessoa, pois que é cousa natural para um doente o desejar dormir uma somneca. Desejou-me elle bom descanso, fechou porta e janella para impedir corrente de ar, e afastou-se em procura de ovos de passarinhos, gulodice muito appetecida em Brobdignak.

Eu o vi mover-se entre os rochedos; em seguida fechei os olhos e cahi em um somno profundo.

Não saberia dizer quanto tempo dormi; mas fui despertado pelo ruido que fazião uns puxões, dados na argolla de ferro, presa no alto da minha boceta para suspende-la commodamente.

Percebi immediatamente que uma força invisivel me levantava pelos ares com velocidade vertiginosa. Ao encetar a subida, o abalo foi tão violento que a minha habitação vacillou de um lado para

o outro, a ponto de atirar-me quasi fóra da rêde. Logo em seguida, porém, o movimento ascendente tornou-se calmo e uniforme.

Não me podia explicar de modo algum o que se estava passando commigo; alcei a voz e mandei que parassem, mas sem o menor exito.

Encorporei-me então na rêde e olhei cautelosamente pela janella; só vi as nuvens do céu, mas tão perto de mim estavam, que com as mãos as poderia ter agarrado.

Ainda assim foi-me impossivel atinar com a causa da minha ascensão, até que por cima de mim percebi um sussurro abafado, como originado pelo trabalho das azas de um passaro gigantesco, reconhecendo, ao mesmo tempo, o character horrivel da minha situação.

Uma aguia tinha visto a minha boceta, e farejado a minha pessoa; agarrando a caixa pela argolla de ferro, a levantára aos ares, para deixa-la cahir em algum rochedo, onde se despedaçaria, servindo eu então de pasto ás aguias pequenas.

Estava, pois, em um perigo imminente, exposto a ser precipitado a qualquer momento.

Não tardou muito que ouvisse novo sussurro mais forte, repetidas batidellas de azas, sentindo ao mesmo tempo que a minha boceta era puxada violentamente de um lado para o outro, ora para diante, ora para traz.

Escutei com ancias profundas e ouvi varios golpes, dados provavelmente na aguia que levantára a minha habitação; logo em seguida descí precipitadamente das nuvens em linha vertical, com uma rapidez sempre crescente, a ponto de perder a respiração.

Terminou a minha quéda horrivel com um golpe mais estrondoso do que a voz do salto do Niagara. Diminuiu então a velocidade, mas foi escurecendo em torno de mim, escurecendo sempre mais, até que densas trevas me rodearão.

Compreendi que tinha cahido no mar; e, quando a boceta pouco a pouco tornou a subir, e as trevas cedêrão ao relumbrar da luz do dia, recuperei o animo e a respiração.

Por fim surgiu parte da minha boceta, cujo fundo permanecia mergulhado nas ondas, em uma profundidade de cinco pés, em consequencia das chapas de ferro, que tinha mandado pregar nos cantos da base para reforçar a construcção.

De resto tudo ia bem. As chapas servião de lastro, mantendo a minha casa em equilibrio, depois de tê-la

protegido contra o embate, quando cahiu.

Já referi anteriormente que tinha man-



dato calafetar a minha boceta para tornar-la impermeavel a chuva e humidade do chão; tão conscienciosamente fôra feito este trabalho, que nesta emergencia o meu cubiculo mostrou-se perfeitamente estanque. As portas e janellas erão corrediças e por isso não tinhão cedido á forte pressão das aguas.

Ponderando tudo isto; conclui que, pelo menos para o momento, estava ao abrigo; tratei então de abrir a corrediça do tecto, afim de arejar o meu quarto, cheio de ar viciado e abafado.

Aspirei com verdadeira delicia a brisa maritima, e sentei-me a meditar acerca da minha situação, que nada tinha de invejavel.

Lembrei-me saudosamente da minha querida Glumdalklitsch, de cujo lado um só instante fatal me havia arrancado para sempre. Menos pesava-me a minha propria sorte, do que o pensamento que minha mãizinha a estas horas chamava por mim com lagrimas e lamentos, depois de ter visto o pagem voltar sem mim.

Um momento receei que a pobre teria de deixar a côrte e a voltar outra vez para a vida obscura de camponeza; mas acudiu-me felizmente o pensamento que a minha mãizinha era a favorita da rainha, tanto como eu. Sua Magestade havia de nomea-la dama de companhia, creando-lhe assim um futuro agradavel e seguro.

Consolado deste modo acerca de Glumdalklitsch, voltei aos meus proprios interesses, e força é confessar que raras vezes amante algum de viajar se havia encontrado em uma posição mais critica do que eu nesse momento, podendo, por qualquer caso fortuito, perder o meu esquite, e, com elle, a vida.

Bastava uma rajada para virar o meu cubiculo e sepultar-me nos abysmos do mar.

Um rochedo qualquer, inevitavel por falta de remos e leme, podia despedaçar as janellas de minha habitação, até então preservadas pela rêde de arame, e precipitar assim a catastrophe.

Intentei subir ao tecto do meu aposento, passando pela abertura superior, para vêr se descobria ao longe algum navio salvador; mas não pude alcançar aquella abertura, nem fazendo escada das cadeiras postas em cima da mesa.

Quanto mais reflectia, tanto mais triste me apparecia a situação.

Posto que escapasse ás ondas, aos recifes, a todos os outros perigos que ameaçavão a minha fragil embarcação, como havia de

escapar á sorte horrivel de morrer de fome, morte infallivel se não apparecesse soccorro em tempo?

Não havia nem agua, nem pão no meu cubiculo, porque ninguem podia prevêr a necessidade de alimentos, rodeado como sempre estava pelos mais carinhosos cuidados.

Via, pois, a morte em face, mas nem por isso perdi a coragem; tive fé em Deus, que tanto mais perto está, quanto o perigo é mais imminente.

Ha-de lembrar-se o leitor que, no lado do meu quarto em que não havia janellas, existião umas alças de ferro para receber a correia com a qual Glumdalklitsch, ou algum dos criados, prendia a minha casinha na cintura.

De repente, depois de ter fluctuado nas ondas cerca de quatro horas, ouvi nessas alças um ruido, parecendo-me, logo em seguida, que alguém puxava o meu cubiculo.

Accentuarão-se as sacudidellas, até que o meu esquife adornou. As ondas cobrirão de novo as janellas, obscurecendo o meu aposento.

Embora não achasse explicação para estes movimentos, via nelles a salvação que se approximava.

Gritei com todas as forças dos meus pulmões; bati desesperadamente nas paredes do meu quarto; atei o meu lenço em uma bengala, e passei esta bandeira improvisada pela abertura do tecto, para dar signaes de vida.

Nem um signal de que houvessem sido percebidos os meus esforços desesperados!

Comtudo, accelerando-se o movimento do meu cubiculo, não perdi as esperanças.

Ao cabo de uma hora, passada em silencio sepulchral, bateu o meu esquife estrondosamente em um objecto duro, jogou horrivelmente de um lado para o outro, e recuou depois violentamente.

Pensei que tinha encontrado um rochedo, e recommendei a alma a Deus.

Cêdo, porém, ouvi na coberta um ruido como se passassem um cabo pela argolla de ferro, e senti o meu aposento subir por sacudidellas.

De novo passei a bandeira pela abertura, e gritei de tal modo que fiquei rouco.

Desta vez tive resposta.

Um «hurrah» repetido tres vezes cortou os ares, e fiquei subjogado de tal modo pelo sentimento de achar-me salvo e em presença de homens, que derramei lagrimas copiosas, enviando ao céu um fervoroso agradecimento.

Só quem já alguma vez

que me acudissem sem demora; que era inglez, reduzido á mais horriavel situação, por uma sorte adversa.

A mesma voz tranquillizou-me:

Não tenha susto, — ouvi dizer; — o seu esquite está amarrado



perigo de vida, poderá aquilatar devidamente os sentimentos que me tumultuavão no peito.

Ouvi passos humanos na coberta do meu quarto, e uma voz sonora perguntou em inglez:

— Se ha alma viva neste caixão, que se dê a conhecer!

Respondi incontinente

no nosso navio, e já vai descer o carpinteiro para practicar uma abertura no seu porão.

— Não faça tantas ceremonias, — repliquei eu; — o tempo urge; quanto mais depressa sahir daqui, tanto melhor. Passe o dedo na argolla de ferro que encontrará na coberta; alce a caixa e eleve-a á camara do commandante.

Estas palavras fôrão recebidas por gargalhadas estrepitosas, acompanhadas de observações, proprias a mostrarem que o meu auditorio me tinha por maluco.

Neste comenos appareceu o carpinteiro e abriu no meu esquite um rombo sufficiente para deixar passar-me por elle. Em seguida atirarão-me uma escada de corda; servi-me della, e um momento depois, exausto de forças e prestes a desfallecer, achei-me no convez de uma barca ingleza.

CAPITULO IX.

Attonito olhei para todos os lados, podendo só mal explicar-me o que estava vendo.

A tripulação rodeiou-me; os marujos me fitavão boquiabertos, e alguns me atropelavão com perguntas, ás quaes tinha pouca vontade de responder.

A sensação que experimentava, era de achar-me em sonho no meio de um povo de pygmeus.

Tive vertigens e todo o corpo me estremeceu. Só me lembro que o commandante, *mister* Thomas Wilcot, filho valente do Yorkshire, chegou perto de mim, apertou-me a mão, e, vendo-me a desmaiar, ordenou que me levassem á sua camara.

Offereceu-me immediatamente um calix de bom vinho e um pouco de alimento, e obrigou-me a deitar-me em sua cama, afim de restaurar as minhas forças em um somno reparador.

Antes do desmaio, porém, pedi ao commandante que mandasse recolher a minha boceta; que continha cadeiras, mesas, armarios, uma rêde e outros trastes mais; que era forrada de seda e acolchoada por todos os lados, e que muito lhe agradeceria se a mandasse fechar na sua camara.

Fitou-me o bom do marujo com olhos espantados, convencido de que as minhas aventuras me havião privado da razão.

Para tranquillizar-me, porém, prometteu que daria as ordens convenientes acerca da minha propriedade, deixando-me immediatamente para desempenhar a sua palavra.

Fez pouca cerimonia; mandou recolher a bordo os trastes do meu aposento e o melhor do taboado, abandonando o resto ás ondas do mar.

Admirarão todos a minha mobilia, dando trato aos miolos para descobrir o que havia realmente a meu respeito.

Dormi durante algumas horas, e senti-me robustecido, quando acordei pela volta da noite.

Estava sentado o commandante perto de minha cama; inquiriu do meu estado, e convidou-me para ceiar, quando percebeu que já podia supportar um bom petisco. Comi com bom appetite, conversei com o meu hospede, e perguntei-lhe como tinha conseguido livrar-me da minha malfadada situação.

— Nada mais natural, — respondeu elle, — pelo meio-dia descobri com o oculo seu esquife extraordinario, tomando-o a principio por uma vela. Não estando muito fóra do meu rumo, e desejando eu obter alguma bolacha, que me ia escasseando, ordenei ao homem do leme puzesse a prôa em direcção da embarcação descoberta. Chegado mais perto, vi que me havia enganado acerca do character do objecto; destaquei, comtudo, um bote, para deslindar o mysterio da cousa que via. Recolhido o bote, contou-me o patrão grandemente alarmado, que aquillo não era um navio, nem um bote, nem embarcação alguma, mas uma verdadeira casa fluctuante. Ri-me muito, e não acreditando no que me dizia, fui em pessoa examinar o achado. Andei á roda da caixa, e descobri as janellas resguardadas pela rede de arame, e bem assim as alças de ferro, pelas quaes mandei passar um cabo e rebocar a caixa singular até o meu navio, porque estava realmente curioso de saber o que haveria no interior. Chegado ao costado do navio, mandei passar outro cabo pela argolla de ferro para içar a arca; mas foi impossivel, attendendo ao seu peso.

Por fim, vimos a sua bandeira, e ouvimos os seus gritos, e tiramo-lo da caixa do modo que já lhe é conhecido.

Ouvi attentamente estas explicações, perguntando depois se o capitão ou algum dos seus marujos no tempo que descobrirão a minha arca, não tinham visto no ar alguns passaros gigantescos.

— De certo, — respondeu um dos marinheiros, — vi voar tres aguias para o norte; mas não erão maiores do que as aguias soem ser em geral.

Expliquei-me este factio pela distancia, porque aguia do tamanho ordinario, nunca poderia ter alçado o meu aposento, e, portanto, não podião ter sido de Brobdignak. Calando, entretanto, estas reflexões, perguntei ao commandante a que distancia julgava estar de terra.

— Por meus calculos, cem milhas pelo menos, — respondeu elle.

Eu então lhe observei que, no momento de cahir na agua, não fazia duas horas que sahira do paiz, e que por conseguinte, elle devia ter andado errado nos seus calculos.

Esta observação despertou de novo ao capitão a ideia que na minha cabeça as cousas não andavão muito certas, dando isso a entender, aliás, de um modo delicado.

— Não quer dormir mais um pouco, caro amigo? — perguntou-me elle; — parece que desastres lhe transtornarão um tanto a cabeça, e um bom somno é o melhor remedio para equilibrar tudo.

— Não ha tal, não ha tal! — protestei eu apressadamente; — estou bem são da mente, e agradavelmente animado por sua amavel conversação. Palestremos, pois, mais algumas horas, e conte-me como as cousas se passão na minha bella patria, da qual ha dous annos não tenho noticias.

Tornou-se serio e formal o commandante e fitou-me attentamente.

— Cavalheiro, — me disse elle, — não o negue e confesse-o francamente que os seus soffrimentos lhe abalarão as faculdades mentaes. Sem duvida alguma commetteu algum crime grave, e por castigo, foi encerrado naquella caixa para morrer de fome. Não

tenha medo de abrir-me o seu coração, pois que de qualquer modo que haja delinquido, não o hei-de prender. Dou-lhe, pelo contrario, solemnemente a minha palavra de desembarca-lo livre no primeiro porto em que chegarmos. Mas, antes disto, ha-de descarregar a sua consciencia por uma confissão sincera. Não pense que me ha-de illudir! Suas palavras insolitas, seus olhares incertos, todos os seus modos justificão demasiado as suspeitas que acabo de externar-lhe.

Ouvindo estas palavras do commandante, julguei prudente revelar-lhe todas as minhas aventuras sem rodeios. Pedi-lhe que me ouvisse com paciencia, e referi-lhe tim-tim por tim-tim, o que me tinha acontecido desde que me embarcára no *Aventureiro*.

As minhas phrases bem concatenadas, e, sobretudo, a força irresistivel da verdade sem rebuço, que nunca deixa de actuar sobre os sentimentos de um homem de bem, cêdo convencêrão o commandante de que podia confiar-me, e que não tratava com mentecapto algum, o que colligi da mudança no trato e dos seus olhares amistosos.

Para dissipar-lhe, porém, até o ultimo vislumbre de alguma duvida, pedi-lhe que mandasse trazer a minha secretária, cujas chaves eu tinha na algibeira.

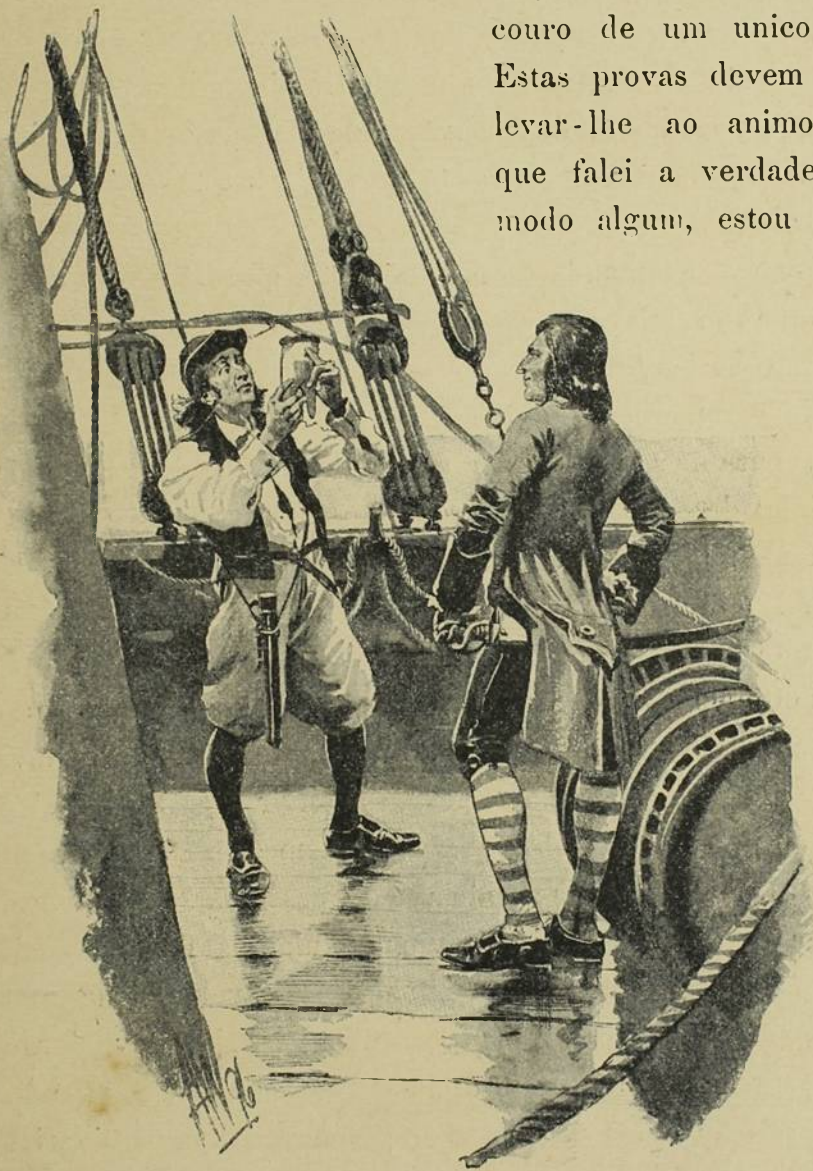
— Aqui, cavalheiro, — disse eu, — aqui está um pente, feito por mim com as aparas da barba do rei de Brobdignak; aqui tem um outro destinado para pentear as minhas suissas, cujos dentes inseri em um fragmento de unha da rainha. Isto agora, é uma collecção de agulhas; eis aqui as mais finas, que têm um pé de comprimento, eis alli as maiores que medem uma vara. Aqui tem os ferrões das vespas que me assaltárão, e mais um crespo da cabeça da rainha. Isto é um anel que Sua Magestade se dignou offertar-me, tirando-o do dedo minimo e passando-m’o ao pescoço em ar de collar. Acceite-o, Sr. commandante, que eu lh’o brindo em troca de sua benevolencia. Isto agora é o callo de uma dama de honor, que eu extirpei-lhe pessoalmente. Tenha a bondade de

reparar que não é um callo como qualquer outro; em tamanho iguala a uma laranja de umbigo, e em resistencia é mais duro que um chifre de boi. Queira notar, finalmente, que estas minhas

calças fôrão confeccionadas com o couro de um unico camondongo. Estas provas devem satisfazê-lo e levar-lhe ao animo a convicção que falei a verdade, e que, de modo algum, estou maluco.

Calei-me, e o commante estendeu-me a mão, pedindo-me desculpa de haver duvidado da minha veracidade. Ao mesmo tempo devolveu-me o anel, que queria regalar-lhe; não pude persuadi-lo de que devia aceitar este signal de gratidão, e

apenas consegui que recebesse, depois de muita reluctancia, o dente de um criado de Glumdalklitsch, arrancado por engano por um dentista descuidado, e conservado por mim, por são e limpo. De comprimento media um pé, e tinha quatro pollegadas de diametro.



Tanto agradára ao commandante a minha narração singela, que me aconselhou escrevesse a historia das minhas aventuras e que a publicasse logo depois da minha volta á patria. A principio recussei-me, dizendo que por fim de contas só cousas de pouco interesse teria de narrar; que me faltava pratica, para ser escriptor; que receiava ser alvo da zombaria, de encontrar incredulos, e outras cousas mais, que por fim só disfarçavão o desejo secreto de acceitar o conselho; ao cabo cedi, como provão as paginas que estás lendo, oh! caro leitor.

Patenteou-me o commandante a admiração que lhe causava o tom alto em que eu falava, perguntando-me se as magestades de Brobdignak erão surdas?

— Não, de certo, — respondi eu, — mas o Sr. capitão ha-de ponderar que, para ser ouvido por algum habitante daquelle paiz singular, eu tinha de falar tão alto, como se na Inglaterra quizesse conversar com algum amigo collocado no alto de uma torre. Dahi a intensidade da minha voz, acostumado a gritar como um pregoeiro, costume que me ha-de custar a perder.

Demais, continuei eu, — tenho que dizer-lhe, caro amigo, que tambem eu me admirei grandemente da sua voz, quando o ouvi falar pela primeira vez. Parecia-me estar a ouvir um fraco cochichar, posto que percebesse cada syllaba. Da mesma maneira, ao pisar no navio, estranhei ver-me rodeiado de pessoas tão pequenas, comparadas com os gigantes de Brobdignak; julguei ter cahido em um roda de anãosinhos, e, apezar da situação horrivel da qual mal tinha escapado, não pude abafar uma gargalhada. Não deve levar a mal este meu procedimento, lembrando-se que estava acostumado á escala gigantesca de todas as cousas daquelle paiz extraordinario. Nem a mim mesmo podia contemplar no espelho sem perder-me o respeito, porque o meu individuo apparecia-me demasiado mesquinho e rachitico.

— É certo, — respondeu o commandante, — é certo, Sr. Gulliver, que logo na mesa notei que reparava com muita admiração em

todos os objectos, e que a grande custo engulia uma gargalhada prestes a irromper. Parecia-me muito singular, e firmára-me sempre na crença de que padecia da cabeça.

— Não ha duvida, — retruquei eu, — que a cada momento tinha que reprimir as risadas. Ainda neste momento sinto cocegas, quando contemplo todas as suas cousinhas mimosas, os pratinhos, as faquinhas, os garfinhos, suas casquinhas de nozes de copos e taças, uns presuntinhos e assadinhos, dos quaes tres ou quatro poderião servir de um só bocado.

Continuei a descrever deste modo todos os trastes do commandante, e tão contagioso foi o meu bom humor, que o meu hospede acabou por acompanhar-me nas minhas gargalhadas. Não me lembrava eu que a rainha tinha tido que mandar fabricar para mim um serviço especial; impressionado ainda por tudo quanto tinha observado em Brobdignak, fechava os olhos á minha propria pequenez, como em geral os homens soem fazer aos seus defeitos, e, de volta entre os meus semelhantes, quasi via em mim um habitante do paiz dos gigantes.

O commandante, porém, tentou destruir-me esta illusão.

— O amigo, — disse elle, — o amigo tem, como se diz no rifão, os olhos maiores do que o estomago. Não acho que tenha appetite gigantesco, apesar de sua excursão arriscada e de um jejum prolongado. Olhe que devéras daria cem libras para presenciar o seu vôo no bico da aguia e o seu mergulho no mar. Deve ter sido um espectáculo de arromba!

Riu-se devéras o bom do capitão, e eu fugi de perturbar-lhe a alegria por uma susceptibilidade intempestiva, contentando-me com a affeição e affabilidade que me patenteava.

Vinha o meu amigo de volta de Tong-king para a Inglaterra, e o navio, no momento em que me recolheu, achava-se em vinte e quatro grãos de latitude e cento e quarenta e tres grãos de longitude, derrotado por um temporal prolongado.

Dous dias depois alcançámos a região dos ventos aliseos; navegámos para o sul e arribámos em Nova-Hollanda, tomando depois o rumo do Cabo da Bôa Esperança, que dobrámos com bom tempo.

Continuámos a nossa derrota em circumstancias favoraveis, e ao cabo de nove mezes vimos por fim surgir das ondas os rochedos brancos da minha patria querida.

Tão commovido estava eu que soltei gritos jubilosos; estendi os braços para a terra natal, e derramei lagrimas copiosas, lagrimas de alegria sem fim.

Aos 3 de Junho do anno de 1706 largámos o ferro, e o commandante mandou immediatamente preparar um bote para desembarcar-me. Agradei-lhe esta nova attenção, e, estando completamente baldo de dinheiro, offereci-lhe deixar em garantia os meus trastes, até poder enviar-lhe o preço da passagem que marcaria.

Mas o commandante recusou nobremente qualquer retribuição, dizendo achar-se sufficientemente indemnizado por minha amavel companhia.

Não insisti mais; abracei o meu hospede generoso, recebendo d'elle a promessa de que o mais breve possivel me visitaria em minha casa de Rodriff.

Com cinco schillins na algibeira, emprestimo de um amigo, aluguei um cavallo e um guia, parti alegremente para o interior, em busca do lar da minha familia querida.

Quando alcancei a cidade; quando vi as casas, as ruas, os homens, o gado, as arvores, julguei devéras que tinha voltado a Liliput, e muito me custou livrar-me desta illusão.

A cada momento receiava quebrar as pernas ás creaturas que formigavão a redor de mim, gritando de susto ás vezes, e ordenando-lhes que me sahissem do caminho, o que quasi me valeu uma sova, sem falar nas descomposturas que por todos os lados me passavão.

Chegado diante da minha casa, não dava com a porta; o criado teve de indicar-m'a, e quando entrei encurvei-me profundamente, porque receiava quebrar a cabeça na travessa superior.

Minha bôa mulher, rindo e chorando, precipitou-se-me ao encontro, querendo abraçar-me; mas eu dobrei-me até á altura do joelho della pensando que de outro modo não me poderia alcançar a bocca.

Minha filhinha, uma linda menina de oito annos, ajoelhou-se diante de mim, para tomar-me a benção. A principio nem a vi, e quando notei a sua presença, alçei-a

para sentala na palma da minha mão. Mãe e filha pensárão um momento que tinha enlouquecido. E comtudo só se devia procurar a causa do meu procedi-

mento insolito na convivencia prolongada com homens de sessenta pés de altura. Eu caminhava constantemente de pescoço esticado, cabeça erguida e olhos pregados no céu. Aos meus compatriotas,

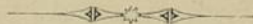


á minha familia e criadagem olhava de cima para baixo, como se fosse eu um gigante e elles minimos pollegares, chegando a dizer á minha mulher que se tinha tornado avarenta, privando-se a si e aos filhos do alimento, e que por isto ficára toda encolhida, como uma ameixa madura.

Taes palavras, os meus ademanes singulares, todo o meu procedimento extravagante, em breve me grangearão a reputação de maluco, e muito tempo tive de levar, para persuadir a meus concidadãos que estavam enganados.

Só depois de ter narrado todas as minhas aventuras e mostrado todos os objectos trazidos de Brobdignak, rehabilitei-me aos olhos dos meus semelhantes, que desculpárão as minhas tolices á vista das cousas extraordinarias que me havião acontecido.

Minha mulher, porém, que durante a narração ora tinha chorado lagrimas amargas, ora soltado risadas gostosas, jurou por tudo quanto lhe era sagrado, que nunca mais permittiria que eu puzesse o pé em embarcação alguma. Bastava-lhe de vida solitaria, e já era chegado o tempo de gozar da presença do seu marido, sem estorvos e cuidados.



INDICE.

LIVRO I. — Viagem a Liliput.

LIVRO II. — Viagem a Brobdignak.

COAGAO. FFLCH

36114

1A





